

Convergência

Maio, Junho e Julho • 2023 • ANO LVIII



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Eliane Cordeiro de Souza, mc
Editor: Frei Vanildo Luiz Zugno, ofmcap
Redatora: Ir. Maria Neusa dos Santos, imc - MTB - 40099/SP

Conselho Editorial: Ir. Maria Neusa dos Santos, ciic
Fr. Oton da Silva Araújo Júnior, ofm
Ir. Edgar Nicodem, fsc
Ir. Silvânia Aparecida Coelho, sts
Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp

Projeto Gráfico e Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Frei Vanildo Luiz Zugno, ofmcap
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da Capa: Ir. Luiz Carlos Lima, FMS

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: publicacoes@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

EDITORIAL	5
ARTIGOS	9
A Centralidade em Jesus Cristo e em sua Palavra na Vida Religiosa Consagrada <i>Zuleica Aparecida Silvano e Rivaldave Paz Torquato</i>	9
A Dança da Vida Religiosa Consagrada para os tempos que vivemos <i>Maria Cristina Gianni Salla</i>	27
Coração Silencioso <i>Frei Jonas Nogueira da Costa, ofm</i>	39
A Experiência de Deus na Espiritualidade Carmelitana <i>Frei Alberto Henrique Ferreira Marini, O. Carm</i>	49
Gratidão e Persistência <i>Ir. Ana da Glória Alves Rolim</i>	63
A Vida Religiosa Consagrada na Assembleia Continental do Sínodo sobre a Sinodalidade – Etapa Cone Sul	75
Crônica da Etapa do Cone Sul da Assembleia Continental do Sínodo sobre a Sinodalidade <i>Pe. João da Silva Mendonça Filho, sdb</i>	77
Tempo de Escutar e alargar a tenda <i>Pe. Alexsandro Ribeiro Nunes, CSS</i>	91
Caminhando e Semeando <i>Pe. Darlei Zanon</i>	95
O Processo Sinodal: Percepções a partir da missão <i>Ir. Ana Soares Pinto</i>	101

4	Um mergulhar crescente no vigor eclesial pulsante, não obstante drenagens desvitalizadoras <i>Ir. Teresinha Mendonça Del'Acqua, osf</i>	107
	Uma Experiência Singular <i>Frei Daniel Soares, ofm Cap</i>	111
	MENSAGENS DO PAPA	115
	Palavras do Papa Francisco na Viagem à África	115
	Discurso do Papa Francisco por ocasião do encontro de oração com os Sacerdotes, Diáconos, Consagrados e Consagradas e Seminaristas.....	117
	Discurso do Papa Francisco no encontro com os Bispos, Sacerdotes, Diáconos, Consagrados e Consagradas e Seminaristas	123
	Oração Ecumênica	131
	INFORMES	135
	Cerne 123.....	135
	ORIENTAÇÕES PARA OS/AS COLABRADORES/AS	139



Ser cristão é identificar-se com Jesus Cristo nas duas dimensões fundamentais do ser humano: o ser e o agir. Cada um e cada uma é convidada a ser um outro Cristo e, por consequência, assumir o compromisso de dar continuidade à construção do Reino de Deus tal qual Ele o fez. Como nos lembra o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre a Chamada à Santidade no Mundo Atual, “a tua identificação com Cristo e os seus desígnios requer o compromisso de construíres, com Ele, este Reino de amor, justiça e paz para todos” (GE 25).

Transfigurar-se a si mesmo e entregar-se ao outro e ao grande Outro que é Deus são os dois movimentos que movem a vida de fé. Oração e ação, como o definiu a primitiva tradição da Vida Religiosa Consagrada, são dinâmicas que não se excluem, pelo contrário, se exigem mutuamente. Uma não vive sem a outra.. Quando separadas, tornam a experiência cristã esquizofrênica: “Não é saudável amar o silêncio e esquivar o encontro com o outro, desejar o repouso

e rejeitar a atividade, buscar a oração e menosprezar o serviço” (GE 26).

O grande desafio para todo cristão e, de modo especial, para os consagrados e consagradas, é não deixar-se cair no “mundanismo espiritual” (EG 93-97) e não ser tentado a “agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem” (EG 80).

A doação generosa de si mesmo, a dedicação pastoral e o compromisso na transformação das duras realidades do mundo, não dispensam os momentos de quietude, solidão, oração e silêncio diante de Deus (GE 27-29). De fato, “precisamos dum espírito de santidade que impregne tanto a solidão como o serviço, tanto a intimidade como a tarefa evangelizadora, para que cada instante seja expressão de amor doado sob o olhar do Senhor. Desta forma, todos os momentos serão degraus no nosso caminho de santificação” (GE 31).

Na última Assembleia Geral Ordinária, a Conferência dos Religiosos do Brasil, inspirada na exortação de Jesus - "Permaneça em meu Amor" (Jo 15,9) - estabeleceu como prioridade no Eixo Discipulado, "cultivar a vivência da Palavra de Deus como um itinerário de conversão, em atitude de escuta, discernimento e compromisso".

Este número da Revista Convergência tem como objetivo colocar-nos num caminho de reflexão sobre esta dimensão fundamental da VRC.

No primeiro artigo, somos convidados a mergulhar na períclope joanina que nos oferece o contexto da frase inspiradora do triênio. Irmã Zuleica Aparecida Silvano e Padre Rivaldave Paz Torquato nos oferecem uma fina exegese e nos convidam a refletir sobre o que significa, na tradição joanina, "permanecer em Jesus" e as consequências que isso tem para o cristão e para nós religiosos e religiosas.

No segundo texto, Irmã Maria Cristina Gianni Salla nos provoca a ouvir a música do Espírito que nos convida a dançar a dança da vida nas alegrias e sofrimentos das pessoas com as quais convivemos. *Parar, sentir e nomear* a vida que nos afeta são premissas para um agir que toma em conta a vulnerabilidade humana e, diante dela, igual

a Cristo que se fez vulnerável, assumi-la misericordiosamente.

No terceiro texto, Frei Jonas Nogueira da Costa estabelece um diálogo entre a tradição espiritual cristã expressa na obra de Thomas Merton e o islã sufita de Jalal Muhammed Rumi. O ponto de encontro das duas experiências é o caminho para dispor de um "coração silencioso" para que Deus possa manifestar a Sua vontade em nós e mostrar-nos o caminho de abertura ao mundo.

Dentre as diversas tradições espirituais cristãs, Frei Henrique Ferreira Marini nos conduz no caminho carmelita a partir da figura fundante do profeta Elias que inspirou essa forma de vida que tem na pessoa de Maria uma inspiração central e encontrou em Teresa D'Ávila uma de suas grandes expressões.

Ainda falando das tradições espirituais cristãs que constituem a grande árvore da Vida Religiosa Consagrada, Irmã Ana da Glória Alves Rolim nos retrata o percurso de Joana Baptista de Neerinchque, nas terras conflagradas da Bélgica no início do século XVII, deu início à comunidade das Irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas de Oirschot. Conduzidas pelo Espírito, atravessaram século e o Oceano Atlântico para estabelecerem-se no Brasil onde continuam dando testemunho

do modo de vida franciscano.

Na sequência, temos dois “pacotes” de textos. O primeiro, são relatos de religiosos e religiosas que participaram da Etapa Cone Sul da Assembleia Continental do Sínodo sobre a Sinodalidade. O evento aconteceu em Brasília, de 6 a 10 de março e contou com a presença de representantes do Paraguai, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil. Como em todo processo sinodal desde a fase de escuta, os religiosos e religiosas estão aportando significativamente para este caminho que pretende renovar a Igreja para que ela permaneça fiel ao Espírito de Deus. Trazemos aqui algumas percepções pessoais que, a partir da variedade dos lugares sociais e eclesiais nos quais a VRC pisa, ajudam a compor o grande mosaico da vida.

O segundo “pacote” é constituído por três pronunciamentos do Papa Francisco durante sua visita à República Democrática do Congo e ao Sudão do Sul, realizada de 31 de janeiro a 5 de

fevereiro passado. Dois deles, um pronunciado em Kinshasa e o outro em Juba, tiveram como destinatários principais os consagrados e consagradas, os diáconos e presbíteros. O outro, foi por ocasião de uma oração ecumênica pela paz. Mesmo pronunciados em contexto diferente ao nosso, são provocações que nos fazem pensar na qualidade espiritual e no compromisso social de nossa consagração e, por isso, vale a pena dedicar a eles um tempo de leitura e meditação pessoal e comunitária.

Para finalizar, só nos resta agradecer a cada irmã e a cada irmão que, com suas reflexões, contribuiu para a composição de mais um número desta revista que se quer um espaço de reflexão e partilha da Vida Religiosa Consagrada no Brasil. E, a cada leitor e leitora e a todas as comunidades, bons, profundos e fecundos momentos de estudo, partilha e oração.

FREI VANILDO LUIZ ZUGNO, OFM^{cap}

PROFOLIDER 2023



✓ Oásis Capuchinho - Hidrolândia, GO

✓ De 10 de setembro a 19 de outubro

✓ Informações e Inscrições:

cerne@crbnacional.org.br ou

Fone/Whatsapp: (61) 98471-0242

A CENTRALIDADE EM JESUS CRISTO E EM SUA PALAVRA NA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

ZULEICA APARECIDA SILVANO E RIVALDAVE PAZ TORQUATO¹

Resumo: Esse artigo objetiva estabelecer a relação entre o lema bíblico extraído de Jo 15,9 (“permanecei no meu amor”) e a primeira prioridade da CRB, para o triênio 2022-2025. Para tal intento, parte-se da análise de Jo 15 e de indicações de elementos afins com o cultivar a vivência encarnada da Palavra de Deus, a contínua conversão e o compromisso com essa Palavra. E como resultado desta análise, visa-se perceber como Jo 15 abarca os três eixos escolhidos para o triênio: o discipulado ou a centralidade em Jesus Cristo; a sinodalidade e a missionariedade.

Palavras-chave: Jo 15; Centralidade em Jesus Cristo; Palavra de Deus; Conversão.

Introdução

A primeira prioridade da Vida Religiosa Consagrada (VRC) no Brasil para o triênio 2022-2025 no Eixo do Discipulado consiste

em “cultivar a vivência encarnada da Palavra de Deus como um itinerário de conversão em atitude de escuta, discernimento

¹ Zuleica Aparecida Silvano é Irmã Paulina. Licenciada em Filosofia; Mestra em Ciências Bíblicas e Doutora em Teologia. Professora na FAJE (BH); membro da Equipe de Assessoria Interdisciplinar da CRB Nacional. Endereço para contato: zuleica.silvano@paulinas.com.br. Rivaldave Paz Torquato é Padre Carmelita. Graduado em Filosofia; Mestre e Doutor em Sagrada Escritura. Professor na FAJE (BH). Endereço para contato: rivaldave.paz@gmail..

e compromisso”. Ao ter esse desafio como prioridade, a pergunta que emerge é: Como o lema escolhido para nortear o triênio, “Permaneçei no meu amor”, extraído de Jo 15,9, pode inspirar a vivência desta primeira prioridade? Para respondê-la analisaremos o texto de Jo 15,1-17 e depois serão elencados alguns aspectos que possam contribuir para essa reflexão.

Permaneçei no meu amor: Jo 15,1-17

A frase escolhida como lema para o triênio 2022-2025 é extraída de Jo 15. O contexto literário desse capítulo é bastante sugestivo para a VRC. Ele está inserido no longo discurso de despedida, que se inicia em Jo 13, com a última ceia e o lava-pés e termina em Jo 17, com a oração sacerdotal de Jesus, a oração de unidade sinodal. O ambiente da ceia contém uma densidade, pois é a última que Jesus realizará com seus discípulos, mas também é marcada por uma dramaticidade, que é aquela da traição, da fuga, da dispersão, da negação. É a tensão entre o amor e a traição. Jesus revela seu amor a ponto de doar a própria vida, afirmando sua amizade e a necessidade de permanecerem em seu amor. E

no mesmo instante em que diz cada uma destas palavras de despedida, temos o auge da traição, e da dispersão da comunidade, que vive em pedaços.

Jesus está à mesa com seus discípulos, no lugar de comunhão, antes de sua morte, num contexto de Páscoa, de fazer memória da escravidão e da libertação, e se coloca a serviço, lavando os pés de cada um deles, revelando quem é o Pai, sentido último de sua existência. De repente percebe-se a tristeza de Jesus que anuncia: “um entre vós irá me trair”. São palavras duras, carregadas da densidade deste momento de despedida, porém que escancaram a fragilidade e a fragmentação da comunidade reunida. Enquanto isso, os discípulos, inseguros de sua fidelidade, perguntam: “Acaso sou eu o traidor?”. É uma resposta lúcida, realista, daqueles que reconhecem a sua ruptura, mas é também uma resposta atordoante, diante da revelação escancarada do amor e da amizade da parte de Jesus (ADÃO, 2023).

É uma comunidade dividida internamente, cenário que pode ajudar na reflexão sobre o cenário da VRC. Nessa comunidade há Judas, que iniciou o seguimento com tanto entusiasmo, mas que não entende o Reino

anunciado por Jesus, que percebe em sua caminhada vocacional tantas expectativas frustradas, que sonhava com um Jesus líder revolucionário, que colocaria fim no Império Romano num passe de mágica, mas que se defronta com um fechamento total à revelação do amor de Deus e do sentido da vida humana. Judas tem um discurso profético sobre os pobres (Jo 12), mas depois tira vantagem de quinquilharias.

Há também o discípulo amado que vive esse momento também em “pedaços” pela perda do amigo como consequência de sua fidelidade ao Reino, que passa a ceia se perguntando se terá forças para suportar tanto sofrimento, tanta dor. O discípulo fiel, que apesar das frustrações, de ter passado tanto tempo no seguimento, ainda se deixa interpelar por sua palavra e pela realidade, e acompanha Jesus, até as últimas consequências. Lá se encontra Pedro, que pensa ser capaz de tudo, que não enxerga as suas inconstâncias, que responde de forma imediatista, sem refletir. Que afirma orgulhosamente seu seguimento, mas é incapaz de sustentá-lo quando é questionado por uma simples criada.

Por fim, é uma comunidade constituída por outros discípulos, dos quais não há informações

no texto. Podem ser discípulos que estão com Jesus por mero entusiasmo, por verem nele algo novo e diferente, que talvez não tenham nenhuma consciência das consequências do seguimento, sem nenhum sentido de pertença, sem compromisso, que no primeiro sinal de perigo fogem, para embarcar em outra, na qual se pode ter o mínimo de vantagem. Ou podem também ser pessoas incomodadas com esse contexto, que ainda não sabem elaborar o que realmente estão vivendo, mas que estão dispostas a seguir Jesus, não obstante esse momento de crise, de frustração de suas expectativas.

Diante desse cenário é possível perceber que Jesus não escolhe discípulos sem defeitos, mas pessoas que experimentam o cansaço, a frustração, a dor, a incompreensão. E, no entanto, eles encontram em Jesus alguém que ama, que confia e que manifesta o amor de Deus nessa atitude. Por isso, pode-se dizer que apesar dessa fragmentação na comunidade de Jesus, esse seu discurso de despedida visa mostrar que a cruz não leva à ruptura da relação com Jesus, mas à sua plenitude (ZUMSTEIN, 2006, p. 152), o que é um paradoxo.

Ao continuar a análise, percebe-se que no texto precedente

ao capítulo 15, Jesus conclui o primeiro discurso de despedida dizendo: “Levantai-vos! Partamos daqui!” (Jo 14,31b). Em 18,1 o narrador diz: “Tendo dito isso, Jesus foi com seus discípulos para o outro lado da torrente do Cedron”. A continuidade, portanto, entre o final do cap. 14 e início do cap. 18 é tal que ninguém notaria a ausência dos capítulos 15–17. Todavia, João insere neste meio o segundo discurso de despedida de Jesus (15,1–16,33)¹ e sua oração sacerdotal (17). Nosso texto abre o segundo discurso de despedida. O início é repentino e entra de imediato na linguagem figurada. Jesus havia dito “já não falarei muito” (14,30a) e dá sinal de partida (14,31b), no entanto, continua falando, fazendo seu discurso de despedida (POPLUTZ, 2007, p. 828). A “incoerência literária” caracteriza a ruptura e o novo começo.² Na passagem

1 Muitos autores preferem ver como unidade 15,1-16,4a. Enquanto 16,4b-33 seria uma retomada do discurso fundamental de despedida (13,33-14,31) (LÉON-DUFOUR, 1996, p. 110).

2 Há quem veja a transição entre 14,31 e 15,1 com normalidade e não ruptura: o evangelista, após apresentar o convite de Jesus a levantar-se e partir, se dirige ao leitor que vai ao encontro do Mestre e entra em comunhão com ele na sequele de discípulo e discipula. Segundo BECKER, 15,1-17 seria uma inserção textual como suplemento literário ao IV Evangelho feito pela escola joanina. O texto outrora autônomo já tinha sua unidade redacional. Isto explicaria as incoerências com as

de Jo 15,1-17 transparece a Igreja *ad intra*, isto é, em sua relação com Cristo e voltada para dentro, para o convívio fraterno. A realidade retratada no texto seria de uma comunidade pós-pascal, pois pressupõe o Cristo já exaltado (SCHOLTISSEK, 2000, p. 275). A partir do v. 18 emerge uma nova temática: os discípulos em sua relação com o mundo, *odiados* pelo mundo, ou seja, a Igreja *ad extra*.³ Não se fala mais do permanecer dos discípulos em Jesus e da produção de frutos num amor recíproco, mas de uma necessária superação de toda hostilidade que põe a existência do cristão em risco (RITT, 1989, p. 139). Portanto, embora 15,1–16,4a forme um

partes vizinhas e a ausência da situação de despedida (199, p. 170-171).

3 Alguns autores preferem ver 14,1-17,26 como um único discurso pronunciado após a celebração da páscoa entre o lavapés (13,1-30) e a Paixão (18,1-19,42). Esse discurso se divide – segundo as normas retóricas mais comuns da época do autor – em três partes: introdução (14), corpo do discurso (15-16) e uma conclusão (17). O corpo do discurso se subdivide outra vez em duas partes (15,1-16,4a; 16,4b-33) exprimindo dois pensamentos cada um, por sua vez, apresentado em seus opostos, ou seja: o amor (15,1-17) e o ódio (15,18-16,4a); a partida de Jesus (16,4b-15) e o seu retorno (16,16-33). Neste caso, nosso texto abriria não o discurso como um todo, mas o corpo do mesmo e estaria delimitado pela temática do amor (RINALDI, 1990, p. 97-98). De fato, o binômio antitético amor-ódio é conhecido em João (cf. 3,19). U. WILKENS vê os caps. 14-17 como um conjunto sendo 15,1-16,4 a parte central (2002, p. 298).

conjunto unitário, seguindo a dinâmica do binômio antitético amor-ódio, a primeira parte (15,1-17) é claramente delimitável (SCHNACKENBURG, 1990, p. 125-126). Ao ter presente os três eixos do horizonte de prioridades da CRB, pode-se dizer que Jo 15 abarca os três, a saber: o discipulado, ao afirmar sobre o permanecer no amor; a sinodalidade, ao enfatizar o amor fraterno e a missionariedade, ao exortar a produzirem frutos.

Analisar-se-á esse capítulo tendo presentes quatro partes. Apesar de sabermos que há outras formas de estruturar o texto, esses quatro pontos servirão para o objetivo deste artigo. São eles: o permanecer em Jesus (vv. 1-5a); as consequências do permanecer ou não em Cristo (vv. 5b-8); o permanecer no amor de Jesus (vv. 9-11) e o mandamento de amar uns aos outros, como Jesus amou (vv. 12-17).

Permanecer em Jesus (vv. 1-5a)

Jesus dispensa uma introdução, antes abre o seu discurso de modo imediato com a forma “Eu sou”, isto é, com a palavra figurada “Eu-sou a verdadeira videira”.⁴

4 Existem dois termos gregos para “vinha”: a) *ampelos* que designa uma planta única, o pé da vinha, a videira propriamente dita (cf. Os 10,1; Is 5,1; Jr 2,21; Ez 15,2; 17,6-10;

Mais exatamente, tem-se aqui uma palavra de revelação formada pela forma de autorrevelação “Eu-sou” e uma expressão figurada com artigo “a verdadeira videira”.⁵ No NT, este é um fenômeno tipicamente joanino apresentando Jesus como o revelador do Pai.⁶ O sentido destas autoproclamações divinas vem certamente não só do Êxodo (3,14), mas também de Isaías⁷ e é

19,10; Sl 80,9-17); b) *ampelôn* que significa um vinhedo, um conjunto de pés de vinha (cf. Ct 1,6; Is 5,1,3-5,7; 27,2). Ambos são usados pela tradução grega LXX para traduzir o termo hebraico kérem e para designar Israel. Ora, enquanto os sinóticos optaram pelo segundo termo, João preferiu o primeiro. Assim, o evangelista mantém a singularidade de Jesus sem perder a pluralidade dos ramos. Atribui-se a Jesus, enquanto ser singular, uma dimensão coletiva sem privá-lo de sua individualidade própria (LÉON-DUFOUR, 1996, p. 115.113, n.10). Convém lembrar ainda que “no grego vulgar, atestado nos papiros, às vezes ampelos, ‘videira’, assume o significado de ampelôn, ‘vinha’” (BROWN, 2000, p. 993).

5 Normalmente apresenta uma figura e a interpreta depois. Aqui, interpretação e figura se misturam de início.

6 Veja: “Eu sou o pão da vida” (6,35.41.48.51); “Eu sou a luz do mundo” (8,12; 9,5); “Eu sou a porta (das ovelhas)” (10,7.9); “Eu sou o bom pastor (10,11.14); “Eu sou a ressurreição e a vida” (11,25); “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (14,6); “Eu sou a videira (verdadeira)” (15,1.5); “Eu sou rei” (18,37). Exprime uma realidade salvífica. LÉON-DUFOUR observa que – exceto 11,25 – trata-se de figuras concretas com valor simbólico e afirma: “A construção ‘Eu sou’ (*Egō eimi*) seguida de um predicado é uma fórmula joanina de revelação que exprime, de acordo com uma perspectiva sempre diferente, o que é Jesus com relação aos homens em sua missão de salvação” (cf. *Ibid*, p. 114).

7 Confira Is 41,4.10.13-14.17; 42,6.8; 43,10-12.13.15; veja ainda 43,15-25; 45,18-22;

aqui aplicado a Jesus. Não se trata de uma identificação com outra coisa ou pessoa (como ocorre em 6; 8; 11 e 14), mas de reconhecimento, isto é, o orador responde à pergunta: quem é o esperado? Isto é caracterizado pelo alargamento da expressão figurada mediante o adjetivo qualificativo “verdadeira”. Diante de pretensas falsas videiras, o evangelista afirma que apenas *Jesus* é a *verdadeira* videira.⁸ O adjetivo “verdadeira” acentua a singularidade e exclusividade do mestre. Ele não concorre, ele é único,⁹ ressaltando a dimensão cristológica.

No AT a imagem da *videira* é normalmente aplicada a Israel.¹⁰ O profeta Isaías é explícito ao

46,4-9; 38,12; 52,6. Há uma progressão visível entre os três livros: no Êxodo havia um complemento de dom e promessa, isto é, o Eu Sou que liberta Israel significava um dom e uma promessa, mas não expressos. Em Isaías, isto é verbalizado (em expressões como vosso salvador, vosso santo, o criador de Israel). Em João, a ligação entre o Eu Sou e o dom é muito mais explícita mediante o acréscimo do receptor: “*Eu Sou... + quem...*” (cf. 6,51; 8,12; 10,9; 15,5; 18,37). A aproximação João-Isaías se dá também pelo caráter exclusivista do Eu Sou: em Isaías cf. Is 41,4; 43,11; 45,6.18; 46,9; no Evangelho, Jesus insiste que não há outro pão, outra luz, outro caminho, outra porta fora de mim (GUILLET, 1985, p. 44).

- 8 A autoapresentação Eu-sou vinculada a uma palavra figurada era frequente no mundo gnóstico. Provavelmente é a este mundo que João está respondendo.
- 9 Assim como é a verdadeira luz (1,9) e o verdadeiro pão (6,32).
- 10 Cf. Sl 80,9-12; Is 5,1-7; 27,2-5; Jr 2,21; 6,9; 8,13; 12,10-11; Ez 15,1-8; 17,1-24; Os 10,1. Também na literatura intertestamentária como IV Esd 4,27; 5,23.

afirmar: “a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel” (Is 5,7a). O mesmo faz Oseias: “Israel era uma vinha exuberante, que dava frutos” (Os 10,1a). Israel é a vinha que o Senhor “tirou do Egito” (Sl 80,9).¹¹ Ora, Jesus aplica agora esta imagem a si mesmo.¹² Ele personifica Israel como videira viva e vivificante – ocupa a posição de Israel.¹³ Mas não para aí! Trata-se de revelar-se a origem da vida, pura e simplesmente, que no oriente tinha a árvore ou a videira como modelo visível e explícito. E continua: “meu Pai é o vinicultor”. João conserva a perspectiva do AT, isto é, de que Deus é o dono e Senhor da vinha (Is 5; 27), mas também é importante ressaltar que o Pai é o responsável por sua fecundidade, aquele que cuida da videira.¹⁴ Isto significa que

11 A videira é aplicada também à esposa: Sl 128,1-3; Ct 1,14; 2,15; 6,11; 7,9.13; 8,12.

12 O texto mais próximo nos sinóticos seria Mc 12,1-12: a parábola dos vinhateiros. Não há uma comparação entre a vinha e Jesus, mas é obvio que o filho-herdeiro é Jesus. Todavia, aqui em João, Jesus é a videira.

13 A tendência de vincular a videira com pessoas individuais já aparece em Ez 19,10-14 e em Ez 17,1-10 a videira é aplicada ao rei Sedecias. Enquanto personificação, a sabedoria se apresenta como videira (cf. Sir 24,17). A aplicação da metáfora da videira ao Messias aparece em II Br 39,7 e de forma controversa no Sl 80,15-18. Ora, em nosso texto, o evangelista João sintetiza tudo isto na pessoa de Jesus.

14 O Pai (= *patēr*) de quem Jesus se refere é Deus = *theos* (cf. 5,18; 6,27; 8,54; 17,1.3; 20,17). Ambos os termos significam basicamente o mesmo. Contudo, enquanto *theos* é mais usual e o leitor já está habituado

também aqui ele é o fundamento da história salvífica. O v. 1 é profundamente cristológico, mas de uma cristologia teocêntrica, pois aponta para o Pai. Jesus é a videira que dá a vida, mas é o Pai que a cuida, faz crescer e decide sobre a sorte dos ramos que não dão frutos. Isso é descrito na atividade do vinicultor, no v. 2: *cortar, remover; podar, limpar*. Essa atividade é voltada para os ramos, o terceiro elemento na figura. As duas ações são universais, isto é, não há espaço para exceções (*todo ramo*). E todo ramo recebe tratamento por parte do vinicultor – seja este tratamento radical “cortar, remover”, seja de pureza “podar, limpar”. Ele a reveste de cuidados, ele a assiste. Ora, a ação parte do vinicultor, mas a modalidade da mesma (cortar ou podar) é oferecida pelo ramo (produzir/não produzir). A finalidade da intervenção do vinicultor é clara: *produzir frutos*. A unidade de vida dos ramos com a videira tem como pressuposto o produzir frutos, que ela seja fecunda. O ramo “que não produz fruto” aponta para a possibilidade de um discipulado fracassado, estéril. Ora, a produção de frutos tampouco é para si mesma. A pergunta que podemos fazer é: se estão unidos à videira, por que não produzem frutos? Ou seja, não estão

com ele, *patēr* exprime e acentua algo novo na relação com Deus: ele é *pai* e como tal pressupõe *filhos* que somos nós.

em comunhão com Jesus e com os irmãos e irmãs? No contexto da comunidade joanina, dado que o texto foi escrito tendo em vista essa realidade, percebe-se que há membros na comunidade que estão ligados a Jesus por motivos alheios ao seguimento, como o *status*, ou alguma forma de receberem benefícios sociais, mas não desejam escutar e seguir o mandamento do amor.

Os vv. 1-2 abrem a narrativa no sentido que apresentam os três elementos deste discurso figurado ou metafórico: a videira e o vinicultor, respectivamente Jesus e o Pai (v. 1) e os ramos (v. 2), ou seja, a dimensão eclesiológica. Esta dimensão eclesial será especificada mediante as expressões: “vós sois os ramos” (v. 5) e “vos tornareis meus discípulos” (v. 8). Na verdade, o evangelista já apresenta o foco desse segundo discurso de despedida de Jesus, a comunidade: quem é a Igreja, qual seu papel no mundo e qual a base de sua esperança? A base de seu imaginário vem do AT – resgata-se a força (simbólica) conhecida do passado. O cristão é o “novo Israel”, a nova comunidade salvífica, cuja base é o próprio Cristo. É a dimensão eclesiológica (coletiva).

No v. 3, ao usar do mesmo verbo presente no v. 2, o texto fala do “tornar puros”, ou seja, “já

estais *podados*".¹⁵ Na sequência especifica-se a forma: no confronto com a *palavra* de Jesus. Ela deixa a pessoa apta à produção de frutos, ela purifica. A pureza se dava pelo trabalho do Pai que poda, aqui pela palavra do Filho.¹⁶ Ora, o Filho fala o que recebe do Pai (12,49) (LÉON-DUFOUR, 1996, p. 118).¹⁷ Ao mesmo tempo a frase "já estais" declara ou confirma um estado já adquirido. Ao discípulo só resta a possibilidade de produzir "mais fruto" (v. 2b). Aquilo que no v. 2 era apresentado como *tarefa*, no v. 3 é *dom*. O discípulo, a discípula, encontra no dom a força para executar a tarefa. E, por isso, o apelo no versículo seguinte: *permaneço em mim* (v. 4), recebi da seiva fecunda que frutifica, é a vida da graça. Ao confrontar com o v. 2, podemos perceber que tanto quem não produz frutos, como quem os produz sofre a poda, os primeiros para os ramos serem jogados ao fogo e os segundos para produzirem mais frutos.

15 As outras três únicas ocorrências desse adjetivo aparecem em 13,10-11. A *impureza* referida ali diz respeito a quem o entregaria, ou seja, refere-se à traição. A pureza aqui no v. 3 deve ser entendida na esfera do discurso figurado da videira, isto é, na esfera agrícola onde ser puro (no contexto) corresponde à condição de produzir frutos, isto é, estar podada. Não se pensa aqui em pureza moral ou ritual. Como substantivo ocorre ainda em 2,6; 3,25.

16 Em Jo 10 as ovelhas ouvem a voz e seguem o pastor, aqui elas são purificadas pela palavra dele.

17 Veja ainda 3,34; 14,24.

Nota-se que as podas são necessárias, mesmo estando a pessoa no seguimento, é o que ressalta a prioridade da CRB, ao afirmar a necessidade de se cultivar uma vivência encarnada da Palavra, num itinerário contínuo de conversão.

No v. 4, tem-se a primeira ocorrência do verbo *permanecer*, sendo este o tema central, que está na forma imperativa. Isso significa que não é um conselho, mas uma exortação, uma ordem de Jesus, certamente reflexo das hostilidades externas contra os discípulos. Mas, antes de qualquer coisa, significa uma relação de vida ou morte, uma vez que um ramo não vive fora da árvore.¹⁸ Em João, a expressão *permanecer* que, a seguir, aparece nas mais diferentes formulações, tem a conotação do definitivo, do perene no relacionamento com Jesus fundado na fé, um relacionamento de confiança e fidelidade recíproca que existe entre ele e os seus (BLANK, 1988, p. 158-159). O verbo *permanecer* provém de "morar", assim podemos dizer que é persistir na decisão tomada. Todavia, a frase é "permaneço em mim,

18 BROWN lembra que uma das objeções que a imagem da videira-ramos joanina possa enfrentar quando se diz que seu pano de fundo está no AT "é que em nenhuma das passagens do AT em que aparece a videira ela é apresentada como fonte de vida, enquanto que este ponto é de importância capital para João" (2000, p. 1008).

e eu em vós”, isto é, trata-se de uma relação de *reciprocidade*.¹⁹ Esta exigência de Jesus vem justificada na sequência mediante uma comparação.²⁰ Trata-se de uma relação fundamental para a produção de frutos. Sem este vínculo torna-se impossível a vida dos ramos e a existência de frutos. Portanto, o consagrado e a consagrada, são incapazes de produzir (bons) frutos pelas próprias forças. A permanência recíproca é condição para uma vida fecunda e, por conseguinte, para assegurar o verdadeiro

19 Esta é uma temática particularmente cara a João. Aliás, reciprocidade de relação nos parece pouco, trata-se na verdade da inabituação. É a típica forma de imanência recíproca joanina, ou seja, “die typische reziproke johanneische Immanenzformel” (RITT, 1989, p. 139). A segunda parte da frase (v. 4a) apresenta um pequeno problema sintático com a presença da partícula grega *kai*. Alguns tentam traduzi-la como consecutiva, isto é, o permanecer do discípulo é posto como condição para o permanecer de Jesus: “permaneci em mim, então permaneço também eu em vós!”. A presença de Jesus estaria condicionada à do discípulo? Outros preferem um comparativo “como eu em vós”. Haveria paridade entre o discípulo e Jesus? Assim é preferível uma elipse que acentue a unidade da vinha e dos ramos (ao invés da ideia de múltiplo): *e eu em vós*. Na parábola do pastor e das ovelhas (Jo 10), a relação é duas realidades bem distintas. Aqui vinha e ramos são distintos e sem fusão, mas numa inseparável e amorosa unidade. O discípulo é transfigurado por dentro no Ser do Filho graças à força da palavra (v. 3). Sobre isso LÉON-DUFOUR. 1996, p. 120-121.

20 Chamada de comparação pura: *como – assim*. Uma comparação simples aparece no v. 6.

discipulado. Pois o verdadeiro fruto-producente discipulado só se pode realizar na mais íntima e permanente comunhão de vida com Jesus (PORSCH, 1988, p. 165). Não há como remediar: “o ramo não pode dar fruto por si mesmo”! A insistência visa alcançar, sobretudo, os cristãos e as cristãs que oscilam na firmeza de seu credo.²¹

No v. 2a, fica claro que a condição para continuar na videira é produzir frutos (do contrário o ramo é cortado). Agora a condição para produzir frutos é permanecer em Jesus (v. 3). Na verdade, essa é outra forma de acentuar a reciprocidade. Permanecer é sinônimo de fecundidade, amadurecimento, crescimento, enquanto o não permanecer equivale a ser estéril. Permanecer na figura da videiramos caracteriza a comunhão de vida entre os discípulos e Jesus. Até aqui não se definiu ainda quem são os ramos, mas sua função sim: produzir frutos mediante a atuação do vinicultor.

As consequências do permanecer ou não em Cristo (vv. 5b-8)

Nota-se, no v. 5, a retomada da afirmação inicial *Eu-Sou* que

21 Para a existência deles: I Jo 2,19-24; 4,1-3.

especifica quem são os ramos, isto é, “vós” (os crentes, os discípulos, a Igreja, nós da VRC).²² Ramos no versículo anterior era termo de comparação, o discípulo era comparável ao ramo. Aqui é termo de identificação, o discípulo é o ramo. A temática da reciprocidade da relação (Jesus – discípulos) abordada ali tem sua continuidade aqui. Todavia, se acentua uma distinção (eu – vós), ou seja, videira e ramos se pressupõem, aliás, se pertencem, mas não são a mesma coisa.²³ Estabelece-se uma relação de pertença e diferença ao mesmo tempo. Os discípulos são ramos e não videira e dela dependem: “sem mim, nada podeis fazer”! Por outro lado, eles são indispensáveis para a fecundidade da videira. Jesus é fecundo no mundo por meio dos ramos. Outra vez se acentua que permanecer nele é sinônimo de produtividade. O discípulo, pela adesão de fé, torna-se um com ele.

22 Do ponto de vista histórico, vale lembrar que, por ocasião da 1ª revolta judaica contra Roma (66-70 d.C.), nas moedas cunhadas para exaltar a santidade de Jerusalém aparece a figura de uma videira e seus ramos. Depois da queda do templo, os discípulos rabínicos que se reúnem em Jamnia sob a autoridade de Rabi Johanan ben Zakkai foram conhecidos como “a vinha” (Mishnah Kethuboth) (BROWN, 2000, p. 1012).

23 Na verdade, a videira pressupõe o conjunto dos ramos. Não se trata aqui de separar, mas de distinguir.

Os vv. 4-5 apresentam as condições para a produção de frutos. Ora, tais condições são estabelecidas por Jesus e não pelos discípulos. Os discípulos não podem produzir pelas próprias forças, dependem da seiva que vem do tronco. Assim uma atividade apostólica pressupõe uma espiritualidade séria ou os resultados serão míseros. O ativismo baseado no barulho garante a manutenção e a quantidade, mas muitas vezes não assegura a qualidade e o futuro!

O autor do texto joanino admite a possibilidade de não comunhão (v. 6), de não permanecer em Jesus. O tom ameaçador visa acentuar a gravidade do não permanecer.²⁴ A responsabilidade pela ruptura é do discípulo e é simultaneamente da pessoa e da comunidade, como mostra a alternância do singular (v. 6a) e do plural (v. 6b). O fogo é a imagem da extinção completa e radical da vida.²⁵ Na verdade, João realça

24 Tem-se aqui uma linguagem de cores apocalípticas – lançar fora (Mt 5,13; 25,30), queimar no fogo (Mt 3,10; 13,42.50; Ap 19,20; 20,10.40) –, mas não se trata imediatamente de juízo final, mas de uma escatologia presente referida àqueles que abandonam a comunidade joanina, deixando o Cristo doador da vida e caindo no vazio (POPLUTZ, 2007, p. 836). A aplicação deste imaginário ao inferno ou à excomunhão é demasiado rápida e moralizante. O evangelista só quer mostrar que a apostasia é algo muito sério, aliás, desastroso para o discípulo.

25 Já R. SCHNACKENBURG opinava que:

a seriedade da consequência de uma vida cristã sem estreita comunhão com Jesus. Na prática está se afirmando que Jesus é o fundamento, é a vida da Igreja, e de forma especial a VRC. Ela será improdutiva e morta sem ele. Além disso, essa imagem (videira – ramos) diz que a Igreja não é um amontoado de indivíduos justapostos e isolados, mas algo unido, orgânico, que converge para um tronco comum, e de pessoas que são alimentadas pela mesma seiva. Como afirma Gnilka: “não é a história de uma vinha que é contada, mas a relação de Cristo com os seus que é tratado em figura” (apud SCHNACKENBURG, 1980, p. 118).

Após alertar sobre as consequências da não permanência, a frase no v. 7 sublinha a liberdade de opção que é dada ao crente. Retoma-se o tema da reciprocidade, mas desta vez a presença do Cristo se dá mediante sua palavra. Tema já presente no v. 3. O tom não é de ameaça, mas de promessa na esfera da oração a quem permanece. Pedi o que quiserdes... é a segunda forma imperativa desta parte. Antes o permanecer estava vinculado à produção de frutos (tarefa), agora à oração (Jo 14,13), isto é, será ouvido na prece (dom).

“O fogo, que com frequência é símbolo e meio para o juízo e castigo, pertence aqui à metáfora e não significa o fogo do inferno (como em Mt 13,40-42)” (1980, p. 135).

A expressão *ser-vos-á concedido* é um passivo teológico, isto é, Deus é o agente, é ele quem concederá e por isso é dom.

A expressão “meu Pai” (v. 8) fecha a moldura aberta no v. 1. Alcança a meta: glorificar o Pai. O Pai é glorificado pelo Filho (13,31), mas também pelo discípulo que produz frutos. *Produzir frutos*, portanto, não é apenas expressão da permanência em Jesus, visa a glória do Pai (Mt 5,16) e a vida cristã, isto é, o tornar-se discípulo e discipula. O discipulado é assim um processo dinâmico. Quanto mais a pessoa busca autenticidade no discipulado tanto mais ela glorifica a Deus. A glória de Deus reside no testemunho de vida de quem segue Jesus. O discipulado mostra-se, portanto, na produção de frutos que glorificam a Deus. A relação entre o Pai e o Filho serve de modelo àquela relação dos discípulos. É importante notar que o que distingue os discípulos dos demais é o amor recíproco (13,34-35).

O permanecer no amor de Jesus (vv. 9-11)

A partir do v. 9, começa a interpretação da produtividade que a imagem da videira e dos ramos evoca, expressando o amor afetivo

e efetivo, que se dá no compromisso e na responsabilidade para com a vida, fundamentados no amor.

O termo Pai e o verbo permanecer remetem à parte precedente (vv. 1-8). Todavia, introduz-se um tema novo neste discurso: o amor. A frase imperativa “permanecei em meu amor” retoma e, de certa forma, especifica o “permanecei em mim” do v. 4a. Começa-se assim a se definir em que consiste o fruto que o crente deve produzir. Ele precede no amor e nesta precedência alicerça o pedido aos seus. De certo modo, este versículo especifica aquela relação vinicultor-videira do v. 1 como relação de amor entre Pai e Filho.

Com uma frase condicional no v. 10, Jesus define como se permanece em seu amor: pela observância de seus mandamentos. Em seguida se coloca como modelo. Ele é o exemplo a ser seguido. O evangelista deixa claro que a práxis cristã deve ser aquela do Mestre. A observância de mandamentos tem a ver com a práxis, com a conduta ética. É dessa forma que o permanecer em seu amor se materializa ou ganha contornos concretos. Na verdade, esse versículo concretiza o que seja produzir frutos (vv. 2-8): observar os mandamentos.²⁶

²⁶ Em apenas outras duas ocorrências Jesus fala da observância de seus próprios mandamentos (14,15.21). BROWN sugere

A observância dos mandamentos é condição para a alegria do Cristo (v. 11). Quem orienta a vida pelo amor faz a experiência desta alegria que é dom (“minha alegria”). É a alegria de Jesus que gera a alegria de seus discípulos (14,28; 3,29). Este é um tema precioso ao evangelista João,²⁷ dado que para ele a alegria é um dom salvífico, e com frequência aparece vinculado à obra salvífica. Esses elementos ajudam a compreender o ressignificar da VRC por meio da centralidade em Jesus Cristo e em sua Palavra, e exorta para a necessidade de aprofundar no seguimento a Cristo e purificar as motivações.

O mandamento de Jesus aos discípulos: amar (vv. 12-17)

O permanecer no amor de Cristo deve transbordar no convívio fraterno (v. 12). É o mandamento novo (13,34). Nele se reconhece o discipulado (13,35). Jesus sintetiza todos os mandamentos num

que ‘dar fruto’ simboliza a posse da vida divina e, num plano secundário, implica a comunicação desta vida aos demais (2000, p. 1019).

²⁷ O termo *hará* (= alegria, júbilo) aparece 9x (3,29.29; 15,11.11; 16,20.21.22.24; 17,13), seu correspondente verbo *hairō* (= alegrar-se; regozijar-se) aparece outras 9x (3,29; 4,36; 8,56; 11,15; 14,28; 16,20.22; 19,3; 20,20). O verbo *agalliaō* (= exultar, regozijar-se, estar cheio de alegria) aparece mais 2x (5,35; 8,56).

só: amar. Na frase comparativa se apresenta outra vez como modelo: “como eu vos amei”. Não é abstrato, especulativo, é ético, é prático (1Jo 3,18). O mandamento do amor é seu testamento para a comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus, no momento de maior traição.

No v. 13, Jesus define a medida do amor. Medida exemplificada por ele próprio (Jo 13,1). Ao introduzir o tema da amizade, deixa claro que não é uma relação por meio da raça, mas da adesão ao amor de Jesus. Essa relação de amizade é selada por um amor que dá a vida, sendo essa cumplicidade solidária a marca característica dos discípulos e discípulas. Esse amor doado não é um mero exemplo, mas é o caminho a ser trilhado para se chegar ao amor, que tem sua fonte no Pai. Assim, o amor do Pai, que Jesus acolhe e traduz em entrega total, é a fonte e o parâmetro do amor dos(as) discípulos(as) pelos irmãos e irmãs. É uma corrente do amor. O Pai ama o Filho, o Filho ama os discípulos (as), e os chama a amar os irmãos e irmãs. O que é mais paradoxal é que a revelação desse amor se dá nesse contexto de traição, de fragmentação, de cansaço e de frustração de uma ideia de messianismo poderoso, triunfalista não correspondido.

A via para a amizade de Jesus é concreta: é amigo quem realiza o que ele pede (v. 14). A prática é o sinal do dom da amizade aceita. Abraão era amigo de Deus (Is 41,8), alguns do povo educados pela sabedoria são amigos de Deus (Sb 7,27), os discípulos são chamados de amigos por Jesus (Lc 12,4). Agora João acentua a amizade como ingrediente do discipulado. A amizade pressupõe reciprocidade e é uma dádiva (v. 15). De fato, os amigos e amigas de Jesus não são meros objetos de sua afeição, mas sujeitos e parceiros, pessoas que mantêm a aliança com Jesus. Essa amizade nasce dessa escolha de Jesus em dar a conhecer o que ouviu do Pai (v. 15).²⁸ O evangelista diz que os(as) discípulos(as) não são escravos, marcados pela ignorância da vida de seu senhor, além da ausência de liberdade. Não é esta a relação de reciprocidade sonhada por Jesus. Por isso, não são meros executores de tarefas (escravos), são amigos, aos quais é comunicado o seu projeto, para ser acolhido no coração e ser comunicado com a vida. É uma relação de amizade, gratuita!

Outros temas abordados são a eleição, o chamado e a missão (vv. 16-17). No v. 16, o autor

²⁸ Cf. também 6,70; 13,18.

resume esses aspectos ao retomar a temática da escolha; ao afirmar a iniciativa de Jesus em escolher, e inova ao asseverar que o fruto deve ter consistência, deve permanecer. Não pode ser palha ou fumaça inconsistente. Esta escolha por parte de Jesus não se contrapõe aos “rejeitados”, mas ao mundo adversário da boa-nova, aos inimigos do Reino. Inova ainda na abertura para a missão como irradiação da vivência amorosa. As comunidades cristãs são intrinsecamente missionárias, dado que nossa religião é de adesão. Na primeira geração, a missão consistia em anunciar que Jesus era o Messias esperado. No tempo do IV evangelho, a missão se refere à vida comunitária. Talvez nos tempos atuais seja necessário resgatar o sentido de missionariedade, como aquela que nasce de nossa adesão à Trindade que vive nessa constante saída de si, e na alegria de conviver, como irmãos e irmãs. Neste sentido, seria interessante pensar as relações comunitárias, focando o segundo eixo para o triênio da CRB que é a sinodalidade. Aqui cabe questionar se as estruturas das congregações e institutos promovem a participação de todos e se a forma de viver em comunidade propicia a vivência da comunhão. O que se percebe

é que Jesus não oferece uma lista de normas e deveres de como viver em comum, mas uma comunhão de vida, que nasce desse estar unido a Jesus, dessa aliança realizada com ele. O mandamento de amar uns aos outros pode ser deduzido de Lv 19,18, e a pergunta que emerge é: O amor pode ser mandado? Pode ser um mandamento? Para responder a essa questão recordamos do Papa Bento XVI, que diz:

A história do amor entre Deus e o ser humano consiste, precisamente, no fato de que essa comunhão de vontade cresce em comunhão de pensamento e de sentimento e, assim, o nosso querer e a vontade de Deus coincidem cada vez mais: a vontade de Deus deixa de ser, para mim, uma vontade estranha que me impõem de fora os mandamentos, mas é a minha própria vontade, baseada na experiência de que realmente é mais íntimo a mim mesmo de quanto o seja eu próprio. Cresce, então, o abandono em Deus e Deus torna-se nossa alegria (Sl 73, 23-28). (DCE, 17).

Não se trata de um mandamento imposto externamente, mas que nasce da experiência de ser amado por Deus, surge como uma exigência interior, do transbordamento de um amor recebido gratuitamente. Interessante sublinhar que em João não há um mandamento para amar a Deus, mas sim o irmão e a irmã. Provavelmente, o autor deseja

afirmar que é necessário se deixar amar por Deus, por meio de seu Filho Jesus, e nossa gratidão a esse amor transbordante, entregue, gratuito, se dá no amor aos irmãos e às irmãs, sobretudo dos mais necessitados. Assim, o batizado e batizada (religioso e religiosa) é chamado(a) a viver um amor que procura ter a qualidade e a intensidade do amor que levou Jesus a dar a sua vida.

A primeira parte (vv. 1-8) insistia, de forma figurada, na produção de frutos e nas condições (vv. 4-5). A segunda (vv. 9-17) aprofunda essa figura enquanto define em que consiste a produção de fruto: o amor fraterno a ponto de dar a vida (v. 13) a exemplo de Cristo. O permanecer dos ramos na videira (vv. 4-6) é o permanecer no amor de Cristo que transborda ou se irradia na vivência fraterna (vv. 9-17). João focaliza bem a planta (videira – ramos) e o vinicultor (Pai), mas não fala da vindima nem do vinho, do produto final. Estaria sugerindo que o amor de Cristo vivido entre os cristãos, que irradia, transborda e dá glória a Deus,

seria o vinho? O vinho aparece como causa da alegria (Sl 104,15; Ecl 10,19) e o amor é melhor que o vinho (Ct 1,2; 4,10). A relação vinho e amor seria a surpresa de João (2,1-11)? O vinho seria a alegria em participar desse grande mistério de amor.

Do ponto de vista eclesiológico, João sugere que o que fica socialmente visível são os ramos e os frutos e não o tronco da videira. Todavia, a vivacidade dos ramos e a qualidade dos frutos evidenciam a planta que os garante. É ali que se esconde a força e o segredo da vida e missão das pessoas consagradas. Portanto, é possível unir Jo 15 e a prioridade deste triênio da CRB, que desafia os religiosos e religiosas a assumir uma atitude de permanecer em Cristo, a fazer de Jo 15 um itinerário de conversão, um critério para os discernimentos comunitários e apostólicos e a viver o compromisso de amar os irmãos e as irmãs por meio de gestos concretos, produzindo frutos de vida e justiça.

Para Dialogar:

1. O que mais chamou sua atenção ao aprofundarmos a passagem de Jo 15,1-17?
2. Diante da análise de Jo 15,1-17, quais ações somos chamados(os) a assumir para “cultivar a vivência encarnada da Palavra de Deus como um itinerário de conversão, em atitude de escuta, discernimento e compromisso”?
3. No contexto de nossa comunidade o que significa “permanecer no amor de Jesus”?
4. O artigo afirma que: apesar da fragmentação da comunidade, Jesus é aquele que mantém a unidade. Isso é percebido em nosso dia a dia? De que forma?

Referências

- ADÃO, Francys Silvestrini. **Terça-feira da Semana Santa**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lgKquksN04U>>. Acesso em 2 de abril de 2023.
- BECKER, J. “Die Herde des Hirten und die Reben am Weinstock. Ein Versuch zu Joh 10,1-18 und 15,1-17”. Em: MELL, U. (ed.). **Die Gleichnisreden Jesu 1899-1999. Beiträge zum Dialog mit Adolf Jülicher**. Berlin: De Gruyter, 1999. p. 149-178.
- BENTO XVI, Papa. **Carta encíclica Deus caritas est**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BEUTLER, J. **Evangelho segundo João**. Comentário. São Paulo: Loyola, 2016.
- BLANK, Josef. **O Evangelho segundo João**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- BROWN, R. E. **El Evangelio según Juan (XIII-XXI)**. Madrid: Cristiandad, 2000.
- DERICKSON, G. W. “Viticulture and John 15:1-6”, Em: **BS**, v. 153, p. 34-52, 1996.
- DETTWILER, A. “Umstrittene Ethik – Überlegungen zu Joh 15,1-17”. Em: ROSE, M. (ed.). **Johannes-Studien. Interdisziplinäre Zugänge zum Johannes-Evangelium**. Zürich: Freundesgabe für Jean Zumstein, 1991. p.175-89.
- GUILLET, J. **Jesus Cristo no Evangelho de João**. São Paulo: Paulinas, 1985.

- KONINGS, J. **O Evangelho segundo João**. Amor e fidelidade. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LÉON-DUFOUR, X. **Leitura do Evangelho Segundo João III**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MARTIN, P. J. "Remain in me (John 15:5); the foundation of the ethical and its consequences in the farewell discourse". Em: **Neotestamentica**, v. 25, p. 341-56, 1991.
- NIEMAND, C. "Spuren der Täuferpredigt in Johannes 15,1-11: Motivgeschichtliches zur Weinstockrede". Em: **PzB**, v. 4, 13-28, 1995.
- POPLUTZ, U. "Eine fruchtbare Allianz (Weinstock, Winzer und Reben): Joh 15,1-8 (vgl. Agr 61)". Em: ZIMMERMANN, R. **Kompendium der Gleichnisse Jesu**. 2007, 828-39.
- POPLUTZ, U. "Una feconda alleanza (La vite, il vignaiolo e i tralci): Gv 15,1-8". Em: ZIMMERMANN, R. **Compendio delle parabole di Gesù**. Queriniana, Brescia, 2011, 1282-1299.
- PORSCH, F. **Johannes-Evangelium**. Stuttgart: KBW, 1988. (Stuttgarter Kleiner Kommentar NT 4).
- RINALDI, G. "Amore e odio (Gv 15,1-16,4a)". Em: **BibOr**, v. 22, 97-106, 1980.
- RITT, H. "Der christologische Imperativ; zur Weinstock-Metaphar in der testamentarischen Mahnrede Joh 15,1-17". Em: Merklein Helmut (ed.). **Neues Testament und Ethik**. Für Rudolf Schnackenburg. Freiburg: Herder, 1989. p. 136-50.
- SCHNACKENBURG, R. **El Evangelio Según San Juan III**. Barcelona: Herder, 1980.
- SCHOLTISSEK, K. "Abschied und neue Gegenwart exegetische und theologische Reflexionen zur Johanneischen Abschiedsrede 13,31-17,26". Em: **ETL**, n. 75, p. 332-58, 1999.
- SCHOLTISSEK, K. **In ihm sein und bleiben**. Die Sprache der Immanenz in den Johanneischen Schriften. Freiburg: Herder, 2000. p. 275-298.
- SCHWANK, B. "Bildbetrachtung: 'Ich bin der wahre Weinstock' (Joh 15,1)". Em: **EuA**, v. 74, p. 241-243, 1998.
- SILVA, C. M. D. da. **Leia a Bíblia como literatura**. São Paulo: Loyola, 2007.
- SMIDT, J. C. "A Perspective on John 15:1-8", **Neotestamentica**, v. 25, 251-272, 1991.
- STETTLER, H. "Die Gebote Jesu im Johannesevangelium (14,15.21; 15,10)", **Biblica**, v. 92, p. 554-79, 2011.
- THEOBALD, M. **Herrenworte in Johannesevangelium**. Freiburg: Herder, 2002.

TRAGAN, P.-R. "Jn 15,1-2; testimoni d'una eclesiologia antiga; reflexions exegetiques i teològiques", *RcafT*, v. 14, p. 223-240, 1989.

WILCKENS, U. *Il Vangelo secondo Giovanni*. Brescia: Paideia, 2002.

ZIMMERMANN, R. *Compendio delle parabole di Gesù*. Queriniana, Brescia, 2011.

ZUMSTEIN, J. "Bildersprache und Relektüre am Beispiel von Joh 15,1-17". Em: FREY, J.; WATT, J. G. van der; ZIMMERMANN, R. (ed.). **Imagery in the Gospel of John**. Terms, Forms, Themes and Theology of Figurative Language Tübingen: Mohr Siebeck, 2006. p. 139-156.

A DANÇA DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA PARA OS TEMPOS QUE VIVEMOS

MARIA CRISTINA GIANNI SALLA¹

Resumo: A partir da metáfora da dança, o artigo procura estabelecer um caminho para a experiência de Deus na Vida Religiosa Consagrada. *Parar* para escutar a música que toca ao nosso redor; *sentir* o que se move dentro e fora de nós e *dar nome* a esses movimentos e sentimentos são os primeiros passos que permitem *discernir* a presença de Deus na humanidade em sua fragilidade. Depois destes passos, pode-se partir para o agir no Espírito de Deus e *testemunhar* na própria fragilidade a presença misericordiosa de Deus. O texto conclui fazendo recurso à mística Etty Hillesum que nos relata sua experiência de encontrar o rio subterrâneo que corre no íntimo de nossas vidas e da realidade e, com seu soar, nos oferece a música que nos convida e permite dançar a alegria de Deus mesmo em meio aos sofrimentos próprios e da humanidade.

Palavras-chave: mística; parar; sentir; nomear; discernir; testemunhar.

1 Missionária de Cristo Ressuscitado. Bacharel em Teologia. Membro da Equipe de Formação das Comunidade das Missionárias de Cristo Ressuscitado; Orientadora espiritual e pregadora de retiros; membro da Cooperativa de Mulheres Mundo+Limpo. Endereço: mcgiani66@gmail.com

Introdução

A levarei ao deserto e lhe falarei ao coração (Os 2, 14)

Vivemos tempos que podem causar vertigens. São tantas as mudanças, as causas pelas quais lutar, as conquistas, as perdas... Estamos saindo de uma pandemia da qual ainda não sabemos todas suas consequências. O mundo vive diferentes guerras das quais são visíveis suas vítimas, mas nem sempre mostram-se com clareza seus orquestradores. Como Igreja, celebramos os dez anos de pontificado do Papa Francisco que nos traz tantos motivos para celebrar e, ao mesmo tempo, precisamos continuar reconhecendo e nos convertendo de nossos pecados pessoais e institucionais.

Sim, “é tudo junto e misturado” como fala Patrícia, uma mulher da comunidade do bairro onde trabalho, quando tenta explicar a realidade que está vivendo com o nascimento de sua nona neta, a sua filha mais nova com câncer de mama, sua luta por manter a família fazendo bolachas caseiras com outras mulheres, a fome das crianças do bairro e a cozinha comunitária na qual ela participa e serve.

Neste movimento da vida, com suas luzes e sombras, a VRC está convidada a dançar, e, para poder dançar, é necessário sentir a música e deixar-se levar, soltar o corpo para que ele faça seus movimentos ao ritmo do momento, de forma original, livre, única.

A dança do Espírito, da Divina Ruah, é a música descrita pelo evangelista João: “O vento sopra onde quer e ouves sua voz, mas ninguém sabe de onde vem nem a onde vai” (3,8). É válido iniciar perguntando-nos se sentimos esta música de liberdade do Espírito na vida pessoal e comunitária. Ou que outra música sentimos? Qual é a música que nos move?

Atrevo-me a dizer que o seguimento de Jesus tem como origem a música deste poema de Benjamin Gonzalez Buelta:

*Quando me chamas por meu nome,
nenhuma outra criatura
volta para ti seu rosto em todo o universo.*

*Quando te chamo por teu nome,
não confundes minha voz
com nenhuma outra criatura em todo o universo.*

As discípulas e os discípulos de Jesus são mulheres e homens que experimentaram na sua vida este amor único, original e incondicional de Deus, manifestado na

pessoa do Nazareno que irrompeu em suas vidas gestando uma relação de amizade, abrindo um sulco de vida nova a percorrer.

A VRC é uma forma de viver o discipulado de Jesus dançando esta música ao ritmo da intimidade e oblatividade compassiva na cotidianidade.

Por isso volto a perguntar: sentimos essa música no nosso interior? Porque, é ali - no nosso interior - onde soa, é ali onde se pode escutar.

Parar, sentir e nomear

Um dos males do nosso tempo é a poluição sonora, e nós também a sofremos! São tantas as vozes que escutamos, de fora e de dentro, que não conseguimos perceber a voz mais importante; Aquela que canta nosso nome; Aquela que nos cria e recria permanentemente; Aquela que nos anima e desafia; Aquela que nos coloca a caminho do serviço aos nossos irmãos e irmãs uma e mil vezes.

Para isso, precisamos ativar uma placa de PARE em nossas vidas. Sim, precisamos PARAR para ver, sentir, cheirar, tocar aquilo que está acontecendo nas profundezas da realidade, da história, da humanidade, de nós mesmos/as. Caso contrário,

corremos o risco de ser uma VRC que vive na superfície enquanto o Espírito de Deus, a Divina Ruah, age nas profundezas. Nosso desafio é descobrir, perceber, seguir os rastros Dele/a e anunciar a Vida que vai se gestando no escondido, no cotidiano, no Crucificado.

Somos criados/as com a capacidade de perceber e relacionar-nos com o Deus da Vida que está em tudo e em todos/as, agindo em favor da vida. Nas palavras de Torres Queiruga, “a medida que algo é, está sendo manifestação de Deus: assim como nos traços físicos de um rosto lemos diretamente a presença do espírito que o anima, também nossos sentidos estão lendo nas realidades criadas a presença fundante do Criador, de Deus” (2004).

Mas precisamos desenvolver essa capacidade, acordar nossos sentidos interiores, educar nossa sensibilidade interior para perscrutar a realidade, o tempo que vivemos para assim escutar, discernir a voz de Deus que nos desafia hoje.

Por isso, depois de PARAR, o segundo passo é SENTIR. Sentir a realidade geral, comunitária e pessoal. Dar-nos tempo para sentir. Até poderia dizer, permitir-nos “perder tempo” para sentir! Porque, no nosso dia a dia,

vivemos ligados/as ao planificar, organizar, fazer...e esquecemos de sentir.

Nosso sentir precisa ser libertado de preconceitos, de julgamentos morais que o abafam, que nos fazem esconder o fugir do que sentimos, e não nos permitem desenvolver a atitude de nos deixar surpreender pela vida que se manifesta de forma imprevisível. O Papa Francisco na sua homilia no Santuário de Nossa Senhora Aparecida nos exorta a “Deixar-se surpreender por Deus, mesmo em meio às dificuldades, Deus atua e nos surpreende” (2013).

As crianças são mestras em deixar-se surpreender pelas coisas simples da vida: as formigas que fazem um caminho no jardim, as nuvens com foras de animais, um moranguinho gigante! Tudo é motivo para elas de supressa, de assombro, de admiração pela vida que vão descobrindo. Mas, na medida que vão crescendo, vai-se perdendo esse atitude de vida.

Segundo Nolan, “o pensamento instrumental assume o comando, e passamos a ser práticos e pragmáticos. O nosso sentimento de assombro deixa de ser-nos útil, pois não nos permite realizar nada. Por isso o suprimimos e seguimos em frente” (2009, p. 177). E assim vamos silenciando nossa

criança interior, nossa capacidade de de nos deixar surpreender, de sentir.

Precisamos nos perguntar: o que temos feito com nossa criança interior, como nossos sentimentos? Temos medo do que sentimos? Porque?

PARAR, SENTIR e, terceiro momento, DAR NOME àquilo que sinto. É preciso insistir: sem julgamentos, sem frases lapidadoras! Dar nome é reconhecer o que está acontecendo, o que está me acontecendo. É estar aberto/a a descobrir a origem desse sentimento, assim como perceber para onde me leva. Dessa forma poderemos DISCERNIR os movimentos interiores que dançam em nós.

Para ser mulheres e homens de DISCERNIMENTO, precisamos viver conectados/as com nossa interioridade e, desde ali, com a realidade em que estamos imersos/as.

O Papa Francisco insiste muito na importância do discernimento como uma atitude vital, um jeito de viver a nossa fé, atentos/as ao sopro do Espírito, que sopra onde ele quer (Jo 3,8)

Esta é a dança da vida que, como seguidores/as de Jesus, estamos impelidos/as a dançar, convidando a outros/as a sentir

está música do Espírito que gera vida, esperança, fraternidade, paz, e sobretudo liberdade (2Cor 3,17).

O discernimento não é apenas um instrumento. É um jeito de viver abertos/as à ação do Espírito, descobrindo seus sinais, percebendo seu agir, escutando sua música. Contudo, temos que ser cientes da ação do mau espírito. Do mesmo modo que Jesus, não estamos livres de sofrer tentações. Podemos senti-las, escutá-las, reconhecê-las, porque seus tons musicais se caracterizam pela rigidez e uniformidade. Seu ritmo nos leva a becos sem saída, à desesperança e ao desânimo.

O Papa Francisco diz que o discernimento leva a nos perguntar: O que o Espírito está nos dizendo? Que graça nos está sendo oferecida, quais são os obstáculos e tentações? O que humaniza e o que desumaniza? Onde está a boa notícia dentro da realidade sombria e onde está o mau espírito disfarçado de anjo de luz? (2020, p.69).

Agir no Espírito

As perguntas acima elencadas nos ajudam a DISCERNIR para, depois, AGIR! Geralmente pulamos os passos anteriores e,

simplesmente, vivemos movidos/as pelos sentimentos, pelos instintos, pela urgência do fazer ou pela rotina. E assim vamos perdendo forças, motivações e sentido de nossa vida e missão. E, o pior, vamos perdendo a oportunidade de descobrir a novidade que Deus está realizando, por onde a “misericórdia de Deus está prestes a transbordar para assim abrir as portas e colaborar com todas as pessoas de boa vontade em prol das mudanças necessárias” (FRANCISCO, 2020, p. 69).

Maria Clara Bingemer, afirma que talvez um dos maiores males de nosso tempo seja que as pessoas não sabem discernir. Transformam os meios em fins, sucumbem diante das crises e não entendem que a vida é isso ou aquilo segundo o que livremente decidimos que seja (2004, p.129).

É urgente educarmo-nos no discernimento. Além de uma VRC mistagoga, é necessário uma VRC experta em discernimento, que faz dele um estilo de vida e para isso precisa estar sempre vigilante, atenta, em permanente capacitação.

Maria Clara, por meio de uma poesia de Cecília Meirelles, expressa a “importância de ensinar às crianças que não se pode

ter isto e aquilo, que é preciso escolher ou isto ou aquilo. À força de exercitar seu discernimento, certamente o adulto que escolheu entre luva e anel, entre doce e dinheiro, entre estudo e lazer, saberá o que é o melhor. E o melhor é o fará mais humano!” (BINGEMER, 2004, p. 129):

*Ou isto ou aquilo
 Ou se tem chuva e não se tem sol,
 ou se tem sol e não se tem chuva!
 Ou se calça a luva e
 não se põe o anel,
 ou se põe o anel e não
 se calça a luva!
 Quem sobe nos ares
 não fica no chão,
 quem fica no chão não
 sobe nos ares.
 É uma grande pena
 que não se possa
 estar ao mesmo tem-
 po nos dois lugares!
 Ou guardo o dinheiro e
 não compro o doce,
 ou compro o doce e gas-
 to o dinheiro.
 Ou isto ou aquilo: ou
 isto ou aquilo...
 e vivo escolhendo o dia inteiro!
 Não sei se brinco, não
 sei se estudo,
 se saio correndo ou fico tranqüilo.
 Mas não consegui entender ainda
 qual é melhor: se é isto ou aquilo.*

O discernimento, que nos leva a escolher nas diferentes

circunstâncias da vida o caminho do Espírito de Jesus, é o que nos auxilia a viver uma vida consagrada coerente, alegre e profética.

Testemunhar na vulnerabilidade

Jesus encantava aos seus contemporâneos pela sua autenticidade de vida. Eles se admiravam porque falava com uma autoridade que provinha da unidade entre seu ser e seu agir, sua fala e suas obras.

A VRC, no seguimento de seu Mestre, é convidada a também encantar pelo seu testemunho autêntico, coerente, veraz. E este só é possível se vivido desde a misericórdia: “sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6, 36). Como precisamos abraçar, mergulhar neste mandamento de Jesus e deixar que a misericórdia seja nosso paradigma de vida como o foi para ele! Ele é a expressão máxima da misericórdia de Deus Pai e Mãe. Sua vida, obras, gestos, palavras, relações e opções são movidas e transparecem misericórdia!

A humanidade de Jesus nos revela com uma simplicidade escandalosa o rosto misericordioso de seu *Abba*, nosso Pai com entranhas maternas!

O caminho que Deus escolheu para se manifestar é caminho do humano ou seja o caminho da vulnerabilidade, da incompletude, da imperfeição. E por isso escandaliza tanto! Jesus foi plenamente humano e na sua finitude se deu e expressou a música e a dança do divino, que é a misericórdia!

Quão difícil é para nos, VRC, aceitar este caminho de vulnerabilidade, fragilidade e imperfeição! Por séculos fomos formados/as no paradigma da perfeição, com a justificativa bíblica de Mateus: “Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito” (Mt 5,48).

Essa perfeição foi compreendida como norma a cumprir, como ausência de fragilidade, como exercício quase heroico de força de vontade, fez à VRC e ao cristianismo em geral um mal tremendo. Ela negou à humanidade o sentimento da vulnerabilidade salvífica tal como dada em Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus.

Esta não é a perfeição tal como apresentada no Evangelho de Mateus. Para entendê-la, precisamos ler os versículos anteriores no quais descobrimos que a Perfeição de Deus é a sua misericórdia que faz sair o sol sobre bons e maus, faz cair a chuva sobre justos e injustos.

Deus é perfeito no amor, na misericórdia!

Ao mundo a Igreja pede hoje, mais que em outros momentos da história talvez, que recuperemos a beleza da fragilidade humana, espaço privilegiado da manifestação da força de Deus (2Cor 12,9). É necessário passar do paradigma da perfeição, como norma/exigência de conduta moral, ao paradigma da misericórdia que humaniza.

A experiência da misericórdia de Deus, de nos reconhecer profundamente amados/as por Ele de forma incondicional, nos leva a percorrer o caminho de também nos amar e aceitar nossa frágil condição humana, com leveza e gratidão.

O seguimento de Jesus humaniza. E a VRC como uma das formas de viver esse seguimento é, portanto, um processo de humanização que, desde a experiência da misericórdia de Deus, está chamada a ir abraçando, aceitando e integrando a realidade com suas luzes e sombras. Só assim poderemos nos aproximar com misericórdia a nossos irmãos e irmãs que também vivem diferentes realidades de vulnerabilidade e poderemos criar juntos/as redes de amizade social, de apoio resiliente, de liberdade libertadora para que

nenhuma criatura fique fora da dança da VIDA.

Nos últimos anos tenho conhecido a vida de Etty Hillesum, jovem judia holandesa que morreu aos 29 anos no campo de concentração de Auschwitz. Aproximando-me a seus escritos, reconheço nela o testemunho de uma vida plenamente humana e humanizadora desde o Amor de Deus vivido na maior vulnerabilidade. Por isso gostaria de partilhar algo do compreendido e assimilado de sua vida.

Esta jovem mística contemporânea, marcada pela experiência de Deus a quem ela percebe como “corrente subterrânea que permeia a vida”, optou por abraçar a mesma sorte de seu povo flagelado e dizimado no campo de concentração e nos legou em seus escritos e cartas um caminho de espiritualidade humanizadora que pode iluminar nossa VRC.

Escutemos o que ela mesma nos disse: “Eu gostaria tanto de sobreviver para transmitir a esta nova era toda a humanidade que conservo em mim, a pesar dos fatos de que sou testemunha todos os dias. Além disso o único modo que temos para preparar o tempo novo é prepara-lo desde agora em nós mesmos!” (apud DAVIDE, 2019).

Para Etty, é fundamental o trabalho pessoal interior, trabalhar nossa interioridade para ser capazes de beber permanentemente da vida de Deus que nos habita e assim partilhá-la a todos e todas que temos ao nosso redor. Para ela, aquilo que ocorre fora não é tão importante se aprendemos a viver da escuta daquilo que vem de dentro. O sentido - que ela mesma define como inexplicável - da beleza de viver se funda no fato de ter afinado os sentidos espirituais que permitem perceber a CORRENTE SUBTERRÂNEA que percorre a vida e que só um ouvido treinado e finíssimo pode ouvir atrás do barulho das bombas e dos tanques, atrás de clamor e do caos dos eventos cotidianos.

Escutar dentro

Para ser este canto de alegria no meio de uma realidade de tanto ódio, Etty vive um profundo caminho de interioridade e transformação que tentarei partilhar fazendo uso dos conceitos mais centrais de sua mística e espiritualidade (IACOPINE, 2018).

Tendo Etty descoberto a beleza e riqueza da presença de Deus em tudo o criado, hospede amante de cada uma das suas criaturas, sentindo-se ela mesma abraçada interiormente

por essa Presença, sua proposta é que mergulhemos no mundo interior, para o primeiro passo é **ESCUTAR DENTRO**.

Escutar dentro é habituar-se a ver o que flui em profundidade, ir além da superfície dos eventos, das pessoas, de si mesmo e saber captar a verdade sem deformá-la com as projeções psicológicas. É escutar as profundezas de si e do mundo, invertendo a perspectiva comum de nos deixar guiar pelos eventos externos e não “por aquilo que sobe de dentro”. Essa escuta requer um constante exercício de silêncio e atenção, retribuído pelo escancaramento de espaços interiores cada vez mais livres e inalienáveis.

A vivência dessa escuta nos leva à **HOSPITALIDADE**, que Etty entende como dar espaço e amorosa hospitalidade a toda pessoa e a todas as coisas, também aquilo que parece negativo e provoca dor. É a habilidade de realocar as circunstâncias e as experiências negativas no centro de si. Sabemos pela teologia que só é redimido aquilo que foi assumido. Esta é a proposta de Etty: assumir nossa realidade com a tudo o que ela tem para assim deixar a Deus agir em nós, curando, libertando, perdoando, ressuscitando.

Para isto, precisamos aprender a **PERMANECER**

CONECTADOS/AS com aquela corrente subterrânea que, como música de fundo, permeia e sustenta a criação, cada criatura humana e a própria história, e na qual se manifesta a presença de Deus. É vivendo conectados/as com essa corrente que ganhamos o olhar mesmo de Deus sobre o cosmos e captamos assim a sua coerência e a sua riqueza de significado. Muitas vezes é necessário liberar o acesso a essa fonte interior através de um trabalho de escavação e de remoção.

Permanecer conectada à corrente subterrânea produz uma atitude interior de **ABANDONO CONFIANTE**, aceitação confiante. Cria um estado de quietude e torna possível repousar em si mesmo, no próprio espaço interior.

Perto da morte, já no caminho a Auschwitz, Etty escreve sua última carta na qual relata como os prisioneiros deixavam o campo de concentração cantando. A vida curta e sofrida de Etty é um canto de gratidão ao Deus da Vida:

Vos me fizeste tão rica, meu Deus, por favor deixa-me partilhar de Vossa Beleza com as mãos abertas. Minha vida tornou-se um ininterrupto diálogo Convosco, Meu Deus, um grande diálogo. Às vezes, quando estou em um cantinho do campo, com meus pés plantados em Vossa terra,

meus olhos se levantam para Vosso céu, e lágrimas as vezes rolam pelo meu rosto, lágrimas de profunda emoção e gratidão” (apud BINGEMER,2004, p.261).

Conclusão

Depois do testemunho desta jovem mulher, não tenho mais

palavras. Só deixar registrado o desafio apaixonante de ser mulheres e homens consagrados e comprometido/as com o tempo em que vivemos, felizes, portadores/as de reconciliação e esperança na fragilidade de nossa humanidade que dança a música da Misericórdia do Deus de Jesus que nos habita.

Para dialogar:

- a) Na minha vida pessoal e em nossa dinâmica comunitária, dedicamos tempo para parar e escutar a música que toca ao nosso redor; sentir o que se move dentro e fora de nós e dar nome aos movimentos da realidade e aos sentimentos que, diante deles, brotam em nossos corações?
- b) Convivo pacificamente com minhas fragilidades humanas e com as fragilidades do outros ou exijo de mim e dos outros uma perfeição que, ao invés de curar, fere e mata?
- c) Como lido com a dor e o sofrimento meu e dos outros?

Referências

- BINGEMER, Maria Clara. **A Argila e o espírito**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DAVIDE, Michael. **Etty Hillesum**. Humanidade enraizada em Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.
- ETTY HILLESUM. O colorido do amor no cinza da Shoá. **Revista IHU Online**, n. 531, 19 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7491-versao-para-folhear-4> Acesso em 25 de abril de 2023.

FRANCISCO, Papa. **Primeiro Homilia do Papa Francisco no Brasil**. Aparecida, 24 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/primeira-homilia-do-papa-francisco-no-brasil-conservar-a-esperanca-deixar-se-surpreender-por-deus-e-viver-a-alegria/> Acesso em 25 de abril de 2023.

FRANCISCO, Papa. **Vamos sonhar juntos**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

IACOPINI, Beatrice. Trabalhar sobre si mesmo é a única solução para o mal. **Revista IHU online** 531, 17 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7477-trabalhar-sobre-si-mesmo-e-a-unica-solucao-para-o-mal> Acesso em 25 de abril de 2023.

NETTO DE OLIVEIRA, José Antônio. **Perfeição ou santidade**. São Paulo: Loyola, 2002.

NOLAN, Albert. **Jesus hoje**. Uma espiritualidade de liberdade radical. São Paulo: Paulinas, 2009.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. **Repensar a Ressurreição**. São Paulo: Paulinas, 1995.

Seminário:
SINODALIDADE E
INTECONGREGACIONALIDADE NA MISSÃO



✓ Casa de Retiros Assunção – Brasília, DF

✓ De 15 a 17 setembro de 2023

✓ Informações:

missao@crbnacional.org.br

Fone/Whatsapp: (61) 98483-0719 ou (61) 99998-8935

CORAÇÃO SILENCIOSO

Um modo de pensar o sentido da VRC a partir de Rumi e Thomas Merton

FR. JONAS NOGUEIRA DA COSTA, OFM¹

Resumo: O silêncio é muito mais do que uma prática ascética de “não falar”, mas um encontro com a Palavra que se dirige a todos por meio do Espírito Santo para a glória do Pai. Nesse sentido, mais do que “fazer silêncio”, há o silêncio que se impõe amorosamente aos que se deparam com o Amado. Para a compreensão dessa dimensão do silêncio contemplativo recorreremos a dois grandes místicos: Rumi e Thomas Merton. Nosso intuito é perceber a forma como o pensamento de ambos convergem nesse tema e permitir um questionamento sobre o sentido da vida do religioso/a.

Palavras-chave: mística; silêncio; Thomas Merton; Rumi.

Introdução

Silêncio! Ouve apenas tua voz interior. Recorda o primeiro instante: estamos além das palavras (RUMI, 2013, p. 145).

A Vida Religiosa Consagrada, tendo seu fundamento no

batismo, encontra na contemplação e na profecia sua razão de ser na história. Não que essas sejam realidades exclusivas dos que se uniram a Deus pela profissão religiosa, mas são valores que

1 Frei Jonas Nogueira da Costa, OFM. Doutor em Teologia Sistemática. Vice-presidente da Associação Brasileira de Mariologia; professor de teologia no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). Contato: jonas.mariologia@ofm.org.br

são vividos por religiosos e religiosas em postura de sentinelas, ou seja, pessoas que custodiam algo de um valor extraordinário, mas que pode ser esquecido, minimizado e até caricaturado, por isso devem zelar por esse tesouro precioso.

A contemplação, entendida como um mergulho na própria interioridade para encontrar Deus, é o que nos abre ao anúncio de uma esperança fundada em Cristo e a denúncia a tudo o que é contrário ao Reino de Deus. Sem a contemplação, a Vida Religiosa Consagrada se perde num ativismo desatento à particularidade de cada religioso/a e àquilo que o Espírito nos impele a realizar para a glória de Deus Pai.

Para esse mergulho contemplativo o silêncio é algo fundamental. Ele está nas origens da Vida Religiosa como um tesouro a ser redescoberto.

Gostaríamos de refletir sobre a importância do silêncio, tomando dois grandes mestres espirituais: Jalal ud-Din Rumi e Thomas Merton. Para começar, em poucas linhas apresentamos suas biografias.

Jalal ud-Din Mohammed ibn Mohammed al-Balkhi Rumi nasceu em 30 de setembro de 1207, na aldeia de Waksh (hoje

no Tadjiquistão), e faleceu em 17 de dezembro de 1273. Filho de Baha'ud-Din Walad, teólogo e mestre espiritual, com quem aprendeu teologia e literatura clássica. Poeta de renome internacional, é autor de uma coleção de poemas intituladas *Divan de Shams de Tabriz*, notável pela beleza estética e teor místico, que lhe conferiu, juntamente com outras muitas qualidades, o reconhecimento como um dos mais importantes poetas místicos, ao lado de Teresa d'Avila, Al-Hallaj, Yunus Emre e outros (CARVALHO, 2013, p. 11).

Thomas Merton nasceu em Prades (França), em 31 de janeiro de 1915. Foi monge trapista da Abadia de Getsêmani, no Kentucky (EUA), e escritor de diversas obras de espiritualidade. Também foi um ativista social e respeitado estudioso do monasticismo e de religiões comparadas, empenhado no ecumenismo e na defesa da paz. Faleceu em Bangcoc (Tailândia), em 10 de dezembro de 1968.

Para nos aproximarmos desses grandes contemplativos buscando compreender o silêncio recorreremos a abordagem da Teologia Comparada. Essa metodologia teológica busca, a partir da comparação de textos de diferentes tradições religiosas, encontrar

semelhanças e diferenças aproximando os diversos fiéis numa amizade especulativa de fontes e textos religiosos, buscando diálogo teológico. O método em questão pressupõe e fortalece a pertença religiosa de cada pessoa, abrindo-a à percepção do que há de bom e belo no diferente que pode ser acolhido na própria experiência religiosa.

Nosso objetivo é analisar a ideia de silêncio contemplativo a partir de textos selecionados desses dois escritores. Primeiro, tomamos os poemas de Rumi que estão agrupados numa única obra que foi editada em português, pela editora Attar, em 1996. E nessa leitura, o que mais chama a atenção são as interrupções de Rumi pedindo silêncio. A impressão que emerge é que, sempre quando ele se deparava com a grandeza da presença de Deus em sua contemplação e poesia, o silêncio se impõe. O místico Rumi toma consciência da imperiosa necessidade de se calar diante do mistério.

Da vasta obra de Thomas Merton escolhemos o capítulo XVI do livro *Homem algum é uma Ilha* (no original, *No man is island*, de 1955), que trata especificamente do silêncio.

Felizmente pudemos constatar uma grande simetria no

pensamento de ambos místicos, oriundos de tempos, lugares e experiências religiosas muito diferentes.

O destinatário de uma experiência profunda de Deus

Todos são chamados a uma experiência de profundidade com Deus. Contudo, algumas pessoas fazem uma experiência paradigmática de Deus e, por isso, podem ser denominadas de místicas. Thomas Merton diz que “*Místico* parece ser uma palavra mais assustadora do que contemplativa. A gente hesita em empregar o termo *místico*” (MERTON, 2019, p. 521-522). Tal hesitação tem sua razão de ser quando percebemos pela história da mística o quanto que o termo se aplicou a experiências excepcionais (e até altamente questionáveis) e deixou de ser um experimentar a Deus de modo totalmente visceral.

Ainda assim, pode soar aos nossos ouvidos como uma experiência para “grupo seletivo e privilegiado” de eleitos. Logo, nos perguntamos pela razão de Deus ter escolhido, por exemplo, um Francisco de Assis para uma experiência tão profunda. Ou dado a Teresa d’Ávila profundos êxtases enquanto a maioria dos fiéis

trilham sua vida litúrgica e de piedade e oração sem nada disso. Seriam os hodiernos arroubos pentecostais uma experiência paralela a aquilo que os grandes místicos experimentaram?

Mas quem somos para sondar os desígnios de Deus de forma tão positiva? Salvuardamos o princípio da gratuidade divina na forma como conduz todas as coisas e pessoas a Si mesmo, e, por isso, também salvuardamos a recusa a qualquer mérito ou esforço (no sentido pelagiano e não ascético). Um pressuposto que também temos em mente é que nos referimos a esses místicos como pessoas psicologicamente sadias e não portadores de patologias emocionais que encontram em sua suposta experiência mística uma tradução de um universo emocional desequilibrado.

Um chamado irresistível

Partindo da gratuidade divina consideramos a vocação mística e contemplativa como um irresistível chamado de Deus, como um “arrebamento”, uma sedução ao sagrado. É Deus quem “rapta” o coração do ser humano para si. Como Rumi diz, usando a metáfora da lua:

Com a maré da manhã surgiu no céu uma lua.

De lá desceu e fitou-me.

*Como o falcão que arrebatou o pássaro,
essa lua agarrou-me e cruzou o céu
(RUMI, 2013, p. 53).*

Mas, mesmo falando de um “rapto”, a pessoa quer ir ao encontro com Deus em profundidade, pois a sua beleza já o seduziu. De modo que, segundo Thomas Merton: “quando o Senhor vem como um Esposo, nada fica por dizer, exceto que Ele vem e que devemos ir ao seu encontro”. (MERTON, 1957, p. 243).

Rumi diz:

Ó amantes, abandonai as tolas ilusões.

Enlouquecei, perdi de vez a cabeça.

*Erguei-vos do fogo ardente da vida
- tornai-vos pássaros, sede pássaros!*

E tu, perde-te por inteiro!

Abandona tua casa em ruínas e segue os amantes de Deus

- torna-te sufi, sê sufi! (RUMI, 2013, p. 115)

Seria essa ida de encontro do Esposo tão fácil, mesmo estando a pessoa fascinada pela graça e a beleza de quem chama? Nossos místicos dizem que não. Algo precisa ser deixado para trás.

O abandono das ideias próprias e do desejo

Para se deixar alcançar pelo Esposo é preciso abandonar as próprias ideias e o desejo. Rumi e Merton não falam disso como uma atitude desumanizante para os que buscam a Deus, mas de algo que se caracteriza como ter claro o foco em que se dirige nossa mais profunda atenção e que não nos deixa perder no periférico. É como Rumi poeticamente diz:

*Enquanto sentires desejo,
sabe que cultuas um ídolo.
Quando se é verdadeiramente
amado,
nada resta além do mergulho fatal.
(RUMI, 2013, p. 61).*

É a consciência de sermos amados que nos mantém numa atitude de atenção para com Deus. E esse amor nos basta. Para Merton, há uma fronteira que precisa ser cruzada, uma prova a ser realizada: deixar para trás as próprias ideias e palavras (MERTON, 1957, p. 243). Essa exigência só pode ser entendida quando se chega ao silêncio como um modo de viver que nos coloca em sintonia de comunhão com Deus.

A comunhão com Deus é o que devemos acima de tudo

desejar. Devemos desejar amar a Deus e não sermos mimados ou consolados por Ele. A busca de Deus não é a busca de satisfação própria, mas é êxodo de amor em direção a Ele. Lembremos o que foi dito acima: foi Ele quem seduziu a pessoa, logo, ela só pode desejar a Ele, caso se trate de um verdadeiro impulso místico. Sequer devemos desejar que outras pessoas sejam consoladas por Deus. Devemos ajudá-las a amar a Deus. E, amando-o, a se colocar diante de sua glória²⁹.

Onde está Deus? No coração silencioso

Depois desse “raptó” por sedução à vida mística, somos convidados a ir ao encontro de Deus. Sabemos que devemos estar focados Nele para não nos perdermos em coisas periféricas e irmos ao lugar onde Ele se deixa encontrar.

No poema *Em busca do Amado* (RUMI, 2013, p. 76-77), Rumi diz ter procurado Deus e não o encontrou na cruz, nos templos dos ídolos, nas montanhas de Herat e Qandahar, no cume de Qaf e nem

²⁹ Thomas Merton não nos fornece no capítulo que estamos analisando nenhum conceito que nos ajude a compreender o que ele entende por “glória”. Somos inclinados a concluir que se refira à beleza e grandeza que se reflete nos que o buscamos.

na Caaba. Também, quando questionou Avicena, este não sabia onde Deus estava. Até dizer que “Contemplei enfim meu próprio coração – lá o vi,/ não era outra sua morada”. (RUMI, 2013, p. 77).

O poeta místico encontra Deus em seu coração pela via da contemplação. Para ele “coração” parece ser mais do que o ser humano na sua profundidade, pois essa profundidade é como um “mundo dentro de um mundo”, quando ele diz que

*Dentro deste mundo há outro mundo
impermeável às palavras.
Nele, nem a vida teme a morte,
nem a primavera dá lugar ao outono.* (RUMI, 2013, p. 54).

Por “mundo impermeável às palavras” daremos o nome de “coração silencioso”. O coração silencioso é o que entra nesse universo interior por via da solidão e “Aí nos comunicarmos com Ele só, sem palavras, sem pensamentos discursivos, no silêncio de todo o nosso ser”. (MERTON, 1957, p. 243).

Na oração silenciosa, o que “é dito” a Deus o é de forma “inefável e impensável”, de forma que não se traduz facilmente em palavras, “sequer é objeto de experiência num nível que pode ser claramente analisado. Sabemos que isso não deve ser dito, porque não pode”. (MERTON, 1957, p. 243).

O silêncio da oração do coração nos coloca diante da “glória de Deus” e nos dá o conhecimento de Deus. Deus mesmo se comunica à pessoa, como toda a criação, também silenciosa nos fala de Deus. Contudo, as vozes silenciosas de todas as criaturas se calam quando a pessoa entra em um estágio mais profundo de silêncio em que o próprio Senhor fala também por meio de um profundo silêncio. (MERTON, 1957, p. 244-245).

Estamos cientes da linguagem paradoxal usada, como “vozes silenciosas” ou “palavra emitida num profundo silêncio”. E não sabemos como sair desse paradoxo, pois estamos diante de uma realidade ou de “um mundo impermeável às palavras”. Estamos para “além das palavras”. E acima de tudo, porque a comunicação acontece por meio de uma presença. “Deus está presente, e o seu pensamento é vivo e palpitante na plenitude, na profundeza e na vastidão de todos os silêncios do mundo”. (MERTON, 1957, p. 245). É a presença silenciosa de Deus, diante da presença silenciosa do contemplativo que se faz “uma palavra” de vida para quem a Deus busca.

Seria pretensão demais quererem isso? Ou fomos criados para isso? Segundo Rumi,

*Os olhos foram feitos para ver coisas insólitas,
fez-se a alma para gozar da alegria e do prazer.*

*O coração foi destinado a embriagar-se
na beleza do amigo ou na aflição de sua ausência.*

A meta do amor é voar até o firmamento, a do intelecto, desvendar as leis e o mundo (RUMI, 2013, p. 88).

Fomos, desde sempre, destinados a Deus para gozar de sua amizade, de sua comunhão. E a pessoa que se coloca diante de Deus faz silêncio. Deseja o silêncio. O que teria a dizer diante de tamanha grandeza e bondade? É uma presença que amorosamente se impõe. A grandeza dessa presença e da percepção da vida que dela brota, impondo silêncio, aparece em alguns poemas de Rumi. (RUMI, 2013, p. 122). O poeta, quando se dá conta dessa presença ou descobre algo de profundo, entende que nada pode mais dizer. “Calo minha boca / Direi o resto do poema / de boca fechada”. (RUMI, 2013, p. 141).

Um coração silencioso, mas não fechado

É importantíssimo deixarmos claro que falar de um coração silencioso, jamais equivale a falar de um coração fechado ao próximo. Um coração silencioso

é capaz de ver as coisas e de emitir uma palavra qualificada ao mundo.

Thomas Merton chama a atenção para o fato de que, para quem não faz silêncio, uma árvore só é percebida como tal quando alguém deseja cortá-la. Como também um animal só é percebido quando se quer levá-lo ao abate. Ou seja, as coisas existem de acordo com uma necessidade egoísta. O silêncio nos livra dessa visão de consumo das coisas e das pessoas, pois revela a singularidade que reside em cada ser. (MERTON, 2013, p. 246). Logo, o silêncio é uma denúncia contra a “cultura do relativismo”³⁰, que é a cultura do estupro, de todo crime ambiental, da homofobia e tantos males que assombram a humanidade.

Rumi também fala desse coração silencioso e aberto ao outro ao lembrar que na diferença religiosa dentre do monoteísmo, rezamos juntos, ao dizer que

*A cada nascer do sol oram juntos
muçulmanos, cristãos, judeus.*

³⁰ Nas palavras do Papa Francisco, “a cultura do relativismo é a mesma patologia que impele uma pessoa a aproveitar-se de outra e a tratá-la como mero objeto, obrigando-a a trabalhos forçados, ou reduzindo-a à escravidão por causa de uma dívida. É a mesma lógica que leva à exploração sexual das crianças, ou ao abandono dos idosos que não servem aos interesses próprios” (FRANCISCO, *Laudato Si'*, n. 123).

Abençoado todo aquele em cujo coração

*Ressoa o grito celeste que chama:
Vem! (RUMI, 2013, p. 158).*

Se muçulmanos, cristãos e judeus escutam juntos o grito celeste, não pode existir inimizade e ódio entre os mesmos. É muito interessante que estamos diante de um poema do século XIII e o apelo ao diálogo religioso implícito é de uma atualidade incrível. Assim, Rumi nos fala de um coração silencioso, orante, mas aberto às religiões monoteístas em convívio pacífico, pois “oramos juntos” no templo de nossa humanidade. É evidente que um coração aberto não se restringe à questão ecumênica ou ao diálogo inter-religioso, por mais importantes que são esses temas, mas abraça tudo o que lhe provoca compaixão.

Conclusão

Seria frustrante uma conclusão que versasse sobre a aplicação do silêncio na rotina da Vida Religiosa. Ele deve existir, mas como um movimento de amor diante do Amado. É a presença

Dele que nos cala, que nos envolve. Não nos aliena de nossos sentimentos, mas nos reposiciona na vida.

O silêncio nos conduz à questão mais fundamental: o sentido da consagração. Um “coração barulhento” talvez seja a forma encontrada de obstruir a percepção da perda de sentido para a Vida Religiosa.

Se repudiamos uma vida sem sentido, o silêncio é tanto encontro, pousada, quanto busca, partida. Para Thomas Merton

O silêncio [...] força a uma decisão que as tensões e artificialidades da sociedade podem auxiliar a evitar sempre. Queremos ser nós mesmos? Insistimos em combater as imagens de outras pessoas? Será preciso continuarmos a viver como apêndice simbólico para alguém que desejamos ou odiamos? Vamos manter-nos sobre nossos próprios pés, livres, diante de Deus e do mundo, assumindo plenamente a responsabilidade de nossa vida? (2019, p. 358)

Não nos esquivemos Daquele a quem consagramos nosso coração.

Para dialogar:

1. O que mais nos chamou a atenção na leitura deste texto sobre a importância do silêncio na experiência de Deus?
2. Na tradição espiritual de nosso carisma, qual o lugar do silêncio na experiência de Deus?
3. Em nossa comunidade, como vivemos, no cotidiano, a prática da escuta silenciosa de Deus? Como implementar práticas que permitam o silêncio e a escuta de Deus no dia-a-dia de nossa comunidade?

Referências

CARVALHO, José. Introdução. Em: RUMI, Jalal ud-Din. **Poemas místicos**. 2. ed. São Paulo: Attar Editorial, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulinas, 2015.

MERTON, Thomas. **Homem algum é uma ilha**. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

MERTON, Thomas. **Contemplação num mundo de ação**. Petrópolis: Vozes, 2019.

RUMI, Jalal ud-Din. **Poemas místicos**. 2. ed. São Paulo: Attar Editorial, 2013.

CERNE 124



- ✓ Centro de Espiritualidade *Flos Carmeli* -
Mairiporã, SP
- ✓ De 11 de fevereiro a 21 de março de 2024
- ✓ Informações e Inscrições:
cerne@crbnacional.org.br
Fone/Whatsapp: (61) 98471-0242

A EXPERIÊNCIA DE DEUS NA ESPIRITUALIDADE CARMELITANA

FREI ALBERTO HENRIQUE FERREIRA MARINI, O. CARM¹

Resumo: A Vida Religiosa Consagrada possui uma diversidade de carismas que se complementam mutuamente e que enriquecem a Igreja. Nesse panorama, cada Congregação ou Ordem religiosa tem uma espiritualidade específica que identifica os seus religiosos e religiosas. Dentro disso, buscaremos analisar o tema da experiência de Deus na espiritualidade carmelitana, a partir do profeta Elias, da Virgem Maria e de Santa Teresa D'Ávila. Sendo assim, essa pesquisa, de caráter teórico-bibliográfico, está estruturada em três partes. Primeiramente, trataremos das origens dessa espiritualidade à luz da experiência de Deus no profeta Elias, que por sua vez, inspirou a caminhada dos primeiros carmelitas que chegaram ao Monte Carmelo. Na sequência, identificaremos alguns traços da Virgem Maria, que lançam luzes pertinentes para a sua experiência com Deus. Por fim, analisaremos, com base nos escritos *Livro da Vida e Castelo Interior*, o modo como a espiritualidade carmelitana fez refletir na trajetória de Santa Teresa D'Ávila a sua busca em estar intimamente unida a Deus.

Palavras-chave: Experiência de Deus; Espiritualidade; Carmelo; Maria; Teresa D'Ávila.

1 Frade carmelita. Licenciado em Filosofia. Bacharelado em Teologia. Contato: albertohenriquef@hotmail.com

Introdução

Este trabalho tem por objetivo geral analisar o tema da experiência de Deus na espiritualidade carmelitana, à luz do profeta Elias, da Virgem Maria e das obras de Santa Teresa D'Ávila. Primeiramente, apresentaremos as origens desta espiritualidade a partir de uma releitura bíblica da experiência de Deus do profeta Elias, que inspirou a presença dos primeiros carmelitas no Monte Carmelo. Na sequência, identificaremos alguns traços característicos da Virgem Maria presentes na espiritualidade carmelitana, que lançam luzes para uma experiência de Deus. Por fim, analisaremos, a partir das obras *Livro da Vida e Castelo Interior ou Moradas*, como a espiritualidade carmelitana refletiu na vida de Santa Teresa D'Ávila a uma profunda intimidade com Deus.

Em nossas ordens ou congregações religiosas, sejam elas masculinas ou femininas, a espiritualidade é uma marca indelével que identifica os religiosos e as religiosas na sociedade. Trata-se da experiência íntima de Deus que cada um carrega no coração e que anuncia para o mundo. Dentro da Vida Religiosa Consagrada existe uma variedade de dons e carismas que se complementam mutuamente a

serviço da edificação do Reino de Deus, seja na pregação da Palavra, seja no cuidado como os doentes, seja na educação etc. Um exemplo concreto destes carismas é da Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, que na simplicidade de vida, procura ser um sinal orante e profético entre as pessoas.

As origens da espiritualidade carmelitana

Nos relatos bíblicos referentes ao ciclo do profeta Elias², que surge repentinamente no Livro dos Reis, é destacado o anúncio da Palavra de Deus e a sua repreensão frente às atitudes contraditórias dos reis Acab e de sua esposa Jezabel, decaídos no pecado da idolatria ao deus Baal. Esse culto aos deuses pagãos era uma prática costumeira entre os reis de Israel, porém, substituiu negativamente a imagem de Deus na vida religiosa do povo. Com isso, os reis influenciavam o povo a praticar esse mesmo erro, fazendo-os esquecer dos feitos grandiosos que Deus realizou em suas vidas.

² A saga ou ciclo do profeta Elias se encontra propriamente no Livro dos Reis, desde 1Rs 17 até 2Rs 2, 1-11. Etimologicamente, o nome Elias significa “meu Deus é o Senhor”.

De acordo com Healy (1995, p. 18), o profeta Elias se coloca na posição de servo obediente de Deus, aquele que permanece na presença do Todo-Poderoso para reafirmar unicamente o nome do Deus vivo e verdadeiro em todo o reino de Israel, contrapondo-se às práticas culturais idolátricas. Num episódio marcante do Livro dos Reis, Elias derrota os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal contando com o auxílio da graça divina (1Rs 18, 1-40), ou seja, a presença de Deus caminha lado a lado na vida do profeta. Isso porque ele tem as virtudes da fé e da coragem frente aos desafios.

No momento de sua fragilidade humana, movida pelo medo da perseguição que poderia ser imposta pelos reis Acab e Jezabel, Elias é fortificado e conduzido pelo Espírito de Deus até o Monte Horeb. Estando na gruta do Monte, ele é contemplado com a manifestação do divino, representado por uma brisa suave. Esse fato leva a compreender que o próprio Senhor apresenta-se a Elias no silêncio, Ele se achega na profundidade de sua alma e plenifica-o com o seu espírito (HEALY, 1995). Essa experiência teofânica retrata o nível de intimidade que havia entre Deus e o profeta Elias, que no exercício da contemplação,

procurava enxergar na sua interioridade a presença do divino, chegando a declarar: “vivo é o Senhor em cuja presença estou!” (1 Rs 17,1). Sendo assim, o profeta Elias é reconhecido como o Pai Inspirador ou Espiritual da Ordem Carmelitana, justamente pela sua contribuição manifestada no profetismo arraigado numa experiência contemplativa e orante com Deus.

No final de seu ciclo, o profeta Elias, ao reconhecer a completude de sua missão, é coroado com a sua elevação aos céus em um cavalo de fogo e confia ao seu discípulo Eliseu a continuidade da missão profética (2 Rs, 2, 1-18). Com Eliseu, tem-se uma continuidade da tradição eliana, que corresponde a identidade do ser carmelita no mundo. Nesse caso, os carmelitas são aprendizes dos gestos de Elias a “serem homens do deserto, de coração indiviso, que está todo diante de Deus, todo entregue ao serviço de Deus” (CONSTITUIÇÕES..., 1995, n. 26).

Dessa tradição surge, no Monte Carmelo, aproximadamente no final do século XII, um grupo de eremitas latinos. Oriundos das Cruzadas, sentiram-se atraídos pelo espírito eliano e desejavam dar continuidade a esse legado mediante uma experiência fundante e originária em Deus.

Tais ermitões estabeleceram a sua morada no Monte Carmelo, conhecido como o lugar geográfico-teológico da espiritualidade carmelitana. Esses eremitas tinham um estilo próprio e peculiar de viver, conforme nos aponta o relato de Jacques de Vitry:

à imitação do profeta Elias, homem santo e amante da solidão, [os ermitões] levavam vida solitária no monte Carmelo, perto de uma fonte, chamada fonte de Elias. Nas suas pequenas celas, semelhantes a colmeias, como abelhas do Senhor recolhiam o mel divino da doçura espiritual. (VITRY, apud CONSTITUIÇÕES..., n. 7).

Neste relato, Jacques de Vitry apresenta a identidade desse grupo no cotidiano de suas vidas. Em suas pequenas celas buscavam estar na intimidade com o Senhor pela contemplação, vivendo a solidão, meditando a sua Palavra e extraindo dela a riqueza espiritual para suas vidas, a exemplo do profeta Elias. O grupo também formava uma comunidade, eram fraternos e se portavam como irmãos uns dos outros. Tais caracterizações são determinantes para pensar numa solidificação espiritual desse referido grupo, que se sentiam pertencentes e enraizados em uma autêntica experiência com Deus.

O grupo de eremitas necessitava de uma regulamentação jurídica enquanto um reconhecimento junto à Santa Igreja. Eles recorreram ao patriarca de Jerusalém, Alberto de Avogrado (BOAGA, 1989). Tendo escutado o seu propositum de vida, Santo Alberto entrega nas mãos do “Irmão B.”³, então superior desse grupo, uma Norma de Vida. Posteriormente, essa Norma de Vida tornou-se definitivamente a Regra do Carmo, segundo o espírito daquele que os chamou a estabelecerem morada nesse Monte.

De fato, esses carmelitas foram “impelidos pelo amor à Terra Santa, tinham-se consagrado nela Àquele que a tinha conquistado com a efusão do seu sangue, para servi-lo sob o hábito da religião e da pobreza, permanecendo em santa penitência” (CONSTITUIÇÕES..., 1995, n. 8). Em um dos pontos da Regra do Carmo é evocado que os carmelitas buscam viver no obséquio de Jesus Cristo, servindo-o com o coração puro e com reta consciência (REGULA..., 2007, n. 2). Por esse motivo é que Jesus Cristo ocupa o centro da vida dos carmelitas, seja nas orações do

³ Segundo as tradições carmelitanas, esse Irmão B. citado na Regra do Carmo pode ser ou São Bertholdo ou Brocardo, havendo incertezas históricas a respeito do primeiro Prior-Geral da Ordem.

Ofício Divino, seja no trabalho, seja na Celebração Eucarística e seja nas atividades comunitárias.

Podemos perceber, até aqui, a experiência de Deus que o profeta Elias realizou no Monte Horeb, o qual inspirou no coração de alguns homens eremitas, a busca pela vida de oração, de contemplação e da solidão. Para a Vida Religiosa Consagrada, o profeta Elias nos ensina a busca constante de estar na presença de Deus, que, por sua vez, se dá na simplicidade dos acontecimentos cotidianos. Por isso, o profeta Elias torna-se modelo para os consagrados, pois revela o zelo e o amor que se deve ter pelas coisas de Deus.

A seguir, buscaremos resgatar os traços característicos da presença da Virgem Maria em nossa espiritualidade enquanto uma experiência íntima e orante com Deus.

A presença da Virgem Maria na espiritualidade carmelitana

Uma relação entre os carmelitas e a Virgem Maria se encontra no relato bíblico do Livro dos Reis. Segundo esse relato, quando o profeta Elias olha em direção do mar, se depara com

uma pequena nuvem semelhante à forma de uma pessoa humana (1Rs 18, 41-46). Na tradição carmelitana e também na Patrística, essa pequena nuvem é uma representação prefigurativa da Virgem Maria, em cujo ventre materno é trazido ao mundo a Salvação de todo o gênero humano, Jesus Cristo. Ademais, esta passagem é um meio que a tradição carmelitana utilizou para relacionar as duas figuras inspiradoras da Ordem, o profeta Elias e a Virgem Maria. De acordo com Boaga, tais referências bíblicas eram “aprendidas por aqueles que moravam ou visitavam o Monte Carmelo, lugar onde se contemplava a *presença de Maria*” (BOAGA, 1994, p. 22; grifo nosso).

Desde o início, os carmelitas possuíam uma especial devoção à Santíssima Virgem Maria, chegando a erigir e dedicar a ela um oratório no Monte Carmelo. Em relação à essa construção, alguns peregrinos testemunham que “nesse Monte encontra-se um lugar bonito e saudável onde moram os Frades Carmelitas, os quais tem uma pequena e bonita Igreja de Nossa Senhora. E no lugar estão grandes jardins irrigados com boa água, brotada da rocha da montanha” (apud BOAGA, 1994, p. 20). Este pequeno relato detalha, de forma

simples e objetiva, a localização desse espaço sagrado erigido pelos carmelitas, dando destaque para o entorno do lugar, com jardins e água brotada da montanha.

Como alusão à mentalidade feudal da época, o primeiro título mariano dado ao oratório foi a Senhora do Lugar, isto é, a Mãe do “dono do lugar” – Jesus Cristo, aquela que cuida das necessidades dos servos de seus filhos (BOAGA, 1989). A partir deste olhar, tem-se a compreensão de que os carmelitas se encontram sob a proteção maternal da Virgem Maria, buscando recorrer confiantemente à Mãe nas necessidades de toda a comunidade. Uma destas necessidades recorridas era o medo da perseguição sofrida no Monte Carmelo frente ao grupo dos sarracenos.

Segundo a tradição (BOAGA, 1989), no ano de 1251, Simão Stock, que era o Prior-Geral da Ordem Carmelitana, recorre a Santíssima Virgem do Carmo suplicando a proteção de toda a Ordem para que não se extinguísse. Nesse momento, Stock tem uma visão da aparição de Nossa Senhora, que vestida com o hábito carmelita, lhe entrega um escapulário como sinal de proteção. A tradição

carmelitana coloca na boca de Simão Stock uma bela oração devotada à Santíssima Virgem: *Flos Carmeli/ Vitis Florigera/ Esplendor Coeli/ Virgo puerpera/ singularis/ Mater mitis/ Sed viri nescial/ Carmelitis/ esto propitia/ Stella Maris* (BOAGA, 1994, p. 104). Ainda hoje, o escapulário do Carmo é um sinal de grande devoção em toda a Ordem Carmelitana e para todas as pessoas que bebem de nossa espiritualidade. Outro aspecto mariano presente na espiritualidade carmelitana é a forma como os carmelitas denominam a Virgem Maria, sob os títulos de nossa Mãe e Irmã. Nas passagens bíblicas do Novo Testamento, Maria é caracterizada como a mãe dedicada e atenciosa para com seu filho. Numa das passagens significativas, extraída do Evangelho de São João, a Virgem Maria e o discípulo João se encontram aos pés de Jesus Crucificado. No seu momento derradeiro, Jesus entrega sua mãe Maria para ser a mãe do discípulo amado. Por esse viés, Maria torna-se nossa mãe e de toda a humanidade (Jo 19,25-27).

A Virgem Maria também é considerada pela espiritualidade carmelitana como nossa Irmã, um tema muito peculiar e significativo. Para compreender

o sentido de Irmã, deve-se considerar a virgindade de Maria, aquela que abraçou completamente o projeto de Deus em sua vida e, por isso, torna-se uma presença viva em nossa caminhada. Assim como a Virgem Maria, os carmelitas abraçam a virgindade por amor ao Reino dos Céus e consagram-se a Deus pelos votos de castidade, de pobreza e de obediência. Arnoldo Bostio afirma que a “afinidade e a semelhança entre Maria e os carmelitas pela pureza virginal voluntária, estabelece entre eles uma ligação fraternal” (apud BOAGA, 1994, p. 62).

Durante a sua vida, a Santíssima Virgem dedicou-se inteiramente a viver em íntima união com Deus no seu filho Jesus Cristo, buscando seguir e imitar o seu exemplo. Desde o seu “sim” até o momento doloroso da Paixão de seu filho na Cruz, Maria participa ativamente do Projeto da Salvação, buscando contemplar o mistério divino em seu coração e assumindo um compromisso total diante de Deus. De tal forma, Maria traz para a sua vida todos os acontecimentos cotidianos, mas sempre procurando obedecer à voz de Deus na presença de Jesus Cristo.

Nos Evangelhos, Maria é agraciada por variadas virtudes que

estão em consonância com sua vida centrada em Deus enquanto modelo de oração, de fé, de disponibilidade e de silêncio contemplativo. Tais virtudes permeiam a espiritualidade do frade carmelita. Por isso, os carmelitas devem se inspirar igualmente nestas virtudes de Maria, viver em familiaridade com tão digna mãe e irmã de caminhada para estarem próximos e centrados em Cristo. Conforme expressa Boaga, “a coincidência entre a espiritualidade de Maria e a do Carmelita orienta-se, igual e consonantemente, para Cristo, como sentido único da própria vida” (1994, p. 81). Nessa linha de raciocínio, a espiritualidade do Carmelo converge para um cristocentrismo. No entanto, a espiritualidade carmelitana tem um apreço e uma especial devoção dedicada a Santíssima Virgem do Carmo, como sua tenra Mãe e Padroeira, aquela que realmente buscou uma intimidade profunda com Deus.

Ao longo desta segunda parte, percebemos que os traços característicos presentes na Virgem Maria se encontram relacionados dentro de uma íntima experiência com Deus. Para a Vida Religiosa Consagrada, a Virgem Maria nos ensina o gesto sublime da doação de sua vida como sinal

de amor e serviço ao projeto de Deus. Por isso, Maria torna-se modelo para os consagrados, pois também buscamos, na doação de nossas vidas, seguir os passos de Jesus e ser anunciadores da Boa Nova.

No prosseguimento do estudo, analisaremos mediante as obras Livro da Vida e Castelo Interior ou Moradas como a espiritualidade carmelitana refletiu na vida de Santa Teresa D'Ávila para uma verdadeira experiência orante e contemplativa com Deus.

A experiência mística de Santa Teresa d'Ávila

Como vimos anteriormente, aqueles homens eremitas que se instalaram no Monte Carmelo seguiam e imitavam os sublimes exemplos do profeta Elias e da Virgem Maria, porém centrados numa experiência original com Deus, no obséquio de Jesus Cristo. Todavia, em um dado momento de sua história, os carmelitas, temendo a perseguição dos sarracenos que invadiram a Terra Santa, precisaram fugir imediatamente do Monte Carmelo, tendo como destino o continente europeu, onde viveram como mendicantes. Esses carmelitas levaram consigo a

sua espiritualidade, que haviam bebido da experiência fundante no Monte Carmelo, aprendendo a serem homens de oração e frateros na comunidade.

No contexto europeu, os carmelitas adaptaram-se ao novo ambiente unindo oração e contemplação com a atividade apostólica. Dessa forma, a identidade de ser carmelita e da sua íntima espiritualidade centrada em Deus expandiu-se da Terra Santa para o mundo. Com o passar do tempo já instalados nas grandes cidades da Europa, começaram a propagar a sua espiritualidade nos ambientes acadêmicos, nas atividades paroquiais e nas pregações itinerantes.

A grandeza da espiritualidade carmelitana manifestou-se, sobretudo, pela santidade de homens e mulheres que consagrados a Deus pelo Carmelo, deixaram como testamento espiritual de suas vidas, escritos de profundidade mística. Esses escritos são fruto da experiência do encontro com Deus na sua interioridade, no seu exercício contemplativo, assim como o fizeram o profeta Elias e a Virgem Maria. Estes escritos exercem uma forte influência no campo espiritual da Igreja, pois expressam o valor e a importância da espiritualidade carmelitana. Dentre tantos

santos da Ordem que possuem tais escritos de cunho místico, destaca-se o exemplo de Santa Teresa D'Ávila ou Santa Teresa de Jesus, considerada a responsável por iniciar o movimento da descalcez no Carmelo.

Santa Teresa D'Ávila (1515-1582) foi uma monja religiosa da Ordem Carmelitana que revolucionou o pensamento espiritual da Igreja no século XVI. Atualmente é conhecida como uma das grandes santas místicas e Doutora da Igreja. Em sua formação como religiosa carmelita, Santa Teresa soube assimilar e trazer para a sua vida a espiritualidade do Monte Carmelo, naquilo que se refere ao estado de presença orante e contemplativa diante de Deus. O intuito de Santa Teresa ao estruturar o seu itinerário espiritual é que “a alma possa viver na intimidade de Cristo e que ame a sua humanidade, exatamente para dela fazer o modelo de sua vida” (MARIA MADALENA, 2003, p. 160). De tal forma, os escritos de Santa Teresa, segundo as experiências vivenciadas pela própria autora, procuram mergulhar na profundidade do enamoramento da alma com Deus, como no caso específico das suas obras *Livro da Vida e Castelo Interior ou Moradas*.

O *Livro da Vida* se destaca por ser uma obra de relatos

autobiográficos, nos quais estão contidas as confissões de Santa Teresa a respeito de sua vida íntima e espiritual. Já o *Castelo Interior ou Moradas* se destaca por apresentar os passos que a própria alma realiza até chegar à experiência profunda com Deus, que é a consumação do matrimônio espiritual. As características comuns presentes em ambas as obras estão relacionadas principalmente à experiência pessoal e profunda que faz Santa Teresa, na sua busca constante de estar na intimidade com Deus pela oração.

No Livro da Vida, Teresa expressa claramente as suas confissões pessoais em relação à ação divina em sua alma, relatando autobiograficamente os aspectos mais profundos da sua intimidade, dos modos como Deus foi conduzindo-a e plenificando-a com as graças do seu Espírito. Na introdução desta obra, Sciadini afirma que “Teresa não tem vergonha de revelar-nos os mais íntimos segredos de sua alma, de seus sofrimentos, da atração profunda que sente por Deus, que ela procura pelos caminhos da oração, da ascese e da mística” (in TERESA DE JESUS, 2009, p. 11).

Diante disso, compreendemos o grande enredo que se esconde nos seus escritos, de uma mulher religiosa que extrai do seu íntimo

a riqueza do encontro pessoal com Jesus Cristo pelos modos de oração. Trata-se, pois, de uma disposição interna para acolher as graças divinas e de uma espiritualidade vinculada à realidade. Por sua vez, a oração torna-se para Santa Teresa o primeiro degrau, a porta de entrada que leva a alma diretamente à presença de Deus, que segundo ela é simplesmente “tratar de amizade – estando muitas vezes tratando a sós – com quem sabemos que nos ama” (TERESA DE JESUS, 2009, p. 68). Ela afirma que a oração é uma relação de amizade entre a alma e Deus, do qual não se precisa falar muito, mas somente amar. Ademais, trata da importância da experiência orante numa busca permanente e interior da alma em relação a Deus, essa mesma experiência que ela bebeu da espiritualidade carmelitana.

Em um dos capítulos do Livro da Vida, Santa Teresa compara a oração com a água que rega o jardim da alma. A Santa Doutora expõe variadas formas de regar esse jardim, destacando quatro meios que são representativos da realidade humana, sendo: (i) tirando água de um poço, (ii) tirá-la de nora e alcatruzes movidos por um torno, (iii) trazê-la de um rio ou arroio e (iv)

contar com as chuvas frequentes (TERESA DE JESUS, 2009, p. 86). Por conseguinte, é clarividente que existam meios de oração que necessariamente demandem mais trabalho por parte da pessoa, mas também existem momentos da vida espiritual, em que o próprio Senhor colabora com a pessoa, dando-lhe a graça de uma profundidade na oração e na condução da alma num processo de total entrega de si mesma.

Na obra *Castelo Interior ou Moradas*, ela discorre, numa linguagem alegórica e mística, sobre a viagem que a pessoa realiza para dentro de si mesma, no interior de sua alma com o objetivo de encontrar-se com Deus. Neste castelo existem várias moradas até chegar ao centro de seu aposento principal, mas tudo perpassando a porta de entrada: a oração e a meditação, mas uma oração refletida (TERESA DE JESUS, 2017, p. 23), que permite aproximar a alma da intimidade divina. As sete moradas descritas são os graus de oração ou estágios pelos quais a alma é conduzida diretamente à presença de Deus. Trata-se de uma caminhada progressiva – no sentido espiritual da palavra – que a alma realiza, desde as primeiras moradas, consideradas

para iniciantes na vida de oração até a última morada, que é a concretização do matrimônio espiritual da alma com o próprio Deus. Segundo Frei Gabriel de Santa Maria Madalena, estando “enriquecida pelo Senhor de tal magnificência de graças, a alma que lhe é desposada aspira mais do que nunca à união com ele” (MARIA MADALENA, 2003, p. 122). Assim, a alma encontra em Deus a sua finalidade almejada que é a união perfeita, a conformidade total, semelhante a uma relação matrimonial entre o esposo e sua esposa.

Como podemos perceber, o profeta Elias e a Virgem Maria são as figuras inspiradoras de nossa espiritualidade, que beberam da experiência orante de Deus. No Monte Carmelo, os carmelitas experimentaram o obséquio de Jesus Cristo que não se restringe mais a um local geográfico, mas a uma realidade espiritual. Por sua vez, Santa Teresa D’Ávila soube trazer para a sua vida a riqueza dessa espiritualidade, deixando registrado nos seus escritos, tal como nas obras *Livro da Vida* e o *Castelo Interior ou Moradas*, os relatos das suas experiências orantes e contemplativas que a levaram a um estado de profunda intimidade com Deus. Logo, Santa Teresa foi uma mulher que estava à frente da realidade de

sua época, mas sempre alicerçada nas suas raízes espirituais, dos quais fizeram dela uma grande doutora da vida interior. Para a Vida Religiosa Consagrada, Santa Teresa de Jesus traz como ensinamento a importância do processo de autoconhecimento para uma atitude de disposição e acolhimento da vontade de Deus na vida.

Considerações finais

Primeiramente, constatamos que o profeta Elias redescobre a dimensão de sua experiência com Deus a partir da brisa suave. No Monte Horeb, Elias contempla a presença do divino mediante essa brisa que significa puramente o silêncio. Nesse sentido, Elias ensina aos carmelitas a serem homens da solidão e da oração, que possam buscar a experiência fundante em Deus para suas vidas. Por isso, o espírito de Elias inspirou alguns eremitas para o Monte Carmelo para também fazerem a experiência do encontro com Deus mediante a solidão e a meditação da Palavra.

Em seguida, observamos que a relação entre os carmelitas e a Virgem Maria não se encontra somente no aspecto maternal, mas também pelo aspecto de Irmã nossa. Maria, na sua pureza

virginal, é aquela que se entregou confiantemente ao projeto de Deus gerando a toda a humanidade Jesus Cristo, nosso Salvador. Além disso, é aquela mulher que sabe escutar e trazer para a sua vida a voz de Deus em meio aos acontecimentos de seu cotidiano. Assim, a Virgem Maria torna-se em nossa caminhada uma presença viva e fraterna, sempre nos apontando o caminho que conduz ao seu filho Jesus Cristo.

Na sequência, percebemos que Santa Teresa D'Ávila desenvolve um método peculiar de auto-conhecimento para que a alma possa encontrar-se com Deus. Mediante a análise das obras *Livro da Vida* e *Castelo Interior ou Moradas* destacamos que o processo de descoberta de Santa Teresa perpassa sua interioridade, resultando numa íntima união com Deus.

Enfim, a espiritualidade da Ordem Carmelitana se diferencia das demais Ordens e Congregações religiosas justamente pelo seu modo de relacionar-se com Deus mediante a solidão, a meditação e a contemplação. Sobretudo, em estar na presença de Deus. Por isso, os carmelitas são conhecidos na Igreja como homens de oração, que ensinam o povo a rezar.

Entretanto, cada Ordem ou Congregação religiosa também traz um diferencial para a vida da Igreja e da sociedade, aquilo que é a sua marca característica, a sua identificação, ainda mais quando está alicerçada numa experiência íntima com Deus. Logo, somos levados a compreender que o essencial se encontra no autêntico anúncio de Cristo as pessoas pelo carisma e pela mensagem proclamada.

Para dialogar:

1. Mesmo nas suas fragilidades humanas, o profeta Elias buscava estar na intimidade com Deus pela oração e pelo silêncio contemplativo. Como você tem buscado ou alimentado esse aspecto dentro do âmbito comunitário e pessoal?
2. Na Igreja, são vários os dons ou carismas presentes nas diversas congregações ou ordens religiosas, os quais contribuem para a edificação do Reino de Deus. A partir desse aspecto, como você tem anunciado a mensagem de Jesus Cristo entre as pessoas?

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2011.
- BOAGA, Emanuele. **Como pedras vivas...no Carmelo**. Roma, 1989.
- _____. **Senhora do Lugar**: Maria na história e na vida do Carmelo. Paranavaí: Livraria e editora do Carmo, 1994.
- CONSTITUIÇÕES DA ORDEM DOS IRMÃOS DA BEM AVENTURADA VIRGEM MARIA DO MONTE CARMELO. Aprovada pelo capítulo geral de Roma, 1995.
- HEALY, Kiliano. **El Profeta de fuego**. Roma-Madrid: Edizione Carmelitane, 1995
- MARIA MADALENA, Gabriel de Santa. **Santa Teresa de Jesus**: mestra de vida espiritual. São Paulo: Editora Paulus, 2003.
- TERESA DE JESUS. **Castelo Interior ou Moradas**. São Paulo: Edições Paulus, 2017.
- _____. **Livro da Vida**. São Paulo: Edições Loyola, 2009
- REGULA Ordinis Fratrum Beatissimae Virginis Mariae de Monte Carmelo. Roma: Edizione Carmelitanum, 2007.

VRC E ENVELHECIMENTO: CUIDANDO DE QUEM CUIDA



- ✓ Casa de Retiros Coração de Jesus - Florianópolis, SC
- ✓ De 16 a 21 de junho de 2024
- ✓ Informações e Inscrições:
cerne@crbnacional.org.br
Fone/Whatsapp: (61)98471-0242

GRATIDÃO E PERSISTÊNCIA

400 anos de história das Irmãs Franciscanas Penitentes
Recoletinas de Oirschot

IRMÃ ANA DA GLÓRIA ALVES ROLIM¹

Resumo: A Congregação das Irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas de Oirschot surgiu na Bélgica, no séc. XVII, em meio às transformações eclesiais da Reforma e da Contra-Reforma. O objetivo de sua fundadora, Joana Baptista de Neerinck, era o de formar uma comunidade de clausura e contemplação segundo o carisma franciscano. As mudanças provocadas pela Revolução Francesa fizeram com que a Congregação assumisse o cuidado de órfãos e a educação como atividades próprias. No início do século XX, a comunidade iniciou sua presença no Brasil onde experimentou rápido desenvolvimento e assumiu, além da educação, atividades na área da saúde. Hoje, a 400 anos da fundação, a comunidade, tendo sua sede estabelecida no Brasil, busca manter vivo e atualizar o carisma de sua fundadora, Madre Joana de Jesus.

Palavras-chave: Franciscanas Penitentes Recoletinas; Joana de Jesus; Vida Religiosa Consagrada.

1 Irmã Franciscana Penitente Recoletina. Graduada em Pedagogia e Pós-graduada em Gestão da Educação e Gestão de Entidades Religiosas. Endereço para contato: irmaanadagloria@hotmail.com

Introdução

A palavra mais acertada para este momento histórico, nesta trajetória de 400 anos da Congregação, é a palavra GRATIDÃO. É um sentimento profundo que inunda nossos corações por tudo o que Deus tem feito no decorrer destes séculos.

Gratidão pelo pequeno riacho de águas cristalinas que nasceu em Limburg, na Bélgica, correu pela Holanda e transbordou no Brasil. Riacho que se tornou, com o tempo, um rio caudaloso, transbordante em algumas épocas, em outras, mais conturbado. Às vezes tornou-se um córrego com muita areia no meio das pedras. Mesmo assim, ele não deixou de correr, de levar a sua água a outros horizontes. Como diz José Tolentino Mendonça

no meio da rocha que somos, pode nascer uma improvável flor: e no meio do deserto sequioso que trazemos, correr um rio; e no fundo da pesada noite que nos trava, pode irromper uma luz. Porque Deus não desiste de dizer a toda vida – à nossa vida – que ela é querida e bem aventurada. Essa é a sede de Deus (2018, p. 145).

Este rio que representa a nossa Congregação, matou a sede e continua saciando muita gente ao longo do seu curso.

As estações, nestes 400 anos de história, foram as mais variadas possíveis. No entanto, a fonte não estancou. Ela continua viva, jorrando, borbulhante, sempre transportando o frescor da água que mata a sede apesar da distância do território e do tempo.

Não se calcula o número de pessoas que já provaram desta água cristalina. Este rio fez germinar as sementes do bem no campo da educação, da saúde, no âmbito social e na evangelização em diversos cenários e contextos no seu itinerário cuja nascente é Gand na Bélgica.

O Papa Francisco nos motivou no Ano da Vida Consagrada a “viver o passado com Gratidão, viver o presente com Paixão e abraçar o futuro com Esperança” (Carta Apostólica, 2014). Para nós, celebrar o jubileu de 400 anos de existência da Congregação, é saborear a gratuidade de Deus. Esse tempo jubilar significa tempo de Gratidão às coisas, aos fatos, pois tudo é pura gratuidade do Criador. Como o salmista, queremos dizer que a bondade do Senhor é para sempre e sua fidelidade se estende pelos tempos (Sl 100, 5).

Só quem volta à origem é capaz de descobrir a razão do primeiro amor, é capaz de fazer memória, reviver, ressignificar, acolher

e agradecer. Portanto, celebrar 400 é fazer memória, voltar no tempo, reviver com gratidão, acolher com alegria e alimentar a esperança na fidelidade de Deus que nos conduziu nestes tantos anos de caminhada que nos guiou neste vasto caminho e que prosseguirá a nos conduzir, pois, segundo o Profeta Jeremias, “há uma esperança para o teu futuro” (Jr 31, 17). Esta esperança é que norteia a nossa vida e nos leva a dar novos passos regando a flor do nosso viver e da nossa missão.

Joana, A Fina Flor da Bélgica

O que chegou até nós através dos escritos das primeiras irmãs é que Joana Baptista de Neerinck era proveniente de uma família católica e próspera da cidade de Gand, na Bélgica. Seus pais eram honestos e distintos. Joana aprendeu desde menina as virtudes cristãs. A mãe era um verdadeiro espelho que refletia a busca de santidade.

Desde pequena, Joana demonstrou ser caridosa, amiga do silêncio e dos pobres. Sua infância “transcorreu inocentemente, conduzida por seus pais que cuidavam de formá-la nos bons costumes e no temor de Deus, princípio da verdadeira sabedoria” (MARS, 1988, p. 3).

Joana queria o quanto antes participar da Eucaristia, mas, precisou esperar o momento oportuno, pois era muito nova. Revelou grande devoção para com a Virgem Maria e a Eucaristia. Aos poucos ela foi confeccionando um “colar” com pérolas dos pequenos sacrifícios que aprendeu a fazer.

Nos escritos sobre a Venerável Madre Joana de Jesus percebemos que,

logo que atingiu a idade da razão, Deus cumulou-a com as mais doces bênçãos, inspirando-lhe o desejo de deixar o mundo e de ser religiosa, a fim de entregar-se inteiramente a seu serviço do seu amor. Para isso, muito contribuíram sua boa educação e o bom exemplo dos pais, que a mantinham afastada das ocasiões que poderiam ter enfraquecido as primeiras inclinações de um bom espírito e impedido as operações da graça divina (MARS, 1988, p. 3

As guerras entre o Imperador Philippe II e os outros monarcas da Europa eram muito frequentes naquele tempo por causa das religiões. Foi um tempo de muita violência e pobreza. Joana crescia neste ambiente. Não sabemos até que ponto estes revesses sociais tiveram influência na sua vida. O fato é que, por causa das guerras, ela bem cedo perdeu os pais, tornando-se órfã. Mesmo assim, não perdeu suas características singulares de acolhimento, ternura e beleza interior.

Como afirma Lekeux, “era rica, mas já então desprendida das riquezas. Estas tinham uma única razão de existir: servir para aliviar os pobres. Esta foi sua ocupação cada dia: Tornou-se uma providência para os infelizes. Com um tato especial, adivinha seus sofrimentos e sofria realmente com eles” (1975, p. 12).

Caminho Vocacional

Mesmo sentindo a sede do infinito e o desejo de consagrar-se a Deus, decidiu primeiro cuidar do seu irmão e, só mais tarde, aos vinte e oito anos de idade, é que deu um passo na realização do seu ideal.

O desejo de consagrar-se a Deus era uma realidade clara para Joana de Neerinck. Ela queria doar-se por inteiro ao Senhor. Mas qual o caminho a seguir? Nos seus momentos de silêncio e intimidade com Deus, no seu quarto ou nas várias igrejas por onde andava, permanecia horas a fio diante do tabernáculo adorando, pedindo luzes para o seu discernimento, para saber qual o carisma a seguir, qual o caminho a trilhar.

Os desígnios de Deus são insondáveis... O seu coração só apaziguou quando sentiu uma profunda inspiração através da visão de um frade franciscano que passou em frente à sua casa, silencioso e com aparência

seráfica. Ela pensava que ele viesse pedir esmola. No entanto, o frei desapareceu misteriosamente. Joana considerou este fato como verdadeira inspiração divina. As dúvidas dissiparam-se: seria franciscana.

Ela não tardou a colocar-se a caminho. Procura as Irmãs Cinzentas que viviam em Gand, sua cidade natal. Era uma Congregação da Terceira Ordem de São Francisco cujo carisma era ajudar os pobres e doentes. As Irmãs mantinham muitos contatos fora do convento.

Na vivência concreta do dia a dia do convento, Joana sentiu que este não era o seu desejo mais profundo. O gosto pelo silêncio, a meditação e a contemplação falavam mais alto.

Naquele tempo de Reforma Protestante e de Contra Reforma católica, crescia o interesse pela espiritualidade dos Franciscanos Recoletos. Padre Marchant era o diretor espiritual de Irmã Joana e dentro dela nascia a ideia de fundar uma congregação contemplativa onde pudesse seguir Jesus, viver o seu Espírito antes de tudo com uma vida de oração e, em clausura e renunciando à vida que levava no mundo, viver exclusivamente para Deus. Ela amava a oração e não encontrava alegria maior do que entreter-se com

Deus. Desde os primeiros anos de profissão, teve inclinação pela clausura. Isto fazia com que fugisse do contato e conversas com as pessoas de fora e só saísse do mosteiro por dever de obediência.

Aurora de Novos Tempos

Já dizia Santa Tereza de Ávila que “tudo na vida passa”. O sofrimento da Irmã Joana no convento das Irmãs Cinzentas também passou. Graças ao incansável apoio do padre Marchant que viu na Irmã Joana um grande potencial para a vida contemplativa, não mediu esforços para possibilitar a realização do seu ardente desejo de viver em profunda oração e comunhão com Deus.

Padre Marchant conseguiu um imóvel, uma propriedade em Limburg. Ele encarregou Irmã Joana de escolher as companheiras que atendessem ao perfil de uma vida reclusa. Ela escolheu apenas quatro irmãs, aquelas que já estavam firmemente decididas. A partida se deu no dia 19 de setembro de 1623. A viagem era longa, mas seus corações estavam tomados de alegria.

Na manhã do dia 21 de setembro de 1623, a tão sonhada clausura foi instalada. As irmãs podiam intensificar a mística e

a oração como fontes para redefinir a sua consagração total a Deus. Pois, a oração é uma atitude permanente de vida, de escuta à vontade de Deus e era isto que elas buscavam no mais profundo do seu ser.

Madre Joana foi nomeada pelo padre Marchant como Fundadora da Ordem nascente das Penitentes Recoletinas: penitência e recolhimento, sacrifício no amor. Este nome exprimia exatamente o ideal de Madre Joana e as características de sua Fundação.

Estas foram as palavras de Madre Joana naquele momento marcante:

Ó minhas Irmãs, eis chegado o dia tão desejado de servir totalmente a Deus. Eis-nos no doce retiro que procuramos com tanto ardor. A escravidão do Egito terminou, os laços com o mundo foram rompidos. Eis-nos livres de tudo que podia nos afastar do enlace com o Cristo. O Esposo nos conduziu a esta cara solidão para falar a nosso coração. Esta casa deve ser para nós um céu: na pobreza, na castidade e na paciência, Jesus será nosso único amor. Eis que todas as coisas são novas; devemos morrer ao mundo, a nossas paixões, a tudo, para que nossa vida seja escondida em Deus com Jesus Cristo (apud LEKEUX, 1977, p. 58).

As Irmãs não só mudaram o estilo de vida, mas também de

nome, significando a ruptura com o mundo de então. Irmã Joana de Neerinck, recebeu o nome de Joana de Jesus. O nome que dizia sua alma: Joana de Jesus. Este ‘possessivo’ a encantava. Joana que pertence a Jesus, que é toda de Jesus.

Era grande a influência do Concílio de Trento naquela época. Podemos percebê-la nas orientações de Madre Joana às irmãs consignadas no livro “Caminho Real do Amor Divino”. O seu objetivo era a perfeição, uma tentativa para experimentar Deus dentro de si por meio de orações, meditações, nos encontros com as outras irmãs ou outras pessoas.

Elas receberam do padre Marchant a Regra da Ordem Terceira de São Francisco de Assis como também as Constituições onde dizia: *“Vossa Reforma... está fundada sobre a pureza de coração, a pobreza de espírito, a caridade mútua, mortificação do corpo. Estas Constituições não vos ensinam outra coisa; e as armas da Paixão dolorosa de Cristo, que trazeis sobre o peito, vos convém”* (LEKEUX, 1975, p. 59).

O mosteiro era fechado e a comunidade tinha poucos contatos com as pessoas do mundo exterior. Mesmo assim, exerciam o apostolado de intercessão pelos sofrimentos que assolavam

a humanidade através dos pedidos de orações, conselhos e orientações. A espiritualidade das Franciscanas Penitentes Recoletinas tinha grande influência na região.

Madre Joana fundou outros mosteiros. Algumas comunidades já existentes na época assumiram a sua espiritualidade e, com o tempo, formou a “União de Limburg” que teve rápido crescimento devido à entrada de muitas Irmãs e muitos mosteiros que aderiram à mesma espiritualidade. As vocações floresceram com o perfume exalado pelas Penitentes Recoletinas da época. Madre Joana veio a falecer em 26 de agosto de 1648, com a idade de 72 anos.

As travessias na Vida das Penitentes Recoletinas

As águas nem sempre foram tranquilas para as Irmãs. Desde o tempo de Madre Joana, houve inquietações no cenário político e social. Havia invasões, guerras, conflitos e isso gerava sofrimento para o povo e para as Irmãs. Elas precisavam adaptar-se a cada nova situação.

Com a Revolução Francesa, a travessia tornou-se mais longa e mais difícil. O patrimônio foi

confiscado. Em 20 de março de 1797, as Irmãs foram expulsas de Weert (Bélgica). Elas encontraram refúgio temporário em Oirschot (Holanda). Alugaram uma casa geminada. Na outra metade funcionava um bar. Eram proibidas de expressar sua real identidade de religiosas e de receber novos membros. Só mais tarde, com a ajuda de benfeitores, conseguiram alugar outra casa em outra rua.

A travessia era incerta, dependia de quem assumia o governo daquelas terras dos Países Baixos. Em 1801, a pressão tornou-se mais forte ainda. As Irmãs tinham de esconder a sua vida contemplativa para o mundo de fora e não podiam usar as vestes religiosas. Para manter sua rotina de oração, pela noite, enquanto a vila dormia, elas rezavam, vestidas de hábito, as matinas (MONTEIRO, 2002, p. 43-44).

Com o passar do tempo, as águas se agitaram também na forma de vida das Irmãs. A tão sonhada vida contemplativa proposta por Madre Joana passou a ser questionada. Para sobreviver, as Irmãs acabaram modificando o ritmo da vida. Por necessidade, passaram a cuidar de um pensionato e do ensino dos pobres.

A combinação de trabalhos de caridade com a máxima atenção

à espiritualidade era para muitas Irmãs um grande desafio. Era, na verdade, uma jornada diária dupla. Demoraram a se acostumar, mas depois o retorno foi imenso. Pelo fato de continuarem o que Francisco começou, surgiu uma profunda e rica compreensão na vida da comunidade das Irmãs.

Com o passar do tempo, a Congregação passou por novas mudanças, tendo de se adaptar às exigências oriundas de cada momento. Assim, percebemos que, no decorrer do século dezenove, as irmãs desenvolveram uma inclinação para a vida ativa e cultivaram, com rigor, o caráter essencialmente contemplativo da comunidade. Estavam convictas, que a essência da própria identidade religiosa era contemplação. Por isso, se apegavam a uma separação severa e imutável entre o convento e o mundo. Vários pedidos para se estabelecerem numa região missionário foram negados (MONTEIRO, 2002, p. 277).

O Senhor Clama

O clamor missionário do bispo da diocese de Araçuaí, Dom Serafim Gomes Jardim acompanhado do seu vigário geral, Pe. Frei José de Hass, que era holandês, chegou aos ouvidos das Irmãs e, por sopro do Espírito

Santo, elas acolheram o pedido. Após algum tempo de reflexão, deu-se início ao processo de seleção para as missionárias para o Brasil.

Para surpresa do Governo Geral, muitas Irmãs responderam “Eis-me aqui Senhor, envia-me”. Foram escolhidas seis Irmãs, que seriam as pioneiras na aventura missionária: Aquilina, Amália, Angélica, Beatriz, Boa Vida e Guilhermina.

As missionárias partiram para a nova terra sabendo que nunca mais poderiam voltar à sua pátria. Depois de longa e cansativa viagem de navio até o Rio de Janeiro, de vapor até Caravelas na Bahia, de trem até o povoado de Queixada, seguiram a cavalo até Araçuaí, em Minas Gerais, onde foram acolhidas com alegria pela Igreja e pelo povo no dia 23 de abril de 1926. O velho mundo ficou para trás e nova vida se iniciou, numa realidade pobre, desprovida de recursos econômicos e sociais onde estão os preferidos de Deus.

Como não havia escola para as meninas, as Irmãs iniciaram o Colégio Nazareth com o apoio das senhoras da cidade que lhes ensinavam o português e traduziam o que as irmãs ensinavam às alunas. Aos poucos, este colégio se transformou num

internato que acolhia crianças e moças de toda a região do Vale do Jequitinhonha. A vida religiosa da Holanda foi transplantada para o Brasil carregando a tradição das Recoletinas de além-mar (mesmo hábito, forma de oração e trabalho) embora o contexto fosse diferente. Porém, o resultado foi surpreendente.

A missão no Brasil foi contagiante. No ano seguinte, chegou o segundo grupo para iniciar o Colégio São Francisco em Teófilo Otoni. Depois de alguns anos percebeu-se que a ação profética das missionárias holandesas, juntamente com as primeiras Irmãs brasileiras no Campo da Educação, consistiu na expansão cultural, abrindo horizontes e possibilidades para as mulheres do interior (meninas e moças) exercerem sua função social, uma verdadeira libertação. Assim, no Vale do Jequitinhonha surgiram professoras, catequistas, médicos, advogados... pessoas influentes como pequenas faíscas a iluminar a realidade da região, do Estado e porque não dizer, do nosso país.

Com o passar do tempo, novos horizontes surgiram. Em 1950, as Irmãs passaram a atender a demandas na área da saúde, ampliando a missão. Começaram a trabalhar no

Hospital de Caridade de Araçuaí e no Pronto Socorro Policial em Belo Horizonte. Mais tarde também no hospital Felício Rocho, entre outros. Graças ao Concílio Vaticano II, as Irmãs assumiram nova modalidade de vida e, a partir de 1968, partiram para a inserção nos meios populares.

Com relação às vocações, as sementes logo brotaram. As primeiras vocacionadas foram para o Noviciado na Holanda. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, no ano de 1939, não mais foi possível enviar formandas para o outro lado do mar. Com a invasão da Holanda pelas tropas alemãs em 1º de maio de 1940, o Brasil ficou completamente isolado dos contatos com a Casa Mãe.

Em 1942, Dom José Maria Pires dirigiu-se a Roma, pedindo licença para criar o noviciado para as irmãs no Brasil. A autorização foi concedida no dia 03 de outubro do mesmo ano. O noviciado recebeu o nome de Monte Alverne.

O Senhor envia para servir

Com o passar do tempo e as mudanças na sociedade e na Igreja, as Irmãs, tanto as holandesas quanto as brasileiras, perceberam a necessidade de melhor organizarem-se para

bem servir ao povo de Deus.

A porção de Irmãs no Brasil se tornou Distrito em 1944. Em 1974 passou a Vicariato Provincial e, em 1990, Província. A Província Brasileira sempre esteve em sintonia com a caminhada do Governo Geral na Holanda.

Na Europa, o processo de envelhecimento da Vida Religiosa, assim como o de toda a sociedade. Depois de muitas reflexões, tensões, consensos e buscas chegou-se à decisão de que seria mais promissor transferir o Governo Geral da Congregação para o Brasil. Isto se deu em 23 de julho de 2002. Uma caminhada nova com as mesmas raízes regadas pelo manancial da Fundadora Madre Joana de Jesus que descobriu em Francisco de Assis o modelo de espiritualidade para seguir Jesus Cristo pobre, humilde e crucificado, unidas na busca pela fonte de sua herança espiritual.

Nesta busca das origens, da fonte originária, a Congregação passou pelo processo de clarificação do Carisma. Nos anos de 2010 a 2014, renovando o espírito da fundadora, a Congregação realizou um processo de atualização do Carisma. Como resultado, as Irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas assumiram com ternura e vigor o

cuidado da mulher em situação de vulnerabilidade no resgate de sua dignidade. Esse é o Carisma específico de nossa vocação.

O caminho da Persistência gera gratidão

Como um rio que corre, corta e entrecorta planícies, penhascos e encostas, correndo em direção ao mar, assim a Congregação em todos os tempos buscou intensificar a mística que impulsiona o nosso caminho como fonte de inspiração para viver o ideal do Reino.

Nesta celebração do jubileu dos 400 anos de história, queremos usar a criatividade para criar, reinventar, encontrar saídas para que o Carisma herdado de Madre Joana continue atual, iluminado a realidade de hoje na dinâmica da mulher em situação de vulnerabilidade social. Cultivando sonhos de fraternidade, sendo sinal de esperança que nos lançam para a frente,

para novos horizontes que certamente serão descortinados.

Partilhando a alegria de Ser Irmã Franciscana Penitente Recoletina, reconhecemos que a Gratidão é o segredo que nos mantém com ternura e vigor, descobrindo sempre as sementes que nos fazem renovar a força e a energia no seguimento de Jesus Cristo.

Com os passos dados há tantos anos, sentimos que a estrada se faz ao caminhar e que não é possível remodelar o passado para reconstruir o presente, mas é possível ressignificar o presente para reescrever o passado.

É com muita alegria que percebemos que a gratidão é o segredo para uma vida com persistência, gratidão pelas coisas boas e pelos desafios que foram contornados nestes 400 anos de construção, de caminhada, de história. Também pelas coisas que se tornaram lições de vida no decorrer destes anos. Gratidão é perceber Deus em tudo.

Referências

- FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para a Proclamação do Ano da Vida Consagrada**. Roma, 21 de novembro de 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacraati.html Acesso em: 17 de abril de 2023.
- LEKEUX, Martial. **Madre Joana de Neerinck**. “Uma apóstola da contemplação. Uma contemplativa empreendedora”. Editora São Vicente: Belo Horizonte, [1975?]
- MARS, Simon. **Vida da venerável Madre Joana de Jesus**. Congregação das Irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas de Oirschot: Belo Horizonte, 1988.
- MENDONÇA, José Tolentino. **Elogio da sede**. São Paulo: Paulinas, 2018.
- MONTEIRO Marit. **Vida, Amor e Oração**. História das Irmãs Franciscanas de Oirschot. Uitgeverij Verloren Postbus: Oirschot, 2002.

PROFOLIDER 2024



- ✓ Casa de Retiros São José – Salvador, BA
- ✓ De 17 de outubro a 26 de novembro de 2024
- ✓ Informações e Inscrições:
cerne@crbnacional.org.br
Fone/Whatsapp: (61)98471-0242

A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA NA ASSEMBLEIA CONTINENTAL DO SÍNODO SOBRE A SINODALIDADE – ETAPA CONE SUL

Mais do que um evento, o Sínodo sobre a Sinodalidade quer ser um processo que envolva toda a Igreja Católica Apostólica Romana em um processo guiado pelo Espírito Santo para um revigoramento do testemunho da fé e da esperança em Nosso Senhor Jesus Cristo. Iniciado em 2022, o processo sinodal chegará à sua sistematização em 2024.

Depois da primeira fase de “escuta” do Povo de Deus, iniciou-se a segunda fase, a da sistematização e reflexão da escuta. A partir do recolhido em cada país, passou-se em seguida à Fase Continental. Na América Latina e Caribe, o trabalho de reflexão e sistematização foi levado a cabo em quatro grandes assembleias

regionais. A assembleia que reuniu os representantes do México e da América Central se reuniu em El Salvador, de 13 a 17 de fevereiro. Os países do Caribe se encontraram em Santo Domingo, de 20 a 24 de fevereiro e os países Bolivarianos, em Quito, de 27 de fevereiro a 03 de março. A última assembleia a ser realizado foi a que reuniu os representantes dos países do Cone Sul – Paraguai, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil -, realizada em Brasília, de 06 a 10 de março.

Na Assembleia do Cone Sul estiveram presentes em torno de 186 representantes dos diversos países. Eram leigos e leigas, religiosos e religiosas, diáconos, presbíteros e bispos que, na metodologia da “conversa

espiritual”, aprofundaram e avançaram no caminho de uma Igreja toda ela sinodal.

Em todas as etapas do Sínodo, a Vida Religiosa Consagrada teve uma significativa contribuição. E, com certeza continuará a colaborar para que a Igreja possa, cada vez mais, como o indicou o Papa Francisco na homilia de abertura do Sínodo, encontrar, escutar, discernir a vontade de Deus para os seus filhos e filhas.

Nos textos a seguir, trazemos o testemunho de religiosos e religiosas que participaram da Etapa Cone Sul da Assembleia Continental acontecida em

março em Brasília. O primeiro texto, do Pe. João Mendonça, é uma crônica do evento. Os outros textos são percepções pessoais dos(as) participantes. Como diria o Papa Francisco, é um olhar poliédrico no qual se reflete a diversidade das experiências, das expectativas e das interrogantes de cada um e cada uma de nossos irmãos e irmãs que colaboraram com a voz da Vida Religiosa Consagrada.

Depois do conjunto dos textos, apresentamos algumas questões para estimular o diálogo sinodal na comunidade.

CRÔNICA DA ETAPA DO CONE SUL DA ASSEMBLEIA CONTINENTAL DO SÍNODO SOBRE A SINODALIDADE

Brasília, DF – 06 a 10 de março de 2023

PE. JOÃO DA SILVA MENDONÇA FILHO, SDB¹

Nosso objetivo nesta breve narrativa pessoal da Etapa do Cone Sul do Sínodo sobre a Sinodalidade é contribuir com a continuidade da reflexão orante, em clima sinodal. Seguiremos em ordem cronológica apresentando um breve sumário do acontecido juntamente com algumas considerações pessoais.

Dia 06/03

Começou no dia 06/03 e foi até 10, no Centro Cultural Missionário (CCM), a plenária do Cone Sul

- Chile, Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil – do Sínodo sobre a Sinodalidade. Éramos em torno a 200 delegados(as) entre cristãos leigos(as), padres, bispos, religiosos(as). Foi um tempo de discernimento e de busca para assinalar prioridades em vista da sessão que se realizará em outubro próximo no Vaticano.

Numa aula sinodal com pessoas tão diversas e em contexto intercultural com tantas experiências e riquezas humanas, foi um desafio mergulhar no processo, sair do próprio mundo, da

1 Presbítero salesiano de Dom Bosco. Mestre em Educação com Especialização em Educação Sexual, Pastoral e Comunicação. Contato: pe.mendonca@hotmail.com

autorreferencialidade, inclusive do limite do idioma, para intComo é de praxe nesses eventos, a mesa é formada pelas pessoas que dão o tom ao evento. Dom Joel Portela, secretário executivo da CNBB, dirigiu a palavra incentivando a participação; o cardeal Paulo César, arcebispo de Brasília, à luz da Transfiguração, apresentou a imagem da Igreja que deve brilhar transfigurada, imagem de Jesus; Dom Miguel Cabrejos, presidente do CELAM, apresentou o objetivo da plenária e a riqueza vivida nas outras etapas das regiões latino-americanas destacando o crescimento da Teologia do Povo de Deus; Ir. Eliane Cordeiro, presidente da CRB, discursou sobre o valor da Vida Religiosa Consagrada no processo sinodal.

Foi muito importante a apresentação do padre Agenor Brighenti, assessor do CELAM, do processo sinodal vivido no espírito do Vaticano II e na tradição teológica da América Latina. É bonito rever a história de como Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida e a Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe, foram capazes de concretizar o Vaticano II na complexa realidade do continente. E, ao mesmo tempo, com o olhar na linha do

tempo, perceber os avanços e retrocessos do caminho e que hoje estão influenciando na história da Igreja atual.

Após as reflexões iniciais, o grupo de liturgia do Brasil animou a oração de abertura do evento. É bom enfatizar que as celebrações foram de uma riqueza enorme. Cantos, gestos, símbolos, participação, foi tudo realmente movido pelo espírito eclesial.

O Povo de Deus: as vozes das consultas

O Papa Francisco, no dia 09 de outubro de 2021, quando inaugurou o Sínodo, deixou claro três questões:

- O Sínodo não pode ser um mero formalismo. Dizia ele: um evento extraordinário, mas de fachada, como se alguém ficasse a olhar a bela fachada duma igreja sem nunca entrar nela. Pelo contrário, o Sínodo é um percurso de efetivo discernimento espiritual que não empreendemos para dar uma bela imagem de nós mesmos, mas para colaborar para a obra de Deus na história;
- Por outro lado, o Sínodo não pode ser entendido como um

intelectualismo abstrato, disse o Papa. Transformar o Sínodo numa espécie de grupo de estudo, com intervenções cultas, mas alheias aos problemas da Igreja e aos males do mundo, seria uma espécie de “falar por falar”, onde se pensa de maneira superficial e mundana, acabando por cair nas habituais e estéreis classificações ideológicas e partidárias, alheando-se da realidade do santo Povo de Deus, da vida concreta das comunidades espalhadas pelo mundo;

- Pior ainda, enfatizou Francisco, seria levar ao imobilismo, na mentalidade de “fez-se sempre assim”, “é melhor não mudar” Isso é um veneno para a Igreja. Quem se move neste horizonte, mesmo sem se dar conta, cai no erro de não levar a sério o tempo que vivemos. O risco é que, no fim, se adotem soluções velhas para problemas novos: um remendo de pano cru, que acaba por criar um rasgão ainda maior (Mt 9, 16). Por isso, é importante que o caminho sinodal seja verdadeiramente tal, que seja um processo em desenvolvimento. Para isso, é importante que o processo envolva, em diferentes fases e a partir da base, as Igrejas locais, num trabalho apaixonado e encarnado, que impri-

ma um estilo de comunhão e participação orientado para a missão.

Para romper com a bolha clerical fechada que impede o real sentido da comunhão, participação e missão, destacou Francisco na ocasião: todos somos chamados a participar na vida da Igreja e na sua missão. Se falta uma participação real de todo o Povo de Deus, os discursos sobre a comunhão arriscam-se a não passar de piás intenções. Neste aspeto, deram-se alguns passos em frente, mas sente-se ainda uma certa dificuldade e somos obrigados a registar o mal-estar e a tribulação de muitos agentes pastorais, dos organismos de participação das dioceses e paróquias, das mulheres que muitas vezes ainda são deixadas à margem. Que todos participem é um compromisso eclesial irrenunciável!

Para todos os cristãos, este é o cartão de identidade: o Batismo. Para tanto, foram feitas consultas ao Povo de Deus na tentativa real de convocar todos e todas, não apenas os cristãos das comunidades, mas a população do território de cada diocese e de cada paróquia, os frequentadores e não frequentadores, os batizados e não batizados, os afastados e indiferentes, os portadores de deficiências, os

crentes da diversidade religiosa. Esse objetivo foi alcançado? Infelizmente ainda precisamos avançar porque muitos ficaram de fora das consultas. Ainda temos a tentação de falar de nós pra nós. Temos limites para ir ao encontro, há muitos muros construídos à base de preconceitos e lutas internas eclesiais.

Para viabilizar o processo, a Equipe Nacional do Sínodo, organizada pela CNBB, tendo presente as orientações que chegaram do Secretariado do Sínodo, iniciou um serviço de assessoria. Reuniu, no formato online, os(as) coordenadores(as) diocesanos das equipes nomeadas pelos bispos, depois realizou uma reunião com a presença das equipes e, por fim, uma terceira reunião para colher os frutos das iniciativas. Todo esse percurso foi feito na linha da participação. O bom é que muitas dioceses foram criativas tanto na acolhida das orientações como na realização das iniciativas. No final, recebemos 259 relatórios das 278 circunscrições eclesiais do Brasil e nove relatórios de grupos específicos. Ficou evidente ali que o desejo de participação era enorme e isso gerou, claro, expectativas.

A Equipe Nacional trabalhou para ler todos os relatórios e

preparar a síntese brasileira. Depois de um trabalho sério enviamos ao Secretariado o resultado do apanhado do *sensus fidei* do povo brasileiro, com suas riquezas, lacunas e horizontes para a ação evangelizadora à luz da sinodalidade.

Passados alguns meses recebemos o Documento da Etapa Continental do Sínodo (DEC) uma laboriosa síntese dos 112 relatórios das 114 Conferências Episcopais do Mundo, 15 das Igrejas Orientais Católicas, 17 dos 23 Dicastérios da Cúria Romana, dos Superiores Religiosos (USG/UISG), de Vários Institutos de Vida Consagrada e das Associações de leigos(as), mil contribuições de grupos específicos e uma volumosa contribuição das redes sociais, chamado de “Sínodo digital”. Esse mutirão de participação e comunhão, é o símbolo mais eloquente da VOZ DO POVO DE DEUS. Um material valiosíssimo que não pode ser descartado do processo porque ele é a base, a terra fértil onde armar a tenda desse processo sinodal. Sem ele iremos fincar as estacas numa terra movediça, um brejo, muito perigoso para a ação evangelizadora futura.

Com tudo isso chegamos em Brasília. O coração exultante. A alegria do encontro. O desafio de

superar os interditos linguístico e culturais, uma verdadeira experiência eclesial intercultural. Aos poucos fomos estabelecendo contatos, criando a comunicação e deixando que nas orações, nos encontros informais, na alegria latina, o Espírito Santo fosse o único protagonista. Ele nos reuniu e queria falar ao nosso coração a partir dos sonhos dos nossos povos. Assim iniciamos a Etapa Continental – Cone Sul.

A metodologia oferecida pelo CELAM

Pe. Oscar Martín, um dos assessores do CELAM para esta Etapa Continental, apresentou na manhã do dia seis a metodologia. A principal e justa disposição de todos(as) era deixar o Espírito Santo ser o grande protagonista de nossas reflexões. Nossas agendas pessoais precisavam ser guardadas e manter a mente livre para a moção do Espírito. O processo de escuta se desenvolveria em três etapas dos trabalhos de grupos até chegar na plenária:

1. Cada um falava sobre o que sentia que era moção do Espírito sobre o que leu do Documento de Trabalho – DEC – partilhando as grandes in-

tuições, tensões e experiências iluminadoras;

2. Depois de ouvir cada membro do grupo, sem interrupção e debates, parte-se para a segunda etapa feita na segunda metade da manhã. Esta etapa consistia em expor as tentações e tensões presentes no texto e na própria leitura, tendo também em conta o que escutou dos demais;
3. Na parte da tarde, cada membro do grupo apresentava sugestões de prioridades para enviar ao secretariado do Sínodo em vista da sessão de outubro no Vaticano.
4. Na plenária os secretários apresentavam o resultado das reflexões. Tínhamos alguns minutos de silêncio e oração, mas não tivemos debates.

Para mim foi difícil esse método. Estou acostumado com a dialética construtiva de um texto, de uma reflexão, de uma abordagem em vista de proposta. Apenas escutar sem contribuir ou até ajudar a construir o conhecimento, me parece limitado. A coisa corre o perigo de ficar muito subjetiva e sem foco, diria até, sem rumo. É como entrar num labirinto sem guia, a pesar de que o Espírito Santo era o guia, mas o Espírito é do tipo que desconstrói e reconstrói, é a

dinâmica da Revelação no meu modo de ver. Neste sentido, o debate, a dialética é uma conquista do modo de refletir na Igreja do Brasil que não podemos perder. Claro, o respeito pela fala do outro é fundamental, mas sem debate fica difícil. No entanto, é uma forma de interpretar o que disse Papa Francisco de que o “Sínodo não é um parlamento.”

Dia 07 de março

O dia de hoje foi a primeira experiência concreta da metodologia da escuta ativa. Refletimos em 21 grupos com três tempos de partilha. O Documento de trabalho da Etapa Continental – DEC - foi dividido em 3 partes. Cada uma delas foi fonte de oração e reflexão segundo a metodologia. No primeiro momento tivemos os números 29 a 56, com os seguintes conteúdos: em direção a uma Igreja sinodal missionária; uma opção pelos jovens; as pessoas com deficiência e a defesa da vida; à escuta de quem se sente não cuidado e excluído; a missão na Igreja e no mundo; caminhar juntamente com os cristãos; os contextos culturais; culturas, religiões e diálogo.

O nosso compromisso tinha duas vertentes: a escuta do Espírito e a responsabilidade

de fazer ecoar o resultado das escutas, com atenção ao *sensus fidei*, resultado da participação do Povo de Deus. Diante disso, quais ressonâncias surgiram no grupo?

1. As intuições

A partir da imagem da tenda em Is 54,2, o grande convite para a Igreja é ser como um acampamento com a capacidade de acolher a todos(as) e, ao mesmo tempo, de mover-se sem perder ninguém. Nesse sentido, ficou evidente para nós o desafio da diversidade cultural, religiosa e sexual em nossa Igreja; o resgate dos conselhos em formato sinodal; a realidade do *sensus fidei fidelium* como forma coerente de dar voz ao Povo de Deus; ter o olhar do discípulo de Jesus Cristo.

2. Quais tensões?

De forma geral consegui captar algumas questões. A preocupação de nos encontrarmos no DEC guiados pelo Espírito Santo; a percepção de que estamos numa grave crise eclesiológica; a dificuldade de um ecumenismo prático; a forte mentalidade clericalista; a realidade das famílias interconfessionais que geram conflitos e divisões; a rejeição ao Papa Francisco em vários

âmbitos da Igreja; a ausência da voz dos jovens nas consultas; as estruturas hierarquizantes que enfraquecem a ministerialidade.

3. Quais temas são importantes e precisam ser abordados na sessão do Sínodo?

O resgate da teologia batismal e a superação do legalismo; a espiritualidade de comunhão como antídoto contra o clericalismo e o hierarquismo; o valor da diversidade e a inclusão na luta pela justiça e paz.

No plenário tivemos o tempo de escuta e oração diante das contribuições. O dia terminou com a celebração eucarística organizada pelos participantes chilenos.

Dia 8 de março

A reflexão de hoje teve como base os números 57 a 70 do Documento de Trabalho. A questão apresentado foi: Quais seriam os grandes destaques, no meu modo de acompanhar o processo?

1. As intuições

- Na atual mudança cultural, a Igreja precisa se repensar em relação à presença ativa da

mulher nos organismos de governo e decisão, inclusive com a retomada urgente do diaconato feminino;

- A partir da corresponsabilidade batismal, que, infelizmente, não avançou, precisamos repensar a eclesiologia do Povo de Deus com a riqueza dos carismas e da instituição, vencendo os ranços do clericalismo;
- Resgatar, à luz da *Eclesiam Suam* de São Paulo VI, o valor do diálogo no atual cenário da indiferença, da subjetividade e da riqueza ministerial;

2. Quais tensões?

- o clericalismo voraz tanto no clero como entre os fiéis;
- aceitar o diaconato feminino
- não há plena corresponsabilidade na missão eclesial
- há um apagão em relação ao caminho feito até aqui como desdobramento do Vaticano II: o sínodo sobre a missão dos leigos(as) na Igreja; o sínodo sobre a VRC; o sínodo sobre a Palavra de Deus e sobre a Eucaristia; o sínodo dos jovens e dos bispos. Esse processo sinodal recuperou e atualizou muitas questões teológicas, históricas e doutrinárias que ficaram engavetadas, agora, precisam ser resgatadas.

3. Quais temas são importantes e precisam ser abordados na sessão do Sínodo?

- a presença da mulher nas instâncias de governo e de decisão da Igreja;
- a presença da VRC nos âmbitos diocesanos;
- As inquietações são muitas, porém, o caminho se faz caminhando. A oração do dia ficou à cargo dos uruguaios.

Dia 9 de março

Hoje, o dia foi pautado pelo símbolo da estaca que precisa ser fincada na terra, o lugar concreto da nossa história e dos nossos povos do Cone Sul. Com a animação litúrgica dos delegados(as) argentinos fomos ajudados a criar asas e buscar, na força do Espírito Santo, as luzes para a caminhada sinodal na Igreja, com a leitura e reflexão dos números 71 a 97 do Documento de Trabalho – DEC.

A metodologia foi a mesma dos outros dias e com ela fizemos um exercício de conversão de mentalidade para aceitar e seguir as orientações da assessoria permitindo que nossas agendas pessoais não se imponham à escuta do Espírito Santo. Nas comunidades de escuta – grupos

– fomos buscar as intuições, as tensões e as prioridades que ajudem a guiar a reflexão sinodal da sessão de outubro no Vaticano.

Os números propostos apresentam os seguintes elementos: a sinodalidade toma forma na Igreja; a tensão global-local sobre as estruturas e instituições eclesiais; a urgência de repensar a formação integral do Povo de Deus; a espiritualidade de comunhão precisa ser resgatada numa cultura sinodal; a liturgia precisa estar atenta à diversidade cultural e as formas de oração.

O que apresento a seguir são impressões minhas, com alguns elementos do consenso do grupo que participo, e não uma síntese do que os 21 grupos apresentaram.

1. As intuições

- A constatação de que a Cúria Romana e as Conferências Episcopais estão se inserindo no processo sinodal com uma clara mudança de mentalidade;
- Há, da parte do Povo de Deus, o desejo de que os conselhos, em seus vários níveis, sejam deliberativos;
- É iluminador que a espiritualidade de comunhão seja sinodal e redescubra o grande valor da religiosidade popular;

- Percebemos também que as tensões não podem ser consideradas como obstáculos, mas energia que impulse a ação evangelizadora;

2. Quais tensões?

- É fato que as estruturas da instituição Igreja são lentas demais e fortalecem a hierarquização com o conseqüente clericalismo em todas as suas formas;
- Há uma dificuldade em aceitar a diversidade dos carismas e a diversidade dos ministérios na práxis eclesial;
- Os ritos litúrgicos impõem, de certa forma, segundo algumas experiências, um estilo intimista, com homilias desconexas da Palavra de Deus e agravam as feridas de muitos fieis com o uso dos sacramentos como barreira, com normas que, às vezes, no lugar de acompanhar e favorecer a vida cristã, faz sofrer e exclui;
- Causa certa estranheza a ausência da contribuição dos centros Universitários Católicos no processo de consulta, como também a ausência dos seminaristas e a participação mais objetiva das novas gerações da VRC.

3. Quais temas são importantes e precisam ser abordados na sessão do Sínodo?

- O meu grupo foi de consenso que será necessária uma reflexão canônica, inclusive mudanças, que considerem formas deliberativas, num processo sinodal, dos conselhos de pastoral, econômico, diocesanos e assembleias eclesiais;
- Faz-se urgente uma reflexão atualizada das relações entre hierarquia e Vida Religiosa Consagrada, inclusive com as novas comunidades de vida;
- É preciso reforçar as práticas já existentes de sinodalidade como as Conferências Episcopais, CLAR, CRB, CNL e outras que praticam formas de consultas e decisões à luz do Espírito Santo;
- É um desejo que as consultas para o episcopado sejam feitas também de forma sinodal, dando oportunidade aos cristãos leigos de indicarem candidatos que sejam segundo o coração de Jesus, o Bom Pastor;

Dom Miguel Cabrejos, presidente do CELAM, apresentou alguns elementos embasados em sua participação nas três

primeiras Etapas do Sínodo em outras regiões da América Latina. Alguns elementos por ele destacados são os seguintes: a) é consenso que a metodologia usada agradou; b) as etapas estão sendo um momento de oração, portanto retiro espiritual, colaborando com a escuta, oração e propostas; c) há uma grande experiência de proximidade, respeito, convivência e o reconhecimento de que a diversidade não é uma ameaça, mas a possibilidade de crescimento; d) a presença das mulheres têm sido fundamental no processo; e) estamos ultrapassando um modo acadêmico de escuta para uma forma mais participativa, comunhão e busca comum da vontade de Deus.

A sinodalidade não é uma moda. É um fato. As etapas que estão acontecendo não são formalismos, mas a busca sincera e um jeito novo da Igreja ser e de evangelizar. A liturgia da tarde também foi preparada pelos representantes argentinos.

Dia 10 de março

A última sessão da Etapa Continental do Sínodo, região Cone Sul, aconteceu na manhã de hoje. No clima de fraternidade e de serenidade por termos concluído esta etapa, tivemos

a oportunidade de refletir em grupos específicos sobre duas questões:

1. Qual experiência significativa vivi nesses dias?
2. Quais temas considero importante para serem trabalhos na sessão de outubro no Vaticano?

Nos grupos específicos de leigos(as), diáconos, religiosos(as), presbíteros e bispos, após uma breve oração, cada um teve a oportunidade de contribuir com duas respostas. Não é possível transcrever aqui tudo que foi dito, seja nos grupos, como na plenária, mas tive a curiosidade de anotar algumas expressões que considero importantes dentro do processo. Sem a pretensão de apresentar uma síntese, posso dizer que ficou evidente que a experiência vivida na oração e na escuta ativa, foi uma enriquecedora e ajudou todos(as) a crescerem no espírito sinodal;

Na segunda pergunta, os temas foram diversos e com o desejo de que o que aqui refletimos seja, de fato OUVIDO no sínodo em outubro, podemos dizer que:

- é um consenso que necessitamos de uma eclesiologia do Povo de Deus, com o resgate da dignidade batismal, fonte das vocações e do *sensus fidei*;

- a corresponsabilidade eclesial, a partir da consciência batismal, insere as mulheres não apenas em ministérios, mas nas estruturas de governo e nas decisões da ação evangelizadora em todos os níveis da vida eclesial;
- é preciso repensar a teologia dos ministérios, participação e inclusão, segundo a riqueza dos carismas;
- a liturgia precisa ser vivida na sua variedade e beleza, como expressão do ser Igreja e de fincar a Igreja em lugares de maiores desafios pastorais;
- a superação do clericalismo com um processo de formação integral para todo o Povo de Deus numa chave sinodal, é uma exigência da ação evangelizadora;
- a revisão do Código de Direito Canônico que proporcione a compreensão renovada da função dos conselhos e dos organismos eclesiais a partir da sinodalidade;
- precisa amadurecer na Igreja a necessidade de uma pastoral digital que chegue aos milhões de católicos que estão indiferentes, afastados ou que se excluíram por razões de conflitos;
- é também necessário que a sessão sinodal reflita sobre a

complexa conjuntura social, política, econômica, social da América Latina para situar a ação evangelizadora numa terra real onde a tenda precisa ser esticada e acolha a todos(as);

Após a plenária, as juventudes presentes na Etapa Continental, apresentaram uma oração nascida da iniciativa deles numa reunião privada dos jovens. A oração é um clamor que a todos(as) nos impactou. A oração partiu da seguinte constatação:

Neste Sínodo ouvimos várias vezes a pergunta: “onde estão os jovens?” Nós estamos aqui. E é por isso que queremos contar a vocês porque nossos amigos e amigas foram embora. Nós sabemos porque nossos amigos e amigas se foram”:

- *Minhas amigas foram embora porque eram feministas;*
- *Meus amigos e amigas sofreram com o flagelo das drogas e a Igreja fechou a porta para eles.*
- *Meus amigos e amigas foram embora porque ouviram que as suas palavras não valiam nada por serem jovens;*
- *Meus amigos e amigas se foram porque sofreram abuso de consciência e manipulação dentro da Igreja e não foram ouvidos com o coração;*
- *Meus amigos e amigas se foram porque não têm sua identidade*

- respeitada, suas culturas respeitadas dentro das nossas instituições religiosas;*
- *Meus amigos e amigas saíram porque são lésbicas, transexuais, amam a Igreja e amam a Deus, mas não se sentem amadas. Quando se aproximam, a porta se fecha;*
 - *Meus amigos e minhas amigas deixaram a Igreja por causa dos abusos cometidos por diferentes membros da Igreja;*
 - *Meus irmãos e irmãs religiosos e seminaristas consagrados e consagradas retiraram-se por causa do abuso de poder;*
 - *Meus amigos foram embora porque não podiam ser criativos e só os chamavam para carregar cadeiras;*
 - *Meus amigos e amigas se foram por falta de acolhida e misericórdia com as suas questões pessoais e psicológicas que cada um deles e delas passa;*
 - *Minhas amigas foram embora porque abortaram por pressão da família e ninguém as acompanhou antes nem depois;*
 - *Tenho amigas que partiram porque estavam grávidas e a Igreja não soube acompanhá-las;*
 - *Tenho outros amigos que partiram porque tiveram que trabalhar por muitas horas para conseguir seus diplomas universitários e a Igreja não os acompanhou em sua formação profissional;*
 - *Meus amigos e amigas também se foram porque quando falam de família, não falam de todas as famílias;*
 - *Deus, Mãe e Pai, ouve o nosso clamor em oração! Sobre forte para que a Igreja não se esqueça das jovens e dos jovens, para que ela possa lhes abraçar integralmente, com seus sonhos e desejos, e lhes acompanhar na tarefa de difundir e impulsionar com suas vidas a sinodalidade. Hoje gritamos por nós todos e todas e por aqueles e aquelas que foram embora e que virão.*

Esta oração calou fundo em todos(as). É um clamor que brota da terra fincada com a estaca da tenda que é a Igreja e que não pode excluir ninguém. A oração foi preparada pelos paraguaiois, inclusive com cantos e preces em guarani.

À guisa de conclusão

Eu me pergunto como entrei e como saí dessa Etapa Continental. Tive a graça de ser membro da Equipe Nacional da CNBB que recebeu e procurou sintetizar as consultas da primeira fase. Li, com atenção, o Documento de Trabalho – DEC – que sintetizou as 114 respostas das Conferências Episcopais. Evidentemente, no meu coração e

mente estavam muitas perguntas e poucas respostas. Infelizmente a síntese brasileira não foi divulgada, como também a síntese o DEC e, posteriormente a síntese das Conferências sobre o DEC. Para mim, isso causou um certo limite à reflexão.

No entanto, é fato, a experiência intercultural vivida nesses dias transcende a nossa forma de viver e compreender a eclesialidade. É bom saber que não estamos sozinhos na busca de criar novas formas de ser Igreja, no caso, uma Igreja que caminha junto, todos(as) verdadeiramente irmãos e irmãs.

A metodologia apresentada e vivida, ainda é, para mim, um fenômeno a ser estudado melhor. Aliás, não tivemos uma avaliação do processo vivido. A impressão que tenho é a de que a todo custo, tentou-se evitar o debate. A ideia de que o Espírito Santo fala e que nós precisamos deixar-nos mover por Ele, é justa, é questão de fé. Porém, a ideia do outro não pode ser considerada como ameaça ou imposição de uma agenda pessoal. Só temos uma agenda a ser considerada nesse processo: o que escutamos do Povo de Deus. Ali o Espírito Santo falou, gritou inclusive, e nós, não podemos deixar de ouvir esses clamores sob pena de silenciar o Espírito.

Senti falta também de um plenário que apresentasse de forma mais sistemática as prioridades a serem enviadas à sessão do Sínodo. Muitas coisas boas foram ditas e, exatamente por isso, não podemos como assembleia delegar que outros façam as interpretações e devidas correções. Escutar o Espírito requer também tempo de discernir juntos o que Ele falou; isso faltou no final do encontro.

Entrei com muitas expectativas, sobretudo com os elementos das sínteses do Brasil e do DEC que, para mim, são vozes do Espírito e não subjetivismo de um parlamento. Eu gostaria que as vozes roucas que estão nas sínteses fossem novamente ouvidas e expostas com maior veemência.

Saio da vivência feita com algumas inquietações, pode ser o meu modo entender um processo de reflexão tão amplo e arriscado porque podemos frustrar muitas pessoas ou, o que é pior, dar asas aos incrédulos que não confiam e nem se abriram até agora ao processo sinodal.

Independente disso saio também com a firme convicção de que sou o primeiro responsável por divulgar o processo e continuar acreditando que podemos compreender o que Deus está fazendo na Igreja porque é Ele

que “faz novas todas as coisas”. Experimentei o que o Papa dizia no final de seu discurso naquele dia nove de outubro de 2021: que este Sínodo seja um tempo habitado pelo Espírito! Pois é do Espírito que precisamos, da respiração sempre nova de Deus, que liberta de todo o fechamento, reanima o que está morto, solta as cadeias, espalha a alegria. O Espírito Santo é Aquele que nos guia para onde Deus quer, e não para onde nos levariam as nossas ideias e gostos pessoais. O Padre Congar, de santa memória, recordou: “Não é preciso fazer outra Igreja; é preciso fazer uma Igreja diferente” (Verdadeira e falsa reforma na Igreja, Milão 1994, 193). Este é o desafio. Por uma “Igreja diferente”, aberta à novidade que Deus lhe quer sugerir, invoquemos com mais força e frequência o Espírito e coloquemo-nos humildemente à sua escuta, caminhando em conjunto, como Ele, criador da comunhão e da missão, deseja, isto é, com docilidade e coragem.

Concluimos a Etapa Continental – Cone Sul com a celebração eucarística clamando a Deus que a vinha dê seus frutos, neste caso, a vinha é o Povo de Deus na sua riqueza ministerial, e que os vinhateiros se convertam, aqueles(as) que não acreditam no processo sinodal e se omitem ou rejeitam.

Oração

Vinde, Espírito Santo! Vós que suscitais línguas novas e colocais nos lábios palavras de vida, livrai-nos de nos tornarmos uma Igreja de museu, bela mas muda, com tanto passado e pouco futuro. Vinde estar conosco, para que na experiência sinodal não nos deixemos dominar pelo desencanto, não debilitemos a profecia, não acabemos por reduzir tudo a discussões estéreis. Vinde, Espírito Santo de amor, e abri os nossos corações para a escuta. Vinde, Espírito de santidade, e renovai o santo Povo fiel de Deus. Vinde, Espírito Criador, e renovai a face da terra. Amém (Francisco).

TEMPO DE ESCUTAR E ALARGAR A TENDA

PE. ALEXSANDRO RIBEIRO NUNES, CSS¹

Eis que dias virão, oráculo do Senhor, em que selarei com a casa de Israel uma aliança nova... Eu porei minha lei no seu seio e a escreverei no seu coração. Então eu serei o seu Deus e eles serão meu povo. Todos me conhecerão, dos menores aos maiores, oráculo de Senhor. (Jr 31,31-34).

O versículo do profeta Jeremias sintetiza bem o sentimento de alegria e gratidão por participar da Etapa Continental do Sínodo – Cone Sul. Uma Igreja Sinodal é um povo que experimenta um Deus próximo e vizinho e se coloca à escuta do que o Espírito diz às Igrejas (Ap 2.7).

A Etapa Continental do Sínodo em Brasília reuniu irmãos e irmãs da Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, para

também “escutar” o que as Igrejas particulares de todo Cone Sul tem a dizer à Igreja Universal e ao Papa. As vozes, os gritos, os gemidos foram muitos e diversos, sem perder a beleza da unidade. Homens, mulheres, jovens, indígenas, leigos e leigas, diáconos, presbíteros, bispos, religiosos e religiosas, com olhos fixos no Senhor, contribuíram a seu modo e conforme sua condição de batizados e batizadas,

1 Religioso da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo – Estigmatino; Pároco e reitor do Santuário Basílica de Nossa Senhora D’Abadia. Uberaba –MG. Pós-graduado em Espiritualidade. Endereço para contato: tandonunes@hotmail.com

no processo de escuta para a implantação de uma Igreja cada dia mais discípula, missionária, em saída e inclusiva. O clima de acolhida, oração, escuta, diálogo e alegria contagiou a todos. Experimentamos o que disse Pedro: “Sede hospitaleiros uns com os outros, como bons dispenseiros da multiforme graça de Deus” (1Pd 4,10).

O encontro, nos seus vários momentos de partilha, oração, escuta, silêncio, reflexão, cantos, danças, celebrações e estudos tornou-se uma síntese, uma figura, um esboço, uma maquete, do que esperamos para toda a Igreja. Um espaço de irmãos e irmãs que, com “corações ardentes” (Lc 24,32-33), colocam-se a caminho rumo a tantas periferias deste mundo. Uma Igreja - conforme nos pede o Concílio Vaticano II e insiste o Papa Francisco - “Povo de Deus, que prefigura e promove a paz universal, à qual, embora de maneira diferente, pertencem ou para a qual se orientam tanto os católicos como todos os cristãos, e mesmo todos os homens em geral, chamados pela graça de Deus à salvação” (LG 13).

Sentimos nestes dias o que exorta a *Lumen Gentium* no número 17: “A Igreja reza e trabalha ao mesmo tempo para que o

mundo inteiro se transforme em povo de Deus, corpo do Senhor e templo do Espírito Santo”. O Sínodo 2021/2024 sonha e trabalha por uma Igreja alargada, uma Igreja tenda, que não tenha medo de estender e esticar a lona e as estacas dos Evangelhos ao mundo inteiro.

A Igreja como “tenda”, é o que propôs a Etapa Continental. Mas não qualquer tenda. O que queremos é uma tenda alargada, com estacas firmes, uma tenda que seja Cristo mesmo, sua “largura, comprimento, altura e profundidade” (Ef 3,18). O profeta Isaías fala da tenda, exorta a ser ligeiro ao estender a lona, a ser generoso, sem nada economizar. Ouçamos o que diz o profeta: “Alarga o espaço de tua tenda, ligeira estende a tua lona – nada de economia – estica a corda, finca a estaca! Para todos os lados irás te expandir, a tua descendência conquistará nações Não tenhas medo, não ficarás desapontada!” (Is 54, 2-4).

A Etapa Continental do Sínodo é um gesto de coragem, de confiança no Senhor que nunca nos deixa desapontados. Como batizado e presbítero, preciso com urgência alargar a tenda da paróquia, das pastorais, da mente e do meu coração de pastor para esticar, sem reservas, a “lona da

Igreja” e alcançar os que vivem à margem da paróquia, da comunidade e da sociedade. Afirma o cânon 204§1:

Fiéis são os que, incorporados a Cristo pelo batismo, foram constituídos como povo de Deus e assim, feitos participantes, a seu modo, do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, são chamados a exercer, segundo a condição própria de cada um, a missão que Deus confiou para a Igreja cumprir no mundo.

Sou um fiel incorporado a Cristo, pertencço a este povo de Deus que é a Igreja e no meu modo e na minha condição de batizado-presbítero, chamado a cooperar com o bispo em uma determinada Igreja particular, sou instado a ser um missionário permanente e em saída. Sou chamado a cumprir a missão que Deus me confiou. A participação nesta Etapa Continental alargou o horizonte de meu agir pastoral e me fez tomar consciência da necessidade de promover, facilitar e animar uma pastoral que escute, inclua, dialogue com o mundo, a partir da verdade do Evangelho, que não quer que nenhum de seus filhos e filhas se percam (Jo 6,39). Uma Igreja sem exclusões, enfrentando com sabedoria e coragem os desafios do tempo presente.

A etapa continental – Cone Sul, teve como parte do instrumentum laboris escutar e elaborar uma síntese que será enviada a Roma em outubro. Este trabalho, ajudou-nos a tomar consciência

que a vocação é “dom e tarefa”. Dom, à medida que vou me reconhecendo como alguém que faz parte da Igreja-Povo de Deus, eleito, chamado e escolhido. E tarefa na medida que permito ser instrumento na mão de Deus, para transformação de uma realidade, as vezes injusta, opressoras e exclusiva, para uma realidade justa, livre e inclusiva.

O cardeal Arthur Roche, prefeito do Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, em uma entrevista, ao lembrar de uma fala do Papa Francisco, sobre a natureza missionária da Igreja disse: “A Igreja é um instrumento de metanoia e não de paranoia. A metanoia abre, leva para Deus, leva para os outros; a paranoia é obsessiva e nos fecha, ficamos trancados dentro de nós mesmos”. (WHITE, 2023). Há muita paranoia na Igreja que paralisa, adoece a caminhada, não acolhe, gera medo e não deixa a sinodalidade acontecer.

Felizmente, ao participar desta etapa, tive a oportunidade de perceber que a Igreja está descobrindo a graça de escutar uns aos outros, a partir de um ponto e de uma condição cristã comum, a de que somos Povo de Deus a caminho e, que a melhor forma de descobrir essa realidade e escutando, para não ficarmos paranoicos.

Escutar com o coração, nos tira da zona de conforto, nos convoca a “esticar a lona” para alcançar a todos. Escutar liberta do quietismo, renova a esperança, dá coragem e força no cansaço, pois como cristãos somos chamados a não cansar a esperança, mas esperar o cansaço. O sínodo tem motivado a Igreja a se mover, ser metanoia, ser realmente uma “Igreja em saída” pois, uma Igreja que para de se mover perde sua natureza afirma o Papa Francisco.

Há muitos na Igreja que estão muito constrangidos pelo medo que impede a caminhada, impede de “estender a lona” e caminhar juntos. O arcebispo australiano Mark Coleridge disse: “Cada geração deve possuir e recuperar a tradição apostólica de maneiras novas e criativas. A Tradição, não é conservadorismo paranoico, ou apenas um pacote que passamos adiante. É um processo em que cada geração, sem abrir mão da

verdade que é Jesus Cristo, deve assumir tradição, mostrando o brilho do Evangelho e a verdade de Jesus” (WHITE).

Enfim, o encontro das Igrejas do Cone Sul em Brasília, representada por seus delegados, apresentou a sinodalidade, como um processo, como “brilho do Evangelho”. Talvez, o mais importante e bonito da vida da Igreja no momento. Processo sinodal, que não tem por objetivo discutir conteúdos, mas ser um processo de escutar e caminhar juntos. Creio que este processo sinodal, iniciado em 2021 não tem pretensão de ser apenas um vento do Espírito, “que sopra onde quer” (cf. Jo 3,8) e simplesmente se transforma em um evento, mas de ser um processo constante, que não terminará em 2024, e estará sempre aberto a escutar, não só alguns bispos e sim a todos que desejam participar do processo.

Referências:

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2022.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja.** In: **Documentos do Vaticano II.** São Paulo: Ed. Paulus, 2001.

WHITE, Christopher. **Mudança de paradigma católico: 10 anos do Papa Francisco desmantelando a corte papal.** 08 de março de 2023. IHU Online, 10 de março de 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626845-mudanca-de-paradigma-catolico-10-anos-do-papa-francisco-desmantelando-a-corte-papal> Acesso em 23 de abril de 2023.

CAMINHANDO E SEMEANDO

PE. DARLEI ZANON¹

Ao escolher o tema da Sinodalidade para um Sínodo dos Bispos, o Papa Francisco convocou a Igreja a uma profunda reflexão e conversão. Toda a Igreja, não apenas os bispos ou o clero. O itinerário sinodal que estamos vivendo juntos é obra do Espírito Santo e trará muitos frutos positivos para a Igreja. Independentemente dos resultados que serão apresentados daqui a dois anos, o essencial está sendo vivido e semeado em cada uma das etapas de preparação, no calor dos encontros, da escuta, do diálogo e do discernimento. A Igreja universal, Povo de Deus e Corpo de Cristo, está em Sínodo, algo inédito e louvável,

que marcará o Pontificado de Francisco.

Tive a alegria e graça de participar desse itinerário, de modo especial da Fase Continental, sobre a qual gostaria agora de partilhar algumas experiências e percepções. Sou o Irmão Darlei Zanon, religioso paulino, natural do Rio Grande do Sul. Por muitos anos fui missionário em Portugal e na Itália. Na metade do ano passado retornei ao Brasil e assumi a direção da Paulus Editora. Foi com grande surpresa e ao mesmo tempo alegria que acolhi o convite para ser um dos consagrados a participar da assembleia do Cone Sul, última realizada na

¹ Religioso paulino, graduado em Filosofia (PUCCAMP) e Teologia (FAJE), Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação (ISCTE, Lisboa). Diretor editorial da PAULUS Editora, em São Paulo. Endereço: freidarlei@gmail.com

América Latina, com o objetivo de reunir contributos para a elaboração do Instrumentum laboris do Sínodo “Por uma igreja sinodal: Comunhão, participação e missão”.

Particpei da primeira fase do processo sinodal ainda em Roma, como Conselheiro Geral da Sociedade de São Paulo. Fiz parte da comissão preparatória do XI Capítulo Geral da nossa Congregação, realizado em junho de 2022, no qual procuramos estabelecer um caminho inspirado no Sínodo. De fato, a metodologia escolhida para o nosso Capítulo geral foi a da sinodalidade, ou do discernimento, nas suas três fases: reconhecer, interpretar, escolher. Atentos ao convite do Papa Francisco, nos colocamos em escuta daquilo que o Espírito nos sugeria, com modalidades e em direções muitas vezes imprevisíveis, como tem sido o itinerário sinodal universal.

O tema escolhido para o nosso Capítulo já estabelecia um curioso paralelo com o Sínodo da Igreja: “Deixai-vos transformar, renovando o vosso modo de pensar” (Rm 12,2) Chamados a ser artesãos de comunhão para anunciar profeticamente a alegria do Evangelho na cultura da comunicação”. Que imagem

poderia representar melhor o convite à sinodalidade do que a do “artesão de comunhão”? O artesão é aquele pequeno operário que exercita a sua arte com dedicação, paciência, cuidado e constância, mas também com particular maestria. Produz objetos cuja realização exige uma particular capacidade técnica e um específico gosto estético. O artesão é um profissional no seu campo, mas é também um artista, criativo, inovador, minucioso. Empenha-se e envolve-se profundamente na sua criação, “suja as mãos”, vê a sua obra como uma extensão da sua pessoa. Ele dá vida, edifica. É um trabalho feito de pequenos e grandes gestos, a cada dia, em cada situação, em cada pequeno detalhe.

Ser artesãos de comunhão significa, como indicou o Papa Francisco, “praticar a paciência, o diálogo, o perdão, a fraternidade” (Angelus de 19 de fevereiro de 2017).

Artesãos de comunhão ou, mais propriamente, **artesãos de sinodalidade**, somos todos nós pela missão que recebemos no nosso batismo. Talvez esta seja a mais forte sensação que me marcou na participação do encontro em Brasília, na Fase Continental do Sínodo, de 6 a 10 de maio. Vi todos os participantes

comprometidos profundamente em construir a comunhão, em ser artesãos da sinodalidade. Na grande variedade cultural e vocacional, nos mais diversos rostos que revelavam a riqueza da Igreja latino-americana, se podia ler a alegria de ser Igreja, de fazer parte do mesmo Corpo, do mesmo Povo, da mesma família. Em cada partilha, notávamos forte o desejo de contribuir para a construção de uma Igreja mais fraterna e igualitária, mais horizontal e participativa. *Comunhão, participação e missão* eram sentidas em todo momento: no convívio, na festa, na celebração da fé e da vida. O calor do Espírito Santo era palpável em cada encontro e diálogo, marcados sobretudo pela concretude da vida e da ação nas bases da Igreja, longe do discurso formal e frio de muitos outros encontros dos quais participei.

A imagem-parábola da tenda, presente no Documento de Estudo (DEC) e que ritmou todo o encontro, evidenciou o objetivo do Sínodo de reunir e acolher a todos, proteger e reanimar a Igreja de Cristo. Sensação reforçada pela presença forte de leigos, sobretudo mulheres, mostrando que essa fase do sínodo não tinha como objetivo ser um encontro de peritos e expertos em Igreja, mas de irmãos e irmãs,

dispostos a partilhar suas experiências em vista da edificação de “uma Igreja sinodal”. Objetivo alcançado, como podemos ler na Síntese do Encontro, publicada recentemente pelo CELAM.

A América Latina já tem longa experiência no processo de escuta e diálogo, desde 1955 com a criação do CELAM e a realização da 1ª Conferência geral do episcopado, no Rio de Janeiro. Mas estamos vivendo algo inédito, alargado a todo o povo de Deus. Mais do que refletir sobre o que significa “Igreja sinodal”, estamos neste momento construindo juntos um novo modo de ser Igreja. Não podemos perder esta oportunidade que o Papa nos oferece. A sinodalidade é um método e ao mesmo tempo um objetivo, enfatizou diversas vezes o Papa Francisco. Ela é o único modo de ser Igreja no novo milênio. A sinodalidade é o remédio para muitos males da Igreja, tais como a autorreferencialidade, o clericalismo, o verticalismo, o machismo, os abusos e tantos outros que já foram elencados nas diversas fases do processo sinodal.

Para mim ficou muito evidente, na experiência vivida em Brasília, que o fundamental do Sínodo sobre a Sinodalidade é o processo. Mais importante do

que as definições do documento final que virá, é a criação de uma nova mentalidade na Igreja, é a conversão para um estilo sinodal de conduzir a vida eclesial que o próprio processo incentiva e exige, é o “caminhar juntos”. O *processo* cria espaços para partilha, discussão, debate, expressão livre e sincera. Em muitos momentos do encontro sentimos os participantes reconhecendo suas limitações, em um exame de consciência profundo e belo. Ao mesmo tempo, ninguém caiu em polêmicas desnecessárias, nem manipulou temas, procurando defender agendas pessoais ou impondo ideias fixas. A abertura ao Espírito Santo, que desde o Pentecostes guia e anima a Igreja, era evidente em cada grupo de estudo e em todos os momentos celebrativos.

Nunca é demais reforçar que o “caminhar juntos” não depende do tempo, do ponto de partida ou de chegada. Ter objetivos claros é importante. Ter um horizonte ao qual se dirigir é necessário. Mas o mais importante é caminhar em direção a ele, no ritmo específico de cada povo e cultura: não correr, mas caminhar juntos, ao ritmo que o Espírito nos impulsiona. O fundamental é que as Igrejas locais criem espaços regulares de

escuta, diálogo e discernimento, adaptando o que aprendemos no processo sinodal e que, em certo sentido, já é presente na Vida Religiosa Consagrada desde as suas origens. Nesse sentido, o encontro da fase continental foi um laboratório de Igreja sinodal, com o desejo forte de que a experiência vivida se torne uma pedagogia eclesial, metodologia de trabalho e de missão.

Os temas fortes que marcaram toda a partilha - participação da mulher e dos jovens nos processos de decisão, o clericalismo, as limitações da formação do clero e dos catequistas - não podem ser negligenciados. Ao contrário, devem promover a conversão em diversos âmbitos, como nos tem incentivado Francisco ao longo de todo o seu Pontificado, mas particularmente durante o itinerário sinodal. Somente assim concretizaremos o sonho conciliar de uma Igreja de comunhão e participação plena, uma Igreja ministerial que existe essencialmente para evangelizar (Evangelii Nuntiandi, 14).

Como representante da Vida Religiosa Consagrada, em modo particular da minha congregação dos Paulinos que tem por missão evangelizar na cultura da comunicação, tive uma especial atenção ao tema da comunicação.

Nos trabalhos em grupo procurei salientar a ausência dessa dimensão no DEC. A comunicação, sobretudo a comunicação digital e as redes sociais, são o habitat e a cultura mais frequente das jovens gerações, para não dizer de toda a humanidade hoje. Se queremos promover uma verdadeira e completa conversão, provavelmente é por ali que devemos começar, pois é nas redes sociais que as pessoas se encontram, dialogam, discutem, trabalham, estudam, manifestam suas opiniões e anseios. É no ambiente digital que as pessoas “vivem” hoje grande parte do seu dia. É urgente evangelizar o ambiente digital, com seus “nativos” e “imigrantes” digitais. Infelizmente o tema continua ausente da Síntese continental. A única menção aparece nos n. 71 e 72, onde se fala sobre o protagonismo dos jovens. Espero sinceramente que em outros momentos do Sínodo o tema seja ressaltado, pois é prioritário para a Igreja hoje contemplar um projeto de evangelização e missão na cultura digital. Não podemos apenas reconhecer as

suas potencialidades, mas devemos agir e habitar cristãmente este ambiente.

Para concluir este sucinto testemunho sobre a minha participação no processo sinodal, gostaria de recordar da famosa frase atribuída ao poeta espanhol Antônio Machado, mas tanto repetida por escritores e poetas: “É caminhando que se faz o caminho”. Mais importante do que o ponto de chegada, é o percurso. Tenhamos isso claro neste momento, para que possamos extrair o máximo da riqueza que nos é oferecida pelo Papa Francisco neste momento crucial da história da Igreja. Sinodalidade está intimamente ligada à missão, porque se enriquecem e dinamizam mutuamente. A sinodalidade favorece que todos os batizados sejam sujeitos ativos na missão evangelizadora da Igreja, numa relação horizontal, respeitosa, que valoriza as diferenças e especificidades (dons ou carismas) de cada um. Como escreveu Cora Coralina: “O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher.”

O PROCESSO SINODAL: PERCEPÇÕES A PARTIR DA MISSÃO

IRMÃ ANA SOARES PINTO

O processo sinodal está alargando nossas tendas, os nossos horizontes e nos levando a ainda mais a acolher cada membro da Igreja, Corpo de Cristo. Neste processo de acolhimento percebe-se que são envolvidas as pessoas que participam e as que não participam a um verdadeiro alargar as Tendas da comunidade para um encontro de escuta, partilha, oração.

Esse tempo de escuta nas comunidades me tocou profundamente pois vivi experiências riquíssimas. Entre essas experiências destaco a partilha que acompanhei no grupo de mulheres. Elas trouxeram a partilha de histórias de vida de modo simples e verdadeiro. Uma delas

disse: “A experiência que me faz recordar em nossa comunidade foi o comprometimento, o que os irmãos e irmãs religiosas nos ensinaram a trabalhar juntos, buscando caminhar e a ajudar o próximo.” Outra disse: “Não posso deixar de falar da experiência que mais me cativou, que foi a reza nas casas, círculos bíblicos, terços, novenas. Isso me trouxe de volta à comunidade e fez-me senti parte da igreja novamente.” Outra, por sua vez, falou: “Logo que comecei a participar da comunidade, fui convidada a ser ministra da sagrada comunhão, foi uma alegria que não cabia no meu coração. Meu pai foi sempre ministro da sagrada comunhão, quando ele faleceu em 2017

1 Irmã Missionária de Cristo. Graduada em Enfermagem (PUC-GO); Pós-graduação em Juventude Contemporânea (FAJE-BH). Assessora da CRB – Goiânia. Endereço: iranasoares@gmail.com

parecia que o legado dele tinha se perdido, mas quando recebi o convite todas as lembranças boas dele voltaram. Hoje sou ministra e com muito carinho e esmero pelo corpo de Cristo.”

Na vivência de comunidade, o caminhar juntos, o rezar, o celebrar juntos, são vivências marcantes para as pessoas que são corpo dessa Igreja, principalmente pelo fato de lembrar que nossa igreja é uma Igreja viva. As mulheres são peças fundamentais e sempre presentes nesta construção da Tenda. E muitas vezes, vem a pergunta: Porque uma Igreja em que as mulheres estão nas celebrações, que arrumam, que são ministras, que são catequistas, que realizam celebrações da Palavra, são tantas vezes deixadas de lado nas decisões? São excluídas ou marginalizadas? Não são vistas nem ouvidas?

Na Fase Continental – Cone Sul do Sínodo que aconteceu nos dias 06 a 10 de março em Brasília, a grande maioria das participantes eram mulheres. Desde a organização até a participação nos grupos e plenárias, vimos a forte presença feminina. Apesar disso, continuamos vivendo numa Igreja que tem medo de alargar as Tendões e de acolher sua “anima”.

No último dia da Assembleia Sinodal, Dom Pedro Jubinville, bispo da Diocese de San Pedro, no Paraguai, afirmou: “a sinodalidade nos faz ouvir não só a organização eclesial, mas também a terra, a flora, a água, também os povos, as comunidades.” Isso me tocou, pois fizemos nossos processos e não levamos em conta muitas das experiências e expressões das pessoas. Não chegamos onde precisávamos chegar.

Outra limitação é que tivemos poucos grupos de relatos de jovens, adolescentes, crianças. Estes quase não apareceram em nossos grupos de reflexão. Porque não convidamos, ou não se sentiram convidados ou mesmo porque não estávamos dispostos a escutá-los, tendo em vista que ainda se tem muito medo do novo, do diferente... Bem, penso que temos muito a aprender a alargar e ter coragem de fincar os pregos e talas de nossas tendões, escolher a terra para construí-la, escolher a lona e tantos outros materiais e deixar que mulheres, homens, adolescentes, jovens, crianças, TODAS as pessoas possam chegar, pertencer, tocar, arrumar, desarrumar e participar.

Para que a sinodalidade seja, de fato, o caminhar juntos para assim expressar a participação e a comunhão em vista da missão

acolhendo todas as pessoas que se sentem abandonados pela Mãe Igreja, precisamos sempre tocar nessa tecla. A tenda é o lugar da criatividade, da arte, da dança, da música. É o lugar das novas ideias, da partilha, da construção em conjunto.

Nesse processo de caminhar juntos, penso que ainda temos muito a desenvolver. O Sínodo veio para abrir nossos olhos e o nosso coração para a escuta: “Por uma Igreja Sinodal – Comunhão – Participação – Missão”.

O senso da escuta amorosa e qualitativa que nos propõe o processo sinodal precisa perpassar muitas vezes as nossas correrias, os nossos muitos afazeres, para nos colocar a escutar as outras pessoas. Muitos de nossos relatos são cheios de gratidão, pois este processo sinodal começou bem na pandemia e houve uma abertura para que os grupos se encontrassem novamente. Ao realizar o exercício da escuta de tantas dores e perdas, pisamos no chão da realidade do grupo das comunidades que estávamos acompanhando. Podemos ouvir relatos como estes que nos falam da alegria de pertencer a uma paróquia: “Minha maior alegria, foi de poder fazer minha Primeira Comunhão, mesmo depois de adulta. Foi um encontro com Deus.” Outra alegria

é de “conviver como irmãos em Cristo”. Destaco também a fala de alguém que traz muito forte o desejo de caminhar juntos: “a experiência de caminhar juntos fizeram com que nos transformar em pessoas melhores, pessoas de acolhida e de escuta. Não estamos aqui somente para dar, mas também para receber uma palavra, um gesto de carinho. Isso nos faz mais participantes da vida e missão na comunidade”. São relatos e experiências que me tocam o coração ao acompanhar estes grupos de reflexão acerca do processo sinodal.

O processo sinodal nos proporcionou uma experiência de unidade e está sendo um verdadeiro “Escutar o Povo de Deus e ouvir verdadeiramente o que o Espírito diz à Igreja”. Este processo de escutar implica em assumir uma dinâmica comunitária e espiritual no *sensus fidei fidelium*. É compreender que “o depósito da fé é confiado a todo o Povo de Deus, que o preserva, professa e transmite”. É isso exige de cada um de nós um constante alargar de nossa tenda, assim como está escrito na letra do canto:

Alarga os espaços de tua tenda, que todos encontrem um lugar.

Escuta os clamores do teu povo a caminhar.

Liberta os cativos que livres querem estar.

Contudo, para alargar os espaços, é preciso ter uma maior acolhida. Muitas de nossas comunidades são marcadas pela ausência de jovens. No grupo que acompanhei, não havia jovens. Eles não estavam lá. Parece que o convite não chegou até eles. Ou eles não se interessaram por estes temas. Não sabemos os motivos, mas não estavam. E ficamos reflexivos a nos perguntar: o que podemos fazer para que eles possam voltar a gostar de estar neste espaço de acolhida? O que fazer também com outras tantas pessoas que não se sentem acolhidas nos espaços de nossas comunidades, paróquias?

Mas, de modo geral, há um desejo muito forte de caminhar juntos, de interagir com todos os membros da comunidade. Há também uma maior necessidade de escuta e de crescer no diálogo. Os jovens, adolescentes e crianças precisam de uma maior atenção, para não caminhar muito rápido demais e deixá-los para trás, com seus sofrimentos e dores.

Na Assembleia Sinodal, gostei imensamente quando os jovens trouxeram a experiência deles. Conclui que são experiências dos jovens de nossas periferias e que são experiências que, quando jovens, vivenciamos também. Transcrevi aqui algumas falas que me chamaram atenção.

Partindo da realidade de acompanhamento dos jovens e de estar no meu local de fala, que é a periferia de Aparecida de Goiânia-Go, destaco as seguintes falas:

“Meus amigos foram embora porque não podiam ser criativos e só os chamavam para carregar cadeiras.”

“Meus irmãos e irmãs religiosos e seminaristas consagrados e consagradas retiraram-se por causa do abuso de poder.”

“Meus amigos e minhas amigas deixaram a Igreja por causa dos abusos cometidos por diferentes membros da Igreja.”

“Meus amigos e amigas se foram por falta de acolhida e misericórdia com as suas questões pessoais e psicológicas que cada um deles e delas passa.”

Fiz alguns registros das percepções que tive tendo em vista que isso faz parte da minha missão no acompanhamento de grupos neste processo sinodal. A Etapa Continental do Sínodo - Cone Sul, veio para inserir mais luzes, abrindo frestas para um novo pensar Igreja Povo de Deus. A experiência vivida e rezada de ouvidos abertos e em escuta ativa, foi de grande aprendizado. Ela me ajudou e creio que ajudou também aos demais participantes no crescimento no espírito da sinodalidade, no caminhar junto e na necessidade de colocar o Evangelho no centro de nossas vidas. Jesus é o centro. Ele nos

faz estar com todas as pessoas, os incluídos e os excluídos da sociedade. Ele sacrificou-se para que a irrupção da novidade, da diversidade, da caridade, da misericórdia e da acolhida pudessem estar em todos os nossos ambientes, sem distinção de

raça, credo, nacionalidade, em uma verdadeira ciranda da vida.

Que possamos estar com nossos corações abertos à novidade do Espírito Santo, que não o calemos, mas O deixemos agir, mover, mexer para o nascer do novo nos clamores dos povos.

OUSAR A PASSAGEM PASCAL

Sopro do amor de Cristo, inunda todos que vivem com medo e passam por uma morte diária.

Penetra nosso espírito e nosso corpo com tua ressurreição.

Feliz quem se expõe ao mais perigoso de todos os riscos: quem vive a passagem pascal junto a ti, Cristo.

Sim, feliz é quem te acompanha, Jesus, nossa alegria, tanto na tua agonia como na tua ressurreição.

Feliz quem tira as mãos dos olhos e não mais convoca sua própria escuridão para que encubra sua recusa. Cristo, tu sabes: às vezes, sem querer, machucamos os nossos próximos quando os tocamos. Tu nos tocas sem nos machucar e nos dizes incessantemente: “Não tenhas medo, estou contigo”.

(Irmão Roger Schütz, Quellen, 1970)

UM MERGULHAR CRESCENTE NO VIGOR ECLESIAL PULSANTE, NÃO OBSTANTE DRENAGENS DESVITALIZADORAS

IRMÃ TERESINHA MENDONÇA DEL' ACQUA, OSF¹

Na continuidade das atividades sinfônicas híbridas entre adesões e resistências à proposta do Sínodo Eclesial 2021–2014 e no embalo do 3º Ano Vocacional do Brasil, com o coração ardente e aberto, profunda alegria e esperando mergulhei-me no espírito, preparações e atividades referentes a Etapa Continental do Sínodo Eclesial a nível do Cone Sul, ocorrida em Brasília, DF, entre os dias 06 e 10 de março do corrente ano.

Para mim tem sido uma grande graça vital, interpeladora e desdobrante, concomitantemente

desafiadora, estar envolvida na dinâmica e no processo sinodal. Desde a inesperada participação na Comissão da CNBB articuladora do Sínodo Eclesial no Brasil e decorrentes atividades, a participação na Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe e em várias assessorias a respeito da sinodalidade em múltiplas instâncias eclesiais, meus horizontes têm-se ampliado, meu compromisso com Jesus Cristo e seu projeto tem-se fortalecido, bem como meu compromisso em, humildemente, colaborar para que a Igreja seja o que

1 Irmã da Ordem Franciscana Secular de Maria Imaculada. Graduada em Psicologia. Mestra em Ciências Ambientais e Saúde. Membro da Equipe de Assessoria Interdisciplinar da CRB Nacional. Endereço: teresinhamendel@gmail.com

realmente ela é chamada a ser e testemunhar.

O participar da Etapa Continental a nível de Cone Sul, na cadência musical do alargar a própria tenda (Is 54, 2), foi um saborear fortemente o pulsar de uma Igreja viva e profética, porém marcada por doloridas cicatrizes que drenam esperanças e certa credibilidade, tanto por parte de fiéis como de certa parcela da sociedade.

Na medida do acontecer da Etapa Continental, tão logisticamente bem organizada e do adentrar no Documento de Trabalho, aumentava minha convicção de ser igreja e de testemunhar a igreja como Povo de Deus a caminho, entre luzes, significativas e oportunas realizações, sugestões propositivas e penumbras internas e externas a ela.

Como coordenadora de uma Comunidade de Discernimento (grupo de trabalho), pude exercer o gracioso ministério de, através do instrumento para animar o discernimento comunitário denominado “Conversa Espiritual”, motivar num clima orante e na escuta ao Espírito Santo, a acolhida e a partilha das percepções, intuições e luzes a partir dos relatos e das realidades elencadas pelo Documento de Trabalho para a

Etapa Continental e de nossas próprias experiências desde nossos países onde estamos eclesialmente engajados.

Para mim foi muito significativa a experiência sinodal do estarmos sentados em círculo ao redor de uma vela sempre acesa, sinalizando a presença do Ressuscitado entre nós: jovens, bispo, diácono, sacerdote e religiosa como Irmãs e Irmãos argentinos, chilenos, paraguaios, uruguaios e brasileiros, participantes da mesma dignidade batismal e corresponsáveis pela mesma causa. Alegre, respeitosa, sororal, fraterna e amorosa foi nossa interconexão e o nosso comprometido discernimento a respeito das interpelações do Espírito Santo à Igreja, no contexto sistêmico e cultural complexo em que estamos inseridos. (At 15, 28).

Testemunho e considero todo o dinamismo da jornada sinodal em suas múltiplas expressões criativas, oportunas e adaptadas aos diferentes contextos eclesiais e regionais como um Pentecostes no 3º milênio, não obstante “bolhas petrificadas” de resistências abertas ou através de sutis e ideológicas oposições.

Como esse Sínodo tem por finalidade estimular um processo de maior transformação de

nosso modo de ser, conviver e organizar e não ser um evento e produzir, necessariamente, um documento ou algo similar, percebo que ele está sendo muito relevante pelos impactos que tem suscitado, tais como: interesse em compreender sua proposta, fortalecimento de experiências sinodais já existentes questionamentos, mudanças graduais, inquietações, contestações e resistências.

Bendito sejas Senhor Ressuscitado, pela graça-desafio de participar desse processo sinodal. Fortalece-nos no desapego de tudo que nos petrifica e nos torna inamovíveis à ação do teu Espírito.

Senhor, concede-nos a coragem de interagirmos saudavelmente com a beleza do diferente do outro, intergeracional, étnico, interconegacional, intercultural, organizacional, estrutural sistêmico, rompendo com toda espécie e níveis de barreiras como o medo, as discriminações e as violências. Amém!

Concluo esta partilha afirmando, a partir de minha crescente aprendizagem-inserção na jornada sinodal, especificamente após a participação na Etapa Continental a nível de Cone Sul que, a Igreja vive o “já e o ainda não” de sua identidade autêntica como missionária a caminho e numa constante metanoia.

UMA EXPERIÊNCIA SINGULAR

FREI DANIEL SOARES, OFMCAP

Participar da Assembleia Sinodal do Cone Sul foi uma experiência singular que aqueceu o coração. Pensar a Igreja a partir da metáfora da tenda que pode ser ampliada, que se movimenta à medida que o povo caminha, foi algo especial e marcou as partilhas nos grupos. Espaço sagrado que deve estar aberto a todos para expressar o amor de Deus que nos acolhe, capacita e confia.

O método da “escuta espiritual” foi algo encantador, que em todo seu processo revela a importância de saber ouvir com respeito a outra pessoa. Independentemente de haver concordâncias ou discordâncias, a outra pessoa é alguém além de mim, faz parte da

tenda, merece respeito e acolhida. Metáfora que também evidencia a dignidade de cada batizado e batizada na Igreja. Fomos provocados a compreender que a diversidade de papéis e responsabilidades não mudam a dignidade do ser humano. Comumente há equívocos nesta área, onde o clericalismo, machismo e outras formas de segregação perpassam as relações nos vários âmbitos eclesiais e sociais.

Ficou claro o valor de cada sujeito eclesial. Ninguém é descartável e todos devem ser acolhidos. Para isso é preciso mudar a mentalidade, as formas e até mesmo a legislação. Não é uma realidade que se dará da noite para dia, no entanto

1 Frade Menor Capuchinho da Província do Brasil Central. Animador Vocacional Provincial. Endereço: vocacional.ofmcap@gmail.com

é um processo sem o qual será difícil vislumbrar a continuidade da Igreja testemunhal e com ela sua missão no mundo. Outra ênfase foi dada ao papel da mulher em instâncias de decisão que vão além do discurso sobre o recebimento do sacramento da ordem. Não é mais possível negar a importância da valoração do papel da mulher enquanto sujeito eclesial e proporcionar maior atuação em vários espaços eclesiais.

Contudo, no chão do dia a dia, percebo grandes lacunas entre ideal e realidade. Socialmente, há um mal que vai se alastrando. Falo do individualismo, mesmo nas relações de famílias ditas confessionais. É perceptível o crescente isolamento social, pessoas trancadas em suas casas, quartos, seus nichos priorizando relações virtuais em detrimento das presenciais. Teremos que pensar uma Igreja virtual? E quanto o advento do metaverso? Questões que no mínimo precisam ser discutidas.

O uso das novas tecnologias da comunicação para evangelização não é suficiente para suprir a carência das relações presenciais. Ser Igreja sinodal é, na sua essência, caminhar juntos. Nossos jovens, por vezes, parecem zumbis em frente a uma tela, ilhados dentro do

um mundo desconectado com a realidade. São realidades que, no chão da história, dificultam a implementação de uma comunidade sinodal.

A indiferença e falta de empatia são, sem dúvidas, obstáculos que, por vezes, tomam proporções quase intransponíveis. Esse contexto toma maior evidência no que toca aos excluídos dentre os excluídos. Mesmo com todo discurso de acolhida e participação, durante a fase continental região Cone Sul, foi notória a ausência de pessoas com deficiência. O documento construído para a fase continental tocava no tema, mas, o fato é que, na assembleia, não havia representação de pessoas cegas ou surdas, cadeirantes, enfim, pessoas com deficiências. Na execução da fase continental não percebi nenhuma estrutura destinada a estes sujeitos eclesiais. Existe uma exclusão estrutural que perpassa despercebidamente o nosso cotidiano.

Quando uma pessoa nasce com deficiência, ela, a meu ver, é a mais excluída dentre todas, pois até os excluídos as excluem. A sociedade dita dos “normais” não reconhece a existências dessas pessoas. Não diria que seja uma maldade explícita, mas algo que permeia as estruturas, inclusive eclesiais.

Trago essa realidade para evidenciar a importância do que o Papa Francisco chama de “cheiro das ovelhas”, pois, se não houver empatia, um olhar sensível ao nosso redor, a proposta sinodal tende, semelhante a outras temáticas, mesmo que exaustivamente discutidas, acabam por serem simplesmente engavetadas.

É sabido que o Papa Francisco tem enfatizado e oferecido a proposta sinodal como um caminho para o novo tempo de ser Igreja. Em seu pontificado, Francisco é incontestável no cuidado de práticas claramente de caráter sinodal. Basta retomar os últimos sínodos, seus escritos e mesmo a construção e elaboração deste Sínodo. Fez todo possível para escutar o povo de Deus e favoreceu maior participação a ampla participação de pessoas de todos os lugares do mundo.

Atualmente resido em Goiânia, capital do estado de Goiás. Na

primeira fase, houve boa resposta ao questionário pela maioria das paróquias. Vejo, por parte da arquidiocese, na pessoa do nosso Arcebispo Dom João Justino, uma preocupação e movimentação para viabilizar uma implementação daquilo que o sínodo já nos propõe. Mas, diante dos vários cenários eclesiais, será um processo seguramente lento.

É necessário que a ideia do sínodo faça parte da vida de cada pessoa, do cotidiano do ser cristão, uma compreensão que atravesse nossas relações e ações pastorais. A sinodalidade é o jeito que Jesus caminhou com seus discípulos, está no DNA da Igreja, portanto não podemos deixar que essa inspiração escorra pelas nossas mãos. Temos um legado precioso a transmitir e Deus quer precisar de cada filho e filha para manifestar sua aliança de amor com toda humanidade.

Para dialogar:

1. Como o processo sinodal está repercutindo em nossa comunidade e em nossa Congregação ou Instituto?
2. Que podemos fazer, no cotidiano de nossa vida comunitária e no âmbito de nossa instituição, para cultivar e praticar uma Vida Religiosa Consagrada toda ela sinodal?
3. Como podemos contribuir, enquanto religiosos e religiosas, para que a Igreja, toda ela, avance em vivências e práticas sinodais?

PALAVRAS DO PAPA FRANCISCO NA VIAGEM À ÁFRICA

De 31 de janeiro a 05 de fevereiro de 2023, o Papa Francisco realizou a sua quinta visita à África. Em seis dias, percorreu dois dos países mais conflagrados do Continente, a República Democrática do Congo e o Sudão do Sul. Uma visita marcada pelo apelo à paz e ao fim do colonialismo que ainda mantém o continente em situação de violência e pobreza. Uma profética que buscou chamar a atenção do mundo e da Igreja sobre a situação do Continente. Dentre os vários pronunciamentos do Sumo Pontífice na viagem, destacamos três.

O primeiro, diretamente relacionado com a Vida Religiosa Consagrada, foi por ele pronunciado no 02 de fevereiro, Festa da Apresentação do Senhor, tradicionalmente dedicado à Vida Religiosa Consagrada. Nesse dia, o Papa reuniu-se, na Catedral de Nossa Senhora do Congo, em

Kinshasa, com a Vida Religiosa Consagrada, Sacerdotes, Diáconos e Seminaristas. Em sua fala, ele advertiu contra três males que podem afetar os consagrados e consagradas: a mediocridade espiritual, a comodidade mundana, a superficialidade.

O segundo texto aqui transcrevemos, é o do pronunciamento do Papa na Catedral de Santa Teresa, em Juba, capital do Sudão do Sul. Ali, no sábado, 04 de fevereiro também dirigiu-se à Vida Religiosa Consagrada, aos Sacerdotes, Diáconos e Seminaristas. Diferentemente do discurso de Kinshasa que foi centrado na consagração, aqui o tema foi o modo de exercer o ministério em uma situação de conflitos e tensões. A partir da figura das águas do Rio Nilo que percorrem de Sul a Norte aquele país, perguntava-se Francisco: “Como exercer o ministério nesta terra, ao longo das margens dum

rio banhado por tanto sangue inocente, enquanto nos aparecem sulcados por lágrimas de amargura os rostos das pessoas a nós confiadas?”

Na reflexão, o Papa convida a seguir a figura de Moisés e de tuas atitudes que foram constantes em sua vida: a docilidade e a intercessão. Deixar-se guiar por Deus e nunca deixar de pedir pelo seu povo, especialmente os mais sofridos, são o caminho para exercer o ministério e construir uma Igreja a serviço dos pobres e de Deus.

Na tarde do mesmo dia, juntamente com Justin Welby, Arcebispo de Cantuária e o Reverendo Iain Greenshields, Moderador da Assembleia Geral da Igreja da Escócia, o Papa Francisco realizou um momento ecumênico de oração pela Paz.

Na fala que precedeu a oração, o Papa destacou três atitudes fundamentais na superação da violência que tanto mal gera àquele país, assim como a toda a África e que, mesmo guardando as devidas proporções, afeta também o nosso país. Segundo ele, para alcançar a paz, é preciso rezar e trabalhar, caminhar. As três atitudes se exigem e complementam e tornam possível a sanção das dores e a superação das causas que levam à violência.

Sugerimos a leitura atenta e meditativa de cada um dos textos, um de cada vez. Depois de cada leitura, podemos tomar um tempo para conversarmos, em comunidade, sobre o que a reflexão do Papa Francisco dirigida à Vida Religiosa Consagrada da África também questiona e nos convoca a agir para nós, religiosos e religiosas do Brasil.

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO POR OCASIÃO DO ENCONTRO DE ORAÇÃO COM OS SACERDOTES, DIÁCONOS, CONSAGRADOS E CONSAGRADAS E SEMINARISTAS

Catedral de Nossa Senhora do Congo (Kinshasa) -
Quinta-feira, 2 de fevereiro de 2023

Queridos irmãos sacerdotes, diáconos e seminaristas,

Amados consagrados e consagradas, boa tarde e uma santa festa!

Estou feliz por me encontrar convosco precisamente hoje, na festa da Apresentação do Senhor, dia em que rezamos de modo especial pela vida consagrada. Todos nós, como Simeão, esperamos a luz do Senhor para iluminar as trevas da nossa vida; e, mais ainda, todos desejamos viver a mesma experiência que ele teve no Templo de Jerusalém: tomar Jesus nos braços. Tomá-Lo nos braços para O podermos ter diante dos olhos e sobre o coração. Assim, colocando Jesus no centro, muda a perspectiva da nossa vida e, mesmo no meio

das dificuldades e canseiras, sentimo-nos envolvidos pela sua luz, consolados pelo seu Espírito, encorajados pela sua Palavra, sustentados pelo seu amor.

Digo isto pensando nas palavras de boas-vindas pronunciadas pelo Cardeal Ambongo, que agradeço; falou de “enormes desafios” a enfrentar para viver o compromisso sacerdotal e religioso nesta terra, marcada por “condições difíceis e muitas vezes perigosas”, terra de tanto sofrimento. E, contudo, como recordava, há também tanta alegria com o serviço ao Evangelho e são numerosas as vocações ao sacerdócio e à vida consagrada. Aqui vemos a abundância da graça de Deus, que opera precisamente na fraqueza (cf. 2 Cor 12, 9) e vos torna capazes, juntamente com

os fiéis leigos, de gerar esperança nas situações frequentemente dolorosas do vosso povo.

A certeza que nos acompanha, mesmo nas dificuldades, é-nos dada pela fidelidade de Deus. Diz Ele mediante o profeta Isaías: “Vou abrir um caminho no deserto e fazer correr rios na estepe” (43, 19). Pensei propor-vos algumas reflexões justamente a partir destas palavras de Isaías: Deus abre caminhos nos nossos desertos e nós, ministros ordenados e pessoas consagradas, somos chamados a ser sinal desta promessa e realizá-la na história do Povo santo de Deus. Mas, em concreto, a que é que somos chamados? A servir o povo como testemunhas do amor de Deus. Isaías ajuda-nos a compreender como fazê-lo.

Pela boca do profeta, o Senhor vem ter com o seu povo num momento dramático, quando os israelitas foram deportados para Babilônia e reduzidos à escravidão. Movido pela compaixão, Deus quer consolá-los. De fato, esta parte da obra de Isaías é conhecida como o “Livro da Consolação”, porque o Senhor dirige ao seu povo palavras de esperança e promessas de salvação. Começa por recordar o vínculo de amor que O une ao seu povo: “Nada temas, porque Eu te resgatei, e te chamei pelo teu nome; tu és Meu. Se tiveres

de atravessar as águas, estarei contigo, e os rios não te submergirão. Se caminhares pelo fogo, não te queimarás, e as chamas não te consumirão” (43, 1-2). Assim o Senhor revela-Se como Deus da compaixão e garante que nunca nos deixará sozinhos, que estará sempre ao nosso lado como refúgio e força nas dificuldades. Deus é compassivo. Os três nomes de Deus, os três traços típicos de Deus são misericórdia, compaixão e ternura. Pois tudo isto faz a proximidade de Deus: um Deus próximo, compassivo e terno.

Queridos sacerdotes e diáconos, consagradas e consagrados, seminaristas: por vosso intermédio, também hoje o Senhor quer ungir o seu povo com o óleo da consolação e da esperança. Sois chamados a fazer-vos eco desta promessa de Deus, a recordar que Ele nos plasmou e a Ele pertencemos, a animar o caminho da comunidade e a acompanhá-la na fé ao encontro d’Aquele que já caminha ao nosso lado. Deus não permite que as águas nos submerjam, nem que o fogo nos queime. Sintamo-nos portadores deste anúncio no meio das tribulações do povo. Isto é ser servidores do povo: padres, irmãs, missionários que experimentaram a alegria do encontro libertador com Jesus e oferecem-na aos outros. Lembremo-nos disto: o sacerdócio e a vida

consagrada tornam-se áridos, se os vivemos para “nos servirmos” do povo em vez de “servi-lo”. Não se trata de uma profissão para ganhar ou ter uma posição social, nem para colocar em situação confortável a família de origem, mas é a missão de ser sinais da presença de Cristo, do seu amor incondicional, do perdão com que nos quer reconciliar, da compaixão com que deseja cuidar dos pobres. Fomos chamados para oferecer a vida pelos irmãos e irmãs, levando-lhes Jesus, o único que sara as feridas do coração.

Para vivermos assim a nossa vocação, nunca faltarão desafios a enfrentar, nem tentações a vencer. Quero deter-me brevemente nestas três: a mediocridade espiritual, a comodidade mundana, a superficialidade.

Antes de mais nada, vencer a mediocridade espiritual. E como? A Apresentação do Senhor, designada no Oriente cristão como “festa do encontro”, recorda-nos a prioridade da nossa vida: o encontro com o Senhor, especialmente na oração pessoal, porque a relação com Ele é o fundamento do nosso agir. Não esqueçamos que o segredo de tudo é a oração, porque o ministério e o apostolado não são, primariamente, obra nossa nem dependem apenas dos meios humanos. Dir-me-eis: É verdade!

Mas os compromissos, as urgências pastorais, as canseiras apostólicas, o cansaço, etc. fazem-nos correr o risco de ficar sem tempo e sem energias suficientes para a oração. Quero, por isso, compartilhar alguns conselhos: em primeiro lugar, mantenhamonos fiéis a certos ritmos litúrgicos da oração que cadenciam o dia, desde a Missa até à Liturgia das Horas. A Celebração Eucarística diária é o coração pulsante da vida sacerdotal e religiosa. A Liturgia das Horas permite-nos rezar com a Igreja e de o fazermos de forma regular: nunca a descuidemos! E não descuremos também a Confissão: sempre precisamos de ser perdoados, para poder dar misericórdia. Outro conselho: como se sabe, não podemos limitar-nos à recitação ritual das orações, mas é preciso reservar diariamente um tempo intenso de oração, para comunicar de coração a coração com o Senhor: um momento prolongado de adoração, de meditação da Palavra, a reza do Santo Terço; um encontro íntimo com Aquele que amamos acima de todas as coisas. Além disso, quando estamos em plena atividade, podemos também recorrer à oração do coração, a breves “jaculatórias” – estas são um tesouro –, palavras de louvor, de agradecimento e de invocação que se hão de repetir ao Senhor onde quer que nos encontremos.

A oração tira-nos a nós do centro, abre-nos a Deus, levanta-nos porque nos coloca nas mãos d'Ele. Cria em nós o espaço para experimentarmos a proximidade de Deus, para que a sua Palavra se torne familiar a nós e, por nosso intermédio, a todos quantos encontramos. Sem oração, não se vai longe... Por fim, para superar a mediocridade espiritual, nunca nos cansemos de invocar Nossa Senhora – é nossa Mãe – e d'Ela aprender a contemplar e seguir Jesus.

O segundo desafio é vencer a tentação da comodidade mundana, duma vida cômoda na qual seja possível organizar mais ou menos todas as coisas e continuar em frente por inércia, procurando o nosso conforto e arrastando-nos sem entusiasmo. Mas, assim, perde-se o coração da missão, que é sair do espaço do eu e encaminhar-se para os irmãos e irmãs exercendo, em nome de Deus, a arte da proximidade. Há um grande risco associado à mundanidade, especialmente num contexto de pobreza e sofrimento: aproveitar-se da função que temos para satisfazer as nossas carências e comodidades. É triste, muito triste, quando nos fechamos em nós mesmos, tornando-nos frios burocratas do espírito. Então, em vez de servir o Evangelho, preocupamo-nos em administrar as finanças e realizar qualquer negócio que nos

traga vantagem. Irmãos e irmãs, isto é escandaloso, quando acontece na vida dum padre ou dum religioso, que deveria ser modelo de sobriedade e liberdade interior. Ao contrário, como é belo manter-se transparente nas intenções e livre de compromissos com o dinheiro, abraçando alegremente a pobreza evangélica e trabalhando junto dos pobres! E como é belo ser luminoso vivendo o celibato como sinal de total disponibilidade para o Reino de Deus! Não suceda que em nós se encontrem, bem enraizados, aqueles vícios que queremos extirpar nos outros e na sociedade. Por favor, vigiem sobre a comodidade mundana.

Finalmente, o terceiro desafio é vencer a tentação da superficialidade. Se o Povo de Deus espera ser alcançado e consolado pela Palavra do Senhor, tem necessidade de padres e religiosos preparados, formados, apaixonados pelo Evangelho. Foi-nos colocado um dom nas mãos e, da nossa parte, seria presunçoso pensar que podemos viver a missão para a qual Deus nos chamou sem trabalharmos diariamente sobre nós mesmos e sem nos formarmos de forma adequada tanto na vida espiritual como na preparação teológica. As pessoas não precisam de funcionários do sagrado nem de doutores afastados do povo. Somos chamados a entrar no coração do

mistério cristão, aprofundar a sua doutrina, estudar e meditar a Palavra de Deus; e, ao mesmo tempo, permanecer abertos às inquietações do nosso tempo, às questões cada vez mais complexas da nossa época, para poder compreender a vida e as exigências das pessoas, para compreender como tomá-las pela mão e acompanhá-las. Por isso, a formação do clero não é facultativa. Digo isto aos seminaristas, mas vale para todos: a formação é um caminho a percorrer sempre ao longo de toda a vida. Chama-se formação permanente: formação sempre, por toda a vida.

Os desafios de que vos falei, temos de os enfrentar se quisermos servir o povo como testemunhas do amor de Deus, porque só é eficaz o serviço se passar através do testemunho. Não esqueçais esta palavra: o testemunho. De facto, depois de pronunciar palavras de consolação, o Senhor acrescenta: “Quem dentre eles anunciou isto, trazendo aos nossos ouvidos acontecimentos antigos? (...) As minhas testemunhas sois vós” (Is 43, 9.10). Testemunhas. Para ser bons sacerdotes, diáconos, consagradas e consagrados, não bastam as palavras e as intenções: antes de tudo, é a própria vida que fala, a vida própria. Queridos irmãos e irmãs, vendo-vos, dou graças a Deus, porque sois sinais da presença de Jesus que passa pelas

estradas deste país e toca a vida do povo, as feridas da sua carne. Mas continua a haver necessidade de jovens que digam “sim” ao Senhor, de outros sacerdotes e religiosos que deixem, com a própria vida, transparecer a sua beleza.

Nos vossos testemunhos, lembrestes-me como é difícil viver a missão numa terra tão rica de belezas naturais e recursos, mas ferida pela exploração, a corrupção, a violência e a injustiça. Mas falastes também da parábola do bom samaritano: é Jesus que passa ao longo das nossas estradas, especialmente através da sua Igreja, detém-Se e cuida das feridas dos oprimidos. Caríssimos, este é precisamente o ministério a que sois chamados: mostrar proximidade e consolação, como uma luz sempre acesa no meio de tanta escuridão. Aprendamos do Senhor, que está próximo, sempre. E, para ser irmãos e irmãs de todos, começai por sê-lo entre vós: testemunhas de fraternidade, nunca em guerra; testemunhas de paz, aprendendo a superar até as particularidades das culturas e das proveniências étnicas, porque, como afirmou Bento XVI aos sacerdotes africanos, “o vosso testemunho de vida pacífica, ultrapassando fronteiras tribais e raciais, pode tocar os corações” (Exortação Apostólica pós-sinodal *Africae munus*, 108).

Como diz um provérbio, “o vento não quebra o que sabe curvar-se”. A história de muitos povos deste continente foi, infelizmente, vergada e chagada por feridas e violências e, por isso, se há um desejo que sobe do coração, é não ter de o fazer mais, não mais ter de submeter-se à prepotência do mais forte, não mais dever curvar a cabeça sob o jugo da injustiça. Mas podemos acolher as palavras do provérbio principalmente em sentido positivo: há um curvar-se que não é sinónimo de fraqueza, de ser cobarde, mas de fortaleza; então significa ser flexível, superando a rigidez; significa cultivar uma humanidade dócil, que não se fecha no ódio e no rancor; significa estar disponível para se deixar mudar, sem se fechar nas próprias ideias e posições. Se nos curvamos humildemente diante de Deus, Ele faz-nos semelhantes a Si, obreiros de misericórdia. Quando permanecemos dóceis nas mãos de Deus, Ele molda-nos e faz de nós pessoas reconciliadas, que sabem abrir-se e dialogar, acolher e perdoar, lançar

rios de paz nas estepes áridas da violência. Deste modo, quando soprarem impetuosos os ventos dos conflitos e das divisões, tais pessoas não podem ser quebradas, porque estão repletas do amor de Deus. Sede vós também assim: dóceis ao Deus da misericórdia, nunca quebrados pelos ventos das divisões.

Irmãos e irmãs, de coração vos agradeço pelo que sois e fazeis, agradeço pelo testemunho que dais à Igreja e ao mundo. Não desanimeis; há necessidade de vós! Sois preciosos, importantes: vo-lo digo em nome da Igreja inteira. Espero que sejais sempre canais da consolação do Senhor e testemunhas jubilosas do Evangelho, profecia de paz nas espirais da violência, discípulos do Amor prontos a cuidar das feridas dos pobres e atribulados. Muito obrigado, irmãs e irmãos! Obrigado mais uma vez pelo vosso serviço e zelo pastoral. Abençoo-vos e levo-vos no coração. E vós, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado!

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO NO ENCONTRO COM OS BISPOS, SACERDOTES, DIÁCONOS, CONSAGRADOS E CONSAGRADAS E SEMINARISTAS

Catedral de Santa Teresa, Juba - Sudão do Sul - Sábado,
4 de fevereiro de 2023

Amados irmãos bispos, presbíteros e diáconos,

Prezados consagrados e consagradas,

Queridos seminaristas, noviças, noviços e aspirantes, bom dia a todos!

Há já bastante tempo que cultivava o desejo de vos encontrar; por isso quero agradecer ao Senhor o dia de hoje. Estou grato a D. Tombe Trille pela sua saudação e, a todos vós, pela presença e palavras de boas-vindas. Alguns tiveram de fazer dias de estrada para estar hoje aqui! Conservo gravados no coração alguns momentos vividos antes desta visita: a celebração em São Pedro em 2017, durante a qual elevamos súplicas a Deus pelo

dom da paz; e o retiro espiritual de 2019 com os líderes políticos, convidados para que, através da oração, cimentassem no coração a firme decisão de buscar a reconciliação e a fraternidade no país. A primeira coisa de que temos necessidade é acolher Jesus, nossa paz e nossa esperança.

Para o meu discurso de ontem, fui buscar inspiração ao curso das águas do Nilo, que atravessa vosso país como se fosse a sua espinha dorsal. Na Bíblia, associa-se muitas vezes com a água a ação de Deus criador, a compaixão com que sacia a nossa sede quando se anda errante no deserto, a misericórdia com que nos purifica quando caímos nas paludes do pecado; no Batismo, Ele santificou-nos “com uma

água que regenera e renova no Espírito Santo” (Tt 3, 5). Agora quero olhar de novo para as águas do Nilo, mas numa perspectiva bíblica. Por um lado, no leito deste curso de água, vertem-se as lágrimas dum povo imerso no sofrimento e na dor, torturado pela violência; um povo que pode rezar como o salmista: “Junto aos rios de Babilónia nos sentamos a chorar” (Sal 137, 1). De facto, as águas do grande rio recolhem os dolorosos gemidos das vossas comunidades, recolhem o grito de dor de tantas vidas destroçadas, recolhem o drama dum povo em fuga, a aflição do coração das mulheres e o medo gravado nos olhos das crianças. Vê-se o medo nos olhos das crianças. Mas, por outro lado, as águas do grande rio fazem-nos lembrar a história de Moisés e, por isso, são sinal de libertação e salvação: na verdade, Moisés foi salvo daquelas águas e, conduzindo o seu povo pelo meio do Mar Vermelho, tornou-se instrumento de libertação, ícone do socorro de Deus que vê a aflição dos seus filhos, ouve o seu clamor e desce para os libertar (cf. Ex 3, 7). Tendo, pois, diante dos olhos a história de Moisés, que guiou o Povo de Deus através do deserto, perguntemo-nos que significa ser ministros de Deus numa história permeada pela guerra, o ódio, a violência e a pobreza.

Como exercer o ministério nesta terra, ao longo das margens dum rio banhado por tanto sangue inocente, enquanto nos aparecem sulcados por lágrimas de amargura os rostos das pessoas a nós confiadas? Eis a questão. E quando falo de ministério, penso nele em sentido amplo: ministério presbiteral, diaconal e ministério catequético, de ensino, que fazem tantos consagrados, consagradas e leigos.

Tentando responder à questão, quero deter-me sobre duas atitudes de Moisés: a docilidade e a intercessão. Considero que estas duas coisas tocam a nossa vida, aqui.

A primeira coisa que impressiona na história de Moisés é a sua docilidade à iniciativa de Deus. Não pensemos, porém, que foi sempre assim. Num primeiro tempo, tentara combater, sozinho, a injustiça e a opressão. Salvo das águas do Nilo pela filha do faraó, mais tarde descobriu a própria identidade deixando-se tocar pelo sofrimento e a humilhação dos seus irmãos: um dia chegou ao ponto de decidir fazer justiça sozinho, matando um egípcio que estava a maltratar um judeu. E, por causa deste episódio, teve que fugir permanecendo muitos anos no deserto. Lá experimentou uma espécie de deserto interior: pensara em enfrentar a injustiça

unicamente com as suas forças e a consequência foi encontrar-se agora fugitivo, tendo que se esconder, vivendo na solidão, experimentando a amarga sensação do fracasso. Pergunto-me: qual foi o erro de Moisés? Pensar que era ele o centro, contando apenas com as suas forças. Deste modo, porém, ficou prisioneiro dos piores métodos humanos, como aquele de responder à violência com a violência.

Algo semelhante pode acontecer às vezes também na nossa vida de sacerdotes, diáconos, religiosos, seminaristas, consagradas, consagrados, na vida de todos: no fundo, pensamos que somos nós o centro, que podemos confiar-nos – se não na teoria, pelo menos na prática – quase exclusivamente à nossa perícia; ou, como Igreja, encontrar a resposta aos sofrimentos e necessidades do povo através de instrumentos humanos, como o dinheiro, a astúcia, o poder. Pelo contrário, a nossa obra vem de Deus: Ele é o Senhor e nós somos chamados a ser instrumentos dóceis nas suas mãos. Moisés aprende isto quando, um dia, Deus vem ao seu encontro, aparecendo-lhe “numa chama de fogo, no meio da sarça” (Ex 3, 2). Moisés deixa-se atrair, abre-se à estupefação, coloca-se numa atitude de docilidade deixando-se orientar pelo fascínio daquele fogo. “Vou adentrar-me para ver

esta grande visão: por que razão não se consome a sarça?” (3, 3). Vemos aqui a docilidade que serve para o nosso ministério: aproximar-se de Deus cheios de maravilha e humildade. Irmãs e irmãos, não percais e estupefação do encontro com Deus! Não percais a estupefação do contacto com a Palavra de Deus. Moisés deixou-se atrair e guiar por Deus. A primazia não deve ser dada a nós, mas a Deus: devemos confiar-nos à sua Palavra em vez de nos servir das nossas palavras, acolher docilmente a sua iniciativa em vez de apostar nos nossos projetos pessoais e eclesiais.

Este deixar-nos plasmar docilmente é que nos faz viver de maneira renovada o ministério. Na presença do Bom Pastor, compreendemos que não somos chefes duma tribo, mas Pastores compassivos e misericordiosos; não somos patrões do povo, mas servos que se inclinam a lavar os pés dos irmãos e irmãs; não somos uma organização mundana que administra bens terrenos, mas somos a comunidade dos filhos de Deus. Irmãs e irmãos, então façamos como Moisés na presença de Deus: descalcemos as sandálias, com humilde respeito (cf. 3, 5), despojemo-nos da nossa presunção humana, deixemo-nos atrair pelo Senhor e cultivemos o encontro com Ele na oração; aproximemo-nos

cada dia do mistério de Deus, para que nos encante e queime o restolho do nosso orgulho e das nossas ambições desmedidas, tornando-nos humildes companheiros de viagem daqueles que nos estão confiados.

Purificado e iluminado pelo fogo divino, Moisés torna-se instrumento de salvação para o seu povo que sofre; a docilidade para com Deus torna-o capaz de interceder pelos irmãos. Aqui está a segunda atitude sobre a qual vos quero falar hoje: a intercessão. Moisés fez experiência de um Deus compassivo, que não fica indiferente ao clamor do seu povo, mas desce para o libertar. É importante este descer: Deus desce para o libertar. Pela sua condescendência para conosco, Deus vem para o meio de nós chegando ao ponto de assumir, em Jesus, a nossa carne, experimentar a nossa morte e descida à mansão dos mortos. Sempre desce para nos levantar e quem faz experiência d'Ele é levado a imitá-Lo. Assim faz Moisés, que "desce" para o meio dos seus: fá-lo-á várias vezes durante a travessia no deserto. Com efeito, nos momentos mais importantes e difíceis, sobe e desce do monte da presença de Deus a fim de interceder pelo povo, isto é, colocar-se dentro da sua história para o aproximar de Deus. Irmãos e irmãs, interceder "não significa simplesmente 'rezar

por alguém', como muitas vezes pensamos. Etimologicamente significa 'dar um passo para o meio', dar um passo de modo a colocar-se no meio numa situação" (C. M. Martini, *Un grido di intercessione*, Milão, 29/1/1991). Às vezes pouco se consegue, mas é preciso fazê-lo: um grito de intercessão. Concluindo, interceder é descer para se colocar no meio do povo, "fazer-se ponte" que o liga a Deus.

Os pastores são chamados a desenvolver precisamente esta arte de "caminhar no meio". Esta deve ser a especialidade dos pastores: caminhar no meio... no meio das tribulações e no meio das lágrimas, no meio da fome de Deus e da sede de amor aos irmãos e irmãs. O nosso primeiro dever não é ser uma Igreja perfeitamente organizada – isso pode fazê-lo qualquer empresa –, mas uma Igreja que, em nome de Cristo, permanece no meio da vida dolorosa do povo sem medo de sujar as mãos por amor. Nunca devemos exercer o nosso ministério visando o prestígio religioso e social – o sonho mau de "fazer carreira" –, mas caminhando juntos no meio do povo; é colaborando entre nós, ministros, e com os leigos que se aprende a ouvir e dialogar. Quero repetir aquela importante palavra: juntos. Não a esqueçamos: juntos. Bispos e padres, padres e diáconos, pastores e

seminaristas, ministros ordenados e religiosos (nutrindo sempre respeito pela maravilhosa especificidade da vida religiosa): procuremos entre nós vencer a tentação do individualismo, dos interesses parciais. É muito triste quando os Pastores não são capazes de fazer comunhão: não conseguem colaborar, ou até se ignoram mutuamente! Cultivemos o respeito mútuo, a proximidade, a colaboração concreta. Se isto não acontece entre nós, como poderemos pregá-lo aos outros?

Voltemos a Moisés! E, para aprofundar a arte da intercessão, ponhamos atenção nas suas mãos. A respeito delas, a Escritura oferece-nos três imagens: Moisés com a vara na mão, Moisés com as mãos estendidas, Moisés com as mãos erguidas para o céu.

A primeira imagem, Moisés com o bastão na mão, diz-nos que ele intercede com a profecia. Com aquele bastão, realizará prodígios, sinais da presença e do poder de Deus, em nome de Quem fala, denunciando em voz alta o mal que o povo sofre e pedindo ao Faraó que o deixe partir. Irmãos e irmãs, para interceder a favor do nosso povo, também nós somos chamados a erguer a voz contra a injustiça e a prevaricação, que esmagam as pessoas e valem-se da violência

para, à sombra dos conflitos, melhor gerir os próprios negócios. Se queremos ser Pastores que intercedem, não podemos permanecer neutrais face ao sofrimento provocado pela injustiça e as violências, porque, onde quer que uma mulher ou um homem seja ferido nos seus direitos fundamentais, é ofendido o próprio Cristo. Gostei de ouvir, no testemunho do padre Luka, que a Igreja não cessa de cumprir um ministério profético e pastoral.

Obrigado! Obrigado porque, se há uma tentação da qual nos devemos defender, é a de deixar as coisas como estão, não nos interessando pelas situações com medo de perder privilégios e conveniências.

A segunda imagem: Moisés com as mãos estendidas. Como diz a Escritura, ele “estendeu a sua mão sobre o mar” (Ex 14, 21). As suas mãos estendidas são o sinal de que Deus está prestes a intervir. Mais tarde, Moisés terá nas mãos as tábuas da Lei (cf. Ex 34, 29) para as mostrar ao povo; as suas mãos estendidas indicam a proximidade de Deus que está em ação e acompanha o seu povo. De facto, para libertar do mal, não basta a profecia, é preciso estender os braços para os irmãos e irmãs, apoiar o seu caminho. Acarinhar o rebanho de Deus. Podemos imaginar Moisés

que indica o percurso e agarra as mãos do seu povo encorajando-o a prosseguir. Depois de quarenta anos e já velho, mantém-se junto do povo: isto é a proximidade. Não foi uma tarefa fácil: muitas vezes teve de encorajar um povo desanimado e cansado, faminto e sedento, e por vezes também caprichoso que se dava à murmuração e à preguiça. E, para exercer esta tarefa, precisou de lutar também consigo mesmo, porque às vezes viveu momentos de trevas e desolação, como aquele em que disse ao Senhor: “Porque atormentas o teu servo? Porque é que não encontrei graça diante de Ti, a ponto de pores todo este povo como um peso sobre mim? (...) Eu sozinho não consigo suportar todo este povo, porque é demasiado pesado para mim!” (Nm 11, 11.14). Observa a oração de Moisés: está cansado. Mas não se retirou: sempre próximo de Deus, nunca se afastou do seu povo. Também nós temos esta tarefa: estender as mãos, incitar os irmãos, recordar-lhes que Deus é fiel às suas promessas, exortá-los a prosseguir. As nossas mãos foram “ungidas com o Espírito” não só para os ritos sagrados, mas também para encorajar, ajudar, acompanhar as pessoas a sair daquilo que as paralisa, isola, assusta.

Por fim, a terceira imagem: as mãos levantadas para o céu. Quando o povo cai no pecado

e constrói um bezerro de ouro, Moisés volta a subir ao Monte – pensemos nesta grande paciência! – e pronuncia uma oração que é uma verdadeira luta com Deus para que não abandone Israel. Chega a dizer: “Ah, este povo cometeu um grande pecado. Fizeram para si um deus de ouro. Apesar disso, perdoai-lhes este pecado, ou então apaga-me do livro que escreveste” (Ex 31, 31- 32). Coloca-se da parte do povo até ao fim, levanta a mão em seu favor. Não pensa em salvar-se sozinho, não vende o povo em troca dos seus interesses! Moisés intercede, Moisés luta com Deus; mantém os braços erguidos em oração enquanto os seus irmãos combatem no vale (cf. Ex 17, 8-16). Sustentar as lutas do povo com a oração diante de Deus, atrair o perdão, ministrar a reconciliação como canais da misericórdia de Deus que perdoa os pecados: esta é a nossa tarefa de intercessores!

Caríssimos amigos, estas mãos proféticas, estendidas e levantadas cansam, não é fácil. Ser profeta, acompanhador, intercessor, mostrar com a vida o mistério da proximidade de Deus ao seu Povo pode exigir a própria vida. Muitos padres, religiosas e religiosos (como a Irmã Regina nos disse de suas irmãs) caíram vítimas de violências e atentados em que perderam a vida. Na realidade, ofereceram a sua existência

pela causa do Evangelho, e a sua proximidade aos irmãos e irmãs é um maravilhoso testemunho que nos deixaram, convidando-nos a continuar o seu caminho. Podemos recordar as palavras de São Daniel Comboni que realizou nesta terra, com os seus irmãos missionários, uma grande obra de evangelização: o missionário deve estar disposto a tudo por Cristo e pelo Evangelho, e há necessidade de almas ousadas e generosas que saibam sofrer e morrer pela África.

Por isso, quero agradecer-vos o que fazeis no meio de tantas provas e canseiras. Em nome de toda a Igreja, obrigado pela vossa dedicação, a vossa coragem, os vossos sacrifícios, a vossa paciência. Obrigado! Faço votos, queridos irmãos e irmãs, de que

sejais sempre generosos Pastores e testemunhas, armados apenas de oração e caridade; pastores testemunhas, que docilmente se deixam surpreender pela graça de Deus e se tornam instrumentos de salvação para os outros; pastores e profetas de proximidade que acompanham o povo, intercessores com os braços erguidos. Que a Virgem Santa vos guarde. Por momentos, pensemos em silêncio nestes nossos irmãos e irmãs que deram a vida aqui neste ministério pastoral, e demos graças ao Senhor porque esteve perto deles. Agradeçamos ao Senhor pela sua proximidade aos mártires. Rezemos em silêncio.

Obrigado pelo vosso testemunho. E se tiverdes um bocadinho de tempo, rezai por mim.

ORAÇÃO ECUMÊNICA

Mausoléu “John Garang”, Juba - Sudão do Sul - Sábado, 4 de fevereiro de 2023

Papa Francisco, Bispo de Roma; Justin Welby, Arcebispo de Cantuária; Iain Greenshields, Moderador da Assembleia Geral da Igreja da Escócia.

Senhor Presidente da República,

Distintas Autoridades religiosas e civis,

Queridos irmãos e irmãs!

Acabam de se elevar, desta amada e atribulada terra, para o Céu tantas orações: vozes diferentes uniram-se, formando uma só voz. Juntos, como Povo santo de Deus, rezamos por este povo ferido. Como cristãos, a primeira coisa – e a mais importante – que somos chamados a fazer é rezar, para podermos trabalhar bem e termos a força de caminhar. Rezar, trabalhar e caminhar: três verbos sobre os quais precisamos de refletir.

Rezar, antes de tudo. Sem a oração, seria vão o notável

empenho das comunidades cristãs na promoção humana, na solidariedade e na paz. De facto, não podemos promover a paz sem antes invocar Jesus, “Príncipe da paz” (Is 9, 5). Aquilo que fazemos pelos outros e partilhámos com os outros é, primariamente, dom gratuito que as nossas mãos vazias recebem d’Ele: é graça, pura graça. Somos cristãos, porque gratuitamente amados por Cristo.

Esta manhã inspirei-me na figura de Moisés e agora, a propósito precisamente da oração, quero recordar um episódio decisivo para ele e para o seu povo, ocorrido precisamente no início do caminho rumo à liberdade. Tendo chegado às margens do Mar Vermelho, uma cena

dramática se apresenta aos olhos de Moisés e de todos os israelitas: à sua frente, aparece a barreira intransponível das águas; pela retaguarda, está a chegar o exército inimigo, com carros e cavalos. Porventura isto não nos recorda os primeiros passos deste país, acometido não só pelas águas funestas das desastrosas inundações que o atingiram, mas também por uma brutal violência bélica? Então Moisés, naquela situação desesperada, diz ao povo: “Não tenhais medo. Permanecei firmes e vede a salvação que o Senhor fará” (Ex 14, 13). Eu pergunto-me: a Moisés, donde lhe vinha semelhante certeza, enquanto o seu povo continuava a lamentar-se apavorado? Aquela força vinha-lhe da escuta do Senhor (cf. 14, 2-4), que lhe prometera manifestar a sua glória. A união com Deus, a confiança n’Ele cultivada na oração, foi o segredo que permitiu a Moisés acompanhar o povo da opressão à liberdade.

Dá-se o mesmo conosco: rezar dá a força para seguir em frente, superar os medos, vislumbrar, mesmo na escuridão, a salvação que Deus prepara. Além disso, a oração atrai sobre o povo a salvação de Deus. A esta oração de intercessão, que caracterizou a vida de Moisés (cf. Ex 32, 11- 14), estamos obrigados sobretudo nós, Pastores do Povo santo de Deus. Para que o Senhor da paz

intervenha onde os homens não conseguem construí-la, é precisa a oração: uma oração tenaz e constante de intercessão. Irmãos, irmãs, apoiemo-nos nisto: nas nossas várias Confissões, sintamo-nos unidos entre nós, como uma só família; e sintamo-nos encarregados de rezar por todos. Nas nossas paróquias, igrejas, assembleias de culto e louvor, rezemos assíduos e concordes (cf. At 1, 14) para que o Sudão do Sul, como o povo de Deus na Escritura, “alcance a terra prometida”: disponha serena e equitativamente da terra fértil e rica que possui e seja cumulado daquela paz prometida, mas que, infelizmente, ainda não chegou.

E, em segundo lugar, somos chamados a trabalhar precisamente pela causa da paz. Pois Jesus quer-nos “pacificadores” (Mt 5, 9), quer que a sua Igreja seja não só sinal e instrumento da íntima união com Deus, mas também da unidade de todo o género humano (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 1). Com efeito, como recorda o Apóstolo Paulo, Cristo “é a nossa paz” justamente no sentido do restabelecimento da unidade: foi Ele quem, “dos dois povos, fez um só e destruiu o muro de separação, a inimizade” (Ef 2, 14). Aqui está a paz de Deus: não apenas uma trégua entre os conflitos, mas uma comunhão fraterna, que brota de congregar,

não de absorver; de perdoar, não de suplantar; de reconciliar-se, não de impor-se. Tão grande é o desejo de paz do Céu que foi anunciada logo no momento do nascimento de Cristo: "...paz na terra aos homens do seu agrado" (Lc 2, 14). E tão grande foi a angústia de Jesus pela rejeição deste dom, que Ele vinha trazer, que chorou sobre Jerusalém, dizendo: "Se neste dia também tu tivesses conhecido o que te pode trazer a paz!" (Lc 19, 42).

Trabalhemos incansavelmente, queridos irmãos e irmãs, por esta paz que o Espírito de Jesus e do Pai nos convida a construir: uma paz que integra as diversidades, que promove a unidade na pluralidade. Esta é a paz do Espírito Santo, que harmoniza as diferenças, ao passo que o espírito inimigo de Deus e do homem aproveitada as diversidades para dividir. A propósito diz a Escritura: "Nisto é que se distinguem os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica a justiça não é de Deus, nem aquele que não ama o seu irmão" (1 Jo 3, 10). Amigos caríssimos, quem se diz cristão deve escolher de que parte estar. Quem segue Cristo escolhe a paz, sempre; quem desencadeia guerra e violência atraiçoa o Senhor e renega o seu Evangelho. O estilo que Jesus nos ensina é claro: amar a todos, uma vez que todos são amados como filhos

pelo Pai comum que está nos céus. O amor do cristão não é só para os vizinhos, mas para cada um, porque cada um em Jesus é nosso próximo, irmão e irmã – até mesmo o inimigo (cf. Mt 5, 38-48) – e, com maior força de razão, aqueles que pertencem ao nosso próprio povo, embora de etnia diferente. "Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei" (Jo 15, 12): este é o mandamento de Jesus, que contradiz toda a visão tribal da religião. "Que todos sejam um só" (Jo 17, 21): esta é a ardente oração de Jesus ao Pai por todos nós, crentes.

Trabalhemos, irmãos e irmãs, por esta unidade fraterna entre nós, cristãos, e ajudemo-nos a fazer passar a mensagem da paz na sociedade, a difundir o estilo de não-violência de Jesus, para que, na pessoa que se professa crente, já não haja espaço para uma cultura baseada no espírito de vingança; para que o Evangelho não seja apenas um belo discurso religioso, mas uma profecia que se torna realidade na história. Trabalhemos por isto: trabalhemos pela paz tecendo e remendando, nunca cortando ou rasgando. Sigamos Jesus e, atrás d'Ele, demos passos comuns no caminho da paz (cf. Lc 1, 79).

E chegamos assim ao terceiro verbo: depois de rezar e trabalhar, caminhar. Aqui, ao longo dos decênios, as comunidades

cristãs empenharam-se fortemente na promoção de percursos de reconciliação. Quero agradecer-vos por este luminoso testemunho de fé, nascido do facto de reconhecer, não só nas palavras, mas também nas obras, que, antes das divisões históricas, existe uma realidade imutável: somos cristãos, somos de Cristo. É maravilhoso que, no meio de tanto conflito, a pertença cristã nunca tenha desagregado a população, mas foi, e é ainda, fator de unidade. A herança ecuménica do Sudão do Sul é um tesouro precioso, um louvor ao nome de Jesus, um ato de amor à Igreja sua esposa, um exemplo universal para o caminho de unidade dos cristãos. É uma herança que deve ser guardada com o mesmo espírito: as divisões eclesiais dos séculos passados não se repercutam sobre quem é evangelizado, mas possa a sementeira do Evangelho contribuir para gerar maior unidade. O tribalismo e o faciosismo que alimentam as violências no país não afetem as relações interconfessionais; pelo contrário, derrame-se sobre o povo o testemunho de unidade dos crentes.

Neste sentido e para concluir, quero sugerir duas palavras-chave para a continuação do nosso caminho: memória e compromisso. Memória: os passos que dais recalcam as pegadas dos predecessores. Não tenhais medo de não estar à altura, mas senti-vos

impelidos por quem vos preparou a estrada: como numa corrida com estafetas, recolhei o testemunho para apressar a conquista da meta numa comunhão plena e visível. E depois o compromisso: caminha-se para a unidade, quando o amor é concreto, quando nos damos as mãos para socorrer quem está na margem da estrada, quem é ferido e descartado. Já o fazeis em muitos campos; penso em particular nos campos da saúde, da instrução, da caridade. Como é urgente e indispensável a ajuda que levais à população! Obrigado! Continuai assim: nunca concorrentes, mas familiares; irmãos e irmãs que, através da compaixão pelos que sofrem, os prediletos de Jesus, dão glória a Deus e testemunham a comunhão que Ele ama.

Queridos amigos, os meus irmãos e eu viemos como peregrinos até junto de vós, Povo santo de Deus em caminho. Mesmo distantes fisicamente, continuaremos sempre a estar próximos de vós. Recomeçamos cada dia a partir da oração de uns pelos outros e com os outros, do trabalhar juntos como testemunhas e mediadores da paz de Jesus, do caminhar pela mesma estrada, dando passos concretos de caridade e unidade. Em tudo, amemo-nos intensamente e de coração sincero (cf. 1 Ped 1, 22).

CERNE 123

JOSÉ ROBERTO MEDEIRO FURTUOSO, SM
(PADRES MARISTAS)

A edição 123 do CERNE – Centro de Renovação Espiritual, foi realizada em Lagoa Seca-PB, no Convento Ipuarana, de 12 de fevereiro a 23 de março. A experiência proporcionou aos seus 32 participantes, provindos de várias partes do Brasil e de outros países, sob a coordenação de Frei Vanildo Luiz Zugno e de Irmã Zirlaide Barreto Mendonça, uma profunda experiência de imersão nas grandes exigências e nos desafios da VRC nos dias atuais. Teve por finalidade revigorar e encorajar os religiosos e as religiosas para continuar assumindo sua missão onde estão, ou preparando-se para abraçarem novos trabalhos em novas terras. Todos os temas abordados por seus assessores levaram em conta os desafios da VRC dentro dos contextos da SINODALIDADE, do PROFETISMO, da ECOLOGIA e do SEGUIMENTO da pessoa

de Jesus Cristo, inspirados especialmente no profetismo do Papa Francisco.

Formação humana

Em face das exigências e problemáticas que se manifestam no dia a dia do/a religioso/a no exercício de sua missão, faz-se mister uma pausa para que cada um/a se dê conta e se perceba enquanto pessoa madura e integrada, para melhor servir o Reino de Deus. Não se trata de alcançar perfeição para servir, mas uma maturidade capaz de sustentar os desafios diários que a VRC nos exige. Nesse sentido, é muito importante que cada pessoa aprenda a assumir sua história pessoal, reconhecendo, segundo nos propõe Erickson, os estágios pelos quais todos passamos, e que ora superamos, ora regredimos e nos fixamos, e que têm uma incidência imediata

sobre nosso modo de ser no mundo, nosso modo de viver a missão de nosso carisma diante dos apelos da Igreja, em diálogo com o mundo atual.

Situação sócio, econômica, política, religiosa e cultural

Viver as exigências da VRC sem levar em conta o que acontece no mundo atual e sem uma referencialidade no passado, seria um modo alienado de viver o Evangelho, pois é na história concreta que emergem as exigências do reinado de Deus. Nesse sentido, é imprescindível reconhecer as escolhas acertadas e as equivocadas que a Igreja fez no percurso da história, na tentativa de construir o Reino de Deus. Daí a necessidade de reconhecer os erros para não repeti-los e de seguir o caminho da sinodalidade, que nos ajuda a superar os limites da colegialidade e do corporativismo. Fazer o percurso da sinodalidade, que tão insistentemente o Papa Francisco nos propõe, nos abre caminhos para sermos, como consagrados e consagradas, testemunhas visíveis da pessoa de Jesus Cristo, sempre colocando nosso olhar no processo mais que em seus resultados.

Sexualidade, gênero e relações de poder

As realidades de abuso de poder e suas consequências na

vivência de comunidade e nas relações com pessoas em situação de vulnerabilidade, em particular crianças e adolescentes, dentro da Igreja e, nela, a VRC, exigem de nós, religiosos e religiosas, um olhar mais profundo e comprometido na dimensão humana da sexualidade e de sua expressão nos mais diversos gêneros. É importante ressaltar que nossa relação com Deus, passa, necessariamente, pela nossa relação com o outro, em particular o outro fragilizado. Assim, aproveitar-se da fragilidade de nosso semelhante é o modo mais perverso para demonstrar o abuso de poder conferido a um sacerdote, um religioso, uma religiosa. Levar isso em conta, nos ajuda a evitarmos o aumento de pessoas feridas e de consequências catastróficas, tão atuais, como o aumento de suicídios. Nesse contexto é que emerge o resgate da missão da VRC, que é a de conformar-se com Cristo, na certeza de sermos amados/as, certeza de podermos amar ao próximo e a nós mesmos.

Vida religiosa consagrada e sinodalidade.

Pensar na VRC fora do contexto da sinodalidade seria pensar numa VRC e numa igreja estéreis, mortas e descomprometidas com o Evangelho de Jesus Cristo. Apesar das muitas resistências,

rigorismos, conservadorismos e tradicionalismos, a Igreja não tem como negar que e a sua tarefa, no mundo, continua sendo a de promover comunhão, participação e missão, considerando o grito dos pequenos, que junta-se, mais do que nunca, ao grito da casa comum, onde ninguém e nada pode ficar de fora, daí a necessidade de caminharmos juntos na perspectiva da sinodalidade, o que implica caminharmos com nossas diferenças e diversidades, onde ninguém deve ficar para trás. A VRC, a partir de seu chamado, sua estrutura e sua radicalidade no seguimento de Jesus, tem o dever e compromisso de viver as exigências da sinodalidade dentro e fora de seus conventos.

Seguimento de Jesus e o lugar de Maria nesse seguimento

A centralidade de nosso discipulado consiste no seguimento fiel e radical da pessoa de Jesus de Nazaré. Somente fazendo o percurso que ele fez e prestando atenção nas coisas que ele fazia e nas suas escolhas é que se pode falar verdadeiramente em “seguimento de Jesus”. E, para isso, percorrer os Evangelhos é exigência imprescindível. Com os olhos fixos nos evangelhos, identificamos, inclusive o caminho da sinodalidade, pois nesse caminho a prática do diálogo é inevitável. É nesse caminho e no confronto com a realidade que descobrimos a especificidade da Espiritualidade da VRC. Também

nesse caminho é que encontramos os interlocutores de nossa missão como religiosos e religiosas, ou seja, os pobres, os pequenos, os desprezados deste mundo. No caminho de Jesus está sua mãe, Maria, que pouco a pouco faz a passagem de exclusivamente mãe biológica para a mãe discipula, que se identifica com as opções de seu filho e aceita o seu lugar de ser uma com os outros e, ao mesmo tempo, aquela que nos motiva para irmos adiante.

Consagração e vivência dos votos

A VRC é chamada a superar a visão de consagração a partir da perspectiva veterotestamentária (Levítico), marcada pela perfeição e rigidez, e assumir aquela que nos apresenta a Carta aos Hebreus, onde a imperfeição, marcada pela experiência de pecado, é realidade de todos. Dentro dessa dinâmica, é possível pensar no voto de castidade, considerando o respeito às sexualidades de hoje; pensar no voto de pobreza, na perspectiva dos mais pobres e colocando um olhar especial na herança (obras e patrimônios) que deixaremos, como congregação, para as gerações futuras; e, por fim, sobre o voto de obediência é importante que o

ressignifiquemos na perspectiva de uma Igreja sinodal. Por fim, a vivência dos votos só é possível se entrarmos na dinâmica da itinerância, do profetismo e da alegria.

Mística e mistagogia de Jesus Cristo

A narrativa dos discípulos de Emaús e a trajetória de Abraão nos revelam que o lugar de compreensão de mística e de mistagogia se dá na experiência do CAMINHO. É nele que se faz a experiência de Deus: caminho no deserto, caminho na montanha, caminho nos centros, caminho nas periferias, caminho na missão, caminho dentro de nossas comunidades religiosas. A experiência de caminho nos coloca, necessariamente, na experiência de nos fazermos hóspedes; de entrarmos com cuidado no jardim do outro; de tirarmos nossos sapatos; de perder identidade para acolher nova identidade e, assim, estarmos livres para a vivência da interculturalidade. Nesse caminho a figura que emerge é a do peregrino, modo de ser de todo consagrado, toda consagrada, como o foi Jesus e tantos seguidores seus.

Permanecer unidos em Jesus

Nossa experiência de permanecer unidos em Jesus nos leva, necessariamente, a nos identificarmos com a sua pessoa, que nos

convida a amar o outro e ao mesmo tempo nos amarmos e deixarmos nos amar por Ele. E, nessa experiência de amor, redescobrir o valor da escuta, do diálogo, do caminho, do cultivo dos sentimentos de Jesus, da tomada de consciência de nossa corporalidade. Como resposta a essa experiência, os consagrados e consagradas são impelidos/as a acolher, aceitar, oferecer e agradecer.

Além dos estudos, reflexões, trabalhos e retiro, o CERNE 123 foi enriquecido também por passeios, dias livres, grupos de partilha, orientação espiritual, momentos litúrgicos, convivências, mensagens de superiores, jogos e caminhadas. E contamos, também, com visitantes da CRB local, apresentação online da equipe da CRB nacional e, ainda, tivemos o privilégio da presença da presidenta da CRB, Ir. Eliana por alguns dias.

Próxima edição: CERNE 124

A próxima edição do CERNE será realizada no Convento das Irmãs Missionárias Carmelitas em Mairiporã, SP, de 11 de fevereiro a 19 de março. Maiores informações e inscrições podem ser pedidas no seguinte endereço: cerne@crbnacional.org.br

Terminamos aqui com um apelo: “Vamos divulgar mais o CERNE em nossas congregações!

ORIENTAÇÕES PARA OS/AS COLABORADORES/AS

A Revista Convergência é uma publicação trimestral que aborda temas relacionados à Vida Religiosa Consagrada ou com reflexões que dizem respeito à missão desenvolvida pelos religiosos/as. Aceitam-se colaborações de religiosos, religiosas e de toda pessoa interessada na temática. Os artigos são publicados após consulta ao conselho editorial. Aceita-se também relatórios das Assembleias, Congressos, Encontros das Regionais, Nacionais e Internacionais, sempre em sintonia com os interesses da CRB Nacional.

Normas técnicas

Os textos devem ser enviados em formato .doc ou compatível, contendo entre 16 e 22 mil caracteres com espaços, fonte

Times New Roman, corpo 12, entrelinhamento 1.5. Aceitam-se apenas textos originais.

As referências de citações no corpo do texto são indicadas pelo sistema autor/data (SILVA, 2018, p. 23; SILVA; LIMA; OLIVEIRA, 2019, p. 987; CNBB, Paróquia: comunidade de comunidades, 2000, p. 82). Para referências bíblicas e documentos eclesiais utiliza-se a abreviatura consolidada (Is 24, 13; Lc 11, 5; LG 89; RM 31; DAp 28).

Citações diretas com mais de três linhas devem ser apresentadas em parágrafo a parte, caixa 10, espaço simples e endentação de 3,5 cm. Citações diretas com menos de três linhas são mantidas no parágrafo e colocadas entre aspas.

No final do artigo é apresentada a relação de todas as fontes

citadas no texto seguindo as normas abaixo indicadas.

Após a conclusão, apresentar duas ou três perguntas para estimular um diálogo em comunidades.

Resenhas, informes, relatórios, mensagens e outros artigos breves com informações relacionadas à Vida Religiosa Consagrada ou de seu interesse também serão publicados seguindo parecer do Conselho Editorial.

Modelos de Referências:

Referências de livros: SILVEIRA, João Antônio. Felicidade infeliz. São Paulo: Fronteira Sem Fim, 1977.

Capítulo de livro: PEREIRA, João. Os frutos da desilusão. Em: ANDRADE, Plácido. Pensamentos e sentimentos. São Paulo: Ser e Cantar, 2018. P. 28-67.

Referências de artigos de periódicos: ZACHARIAS, Ronaldo. Virtualidade: um novo desafio à vida religiosa e sacerdotal. Em: Convergência, Ano LVII, n. 538, p. 73-86, 2002,

Referências em meios eletrônicos: FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em: 16/11/2022.

Ao enviar o arquivo, os links devem estar ativados.

Resumo: Contendo, no máximo, 250 palavras, deve apresentar o objeto, o método, os recursos e as principais conclusões do texto. É seguido pela apresentação de três a cinco palavras-chave.

Identificação do autor: Nome completo; Instituição religiosa a que pertença (quando for o caso); endereço eletrônico para contato. A submissão de originais implica que o autor/a ceda totalmente os direitos autorais para a CRB.

E-mail para envio dos artigos: publicacoes@crbnacional.org.br

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)
 CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL
 BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE
 CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA

ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA



Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: convergencia@crbnacional.org
 Pode também acessar o site e imprimir o boleto: www.crbnacional.org.br

Nome completo:

Congregação:

Endereço:

CEP (código postal): Cidade: UF: País:

Nova assinatura () Renovação ()

Telefone: () E-mail:

Forma de pagamento:

Efetivo () Depósito Bancário () Agência: C/C:

Valor da Assinatura:

Brasil: R\$ 145,00 América Latina e Caribe: US\$ 80 Europa: E 70 Outros países: US\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag: 452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional (convergencia@crbnacional.org.br).